

DIANA LEONARDO DIAS

**PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA INTERNET: UM ESTUDO
SOBRE A REDE JOVEM RURAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2017

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

D541p
2017

Dias, Diana Leonardo, 1991-
Participação e representações sociais na internet : um estudo
sobre a rede jovem rural / Diana Leonardo Dias. – Viçosa, MG,
2017.

xii, 136f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Sheila Maria Doula.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: 123-136.

1. Juventude rural. 2. Representações sociais. 3. Internet.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Rural. Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. II. Título.

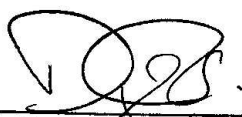
CDD 22 ed. 305.23

DIANA LEONARDO DIAS

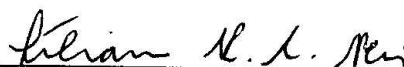
**PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA INTERNET:
UM ESTUDO SOBRE A REDE JOVEM RURAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 06 de dezembro de 2017.



Douglas Mansur da Silva



Lilian Perdigão Caixêta Reis



Sheila Maria Doula
(Orientadora)

Aos jovens rurais que resistem...

AGRADECIMENTOS

Agradecer significa reconhecer o valor do outro em nossas vidas, no meu caso, são vários outros, tantos, que em nenhuma hipótese eu poderia correr o risco de esquecê-los. Pensando nisso, agradeço imensamente a todos àqueles que contribuíram com abraços, sorriso, boas energias, palavras de carinho, apoio e incentivo.

Em minha inocência pensei que uma dissertação de mestrado seria feita por duas mãos, o resultado de um esforço solitário que se resumia em estudar e escrever, mas para a minha sorte, descobri, logo no início, que esse seria um processo de muitas mãos e muitos corações que pulsaram bem juntinhos ao meu. Por isso, agradeço primeiramente a minha família, meus pais Solange e Leonardo que me possibilitaram chegar até aqui e que incentivaram os meus vãos. Aos meus irmãos Rogério, Adriana e Carla por acreditarem em mim e me demonstrarem sempre o significado de amor e amizade, incluo aqui meu cunhado, Jorge que é também um irmão. Aos meus sobrinhos Lara, Mariana, Júlia e Miguel, agradeço por serem minha fonte mais pura de amor e me fazerem reviver a infância e adolescência com tanta magia. E, a minha vó Iracema, minha maior saudade e minha maior inspiração.

Ao Wallace agradeço pelo apoio nos momentos difíceis, pelo suporte de sempre e pelas melhores risadas do mundo. Agradeço também família dele que me acolheu e acabou se tornando minha família fora de casa, em especial, agradeço as duas avós que ganhei.

Aos meus amigos (de Congonhas/Lafaiete, Viçosa e Diamantina) agradeço por serem luz no meu caminho e por permanecerem comigo ao longo dessa jornada sendo força nos momentos de fraqueza. Em especial, agradeço a Tatá por toda a ajuda, principalmente nessa reta final e a Poliana que dividiu comigo todas as dores e delícias desse processo, que foi meu braço forte e meu ombro mais amigo.

Aos meus professores, agradeço por todo aprendizado e pela trajetória que me ajudaram a construir, em especial agradeço àqueles que foram verdadeiras inspirações. À professora Sheila, sou grata por acolher com tamanha generosidade e disposição no Observatório da Juventude Rural lá em 2014 desde então me proporcionar tamanho aprendizado (aproveito para agradecer ao grupo do observatório, que me enriqueceu a cada discussão). Chegamos ao fim de um ciclo e me faltam palavras. Ao Douglas minha gratidão pela construção desde a graduação e pela disponibilidade ao participar dessa banca. À Lilian, agradeço também pela disponibilidade em participar dessa banca e por tamanha generosidade.

Sou grata também aos jovens e gestores que foram tão atenciosos e disponíveis, por terem feito essa pesquisa mais leve e prazerosa e a todos os funcionários do DER que por muitas vezes passam despercebidos, mas que sem eles, a caminhada seria impossível.

Por fim e fazendo alusão a Gilberto Gil, agradeço a Diamantina que me deu régua e a Viçosa que me deu compasso.

A todos vocês, devo mais do que posso escrever.

Com amor,

Diana

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vii
LISTA DE QUADROS	vii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES	viii
RESUMO	ix
ABSTRACT	xi
INTRODUÇÃO	1
JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA.....	3
O PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO.....	5
OBJETIVOS	10
OBJETIVO GERAL.....	10
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
PERCURSO METODOLÓGICO.....	11
COLETA DE DADOS	12
O CAMPO.....	12
A NETNOGRAFIA COMO MÉTODO DE COLETA DE DADOS.....	18
A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	23
CAPÍTULO 1. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E INTERFACES COM O UNIVERSO JUVENIL	28
1.1 TICs E NTICs.....	28
1.2 OS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO: RELACIONAL E INFORMACIONAL.....	35
1.3 WEB 1.0 E 2.0.....	37
1.4 GERAÇÕES E TECNOLOGIAS.....	42
1.5 A INTERNET E A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA	45
1.6 AS COMUNIDADES ONLINE.....	47
CAPÍTULO 2. A REDE JOVEM RURAL NO CIBERESPAÇO: O BLOG E OS DOCUMENTOS EM FOCO	51
2.1 O BLOG.....	51
2.2 O BLOG EM UM DISCURSO NÃO TEXTUAL	57
2.3 O DISCURSO TEXTUAL.....	59
2.4 DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES NOS DOCUMENTOS DA REDE	66
2.4.1 OS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES.....	66
2.4.2 AS CARTAS	68

**CAPÍTULO 3. JUVENTUDE(S) E JUVENTUDE(S) RURAIS: COMPREENSÕES
TEÓRICAS, TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO RURAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS**

77

3.1	JUVENTUDE(S) E JUVENTUDE(S) RURAL (IS).....	77
3.2	AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E A (RE)CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	82
3.3	JUVENTUDE RURAL, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES	86
3.4	O RURAL CONECTADO E A JUVENTUDE	90

**CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CAMPO, A REDE E A JUVENTUDE
RURAL**

93

4.1	QUE JOVENS SÃO ESSES?	94
4.2	SER JOVEM RURAL? ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS	96
4.3	A INTERNET COMO UM NOVO UNIVERSO DE REFERÊNCIAS: PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÕES	104
4.4	ENCONTROS E DESENCONTROS: O JOVEM, A REDE E OS GESTORES	108
4.5	A REDE JOVEM RURAL NA PERSPECTIVA JUVENIL	113
5	ALGUMAS REFLEXÕES.....	118
6	REFERÊNCIAS.....	123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Esquema da metodologia utilizada.	17
Figura 2. Esquema da metodologia executada.	21
Figura 3. Diferenças entre a web 1.0 e 2.0.....	40
Figura 4. Página inicial do blog da Rede	54
Figura 5. Logomarca da Jornada Nacional do Jovem Rural	57
Figura 6. Logomarca do Intercambio da Juventude Rural.....	58
Figura 7. Logomarca do Ligado na Rede.....	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Quadro comparativo entre os modelos de web	39
Quadro 2. Publicações da Rede Jovem Rural	59
Quadro 3. A síntese das Cartas.....	68
Quadro 4. Perfil geral dos jovens entrevistados	94

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

- ADEL – Associação de Desenvolvimento Econômico Local
- ADJER – Associação de Jovens Empreendedores Rurais
- AMEFA – Associação Mineira das Escolas Família Agrícola
- Arcafar Sul - Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil
- ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
- BA – Bahia
- CEDEJOR – Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural
- DAP – Declaração de Aptidão ao Pronaf
- DF – Distrito Federal
- ES – Espírito Santo
- GO – Goiás
- IBELGA – Instituto Bélgica Nova Friburgo
- ISC – Instituto Souza Cruz
- MCR – Mass Communication Research
- MEPES - Movimento de Educação Promocional do Estado do Espírito Santo
- MOC - Movimento de Organização Comunitária (MOC)
- NTIC – Novas Tecnologias de Informação e Comunicação
- PE – Pernambuco
- Pnater – Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
- PPGER – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
- PR – Paraná
- Pronaf – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
- RJR – Rede Jovem Rural
- RS – Rio Grande do Sul
- SC – Santa Catarina
- SERTA - Serviço de Tecnologia Alternativa
- TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação
- TRS – Teoria das Representações Sociais
- UFV – Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

DIAS, Diana Leonardo, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2017. **Participação e representações sociais na internet: um estudo sobre a Rede Jovem Rural.** Orientadora: Sheila Maria Doula.

No cenário atual, é inegável que o avanço das tecnologias, com destaque para as telecomunicações, tem causado mudanças significativas no espaço rural, entre elas, campo conectado influi na diluição das construções do imaginário referentes ao isolamento e ao atraso. A literatura, de maneira geral, tem sido otimista as perspectivas da internet, devido à introdução de novos atores sociais, a redução das distâncias e encolhimento do tempo e expansão dos diálogos em escalas globais. Nesse sentido, a internet estabelece de maneira muito natural uma proximidade com o universo juvenil a partir da rápida absorção das novas formas de sociabilidade, hábitos e costumes que são adaptáveis às distintas experiências e estilos de vida juvenis. Dessa forma, buscou-se a partir de uma rede de jovens com espaços presenciais e virtuais mapear as influências das TICs nas representações dos jovens participantes da Rede Jovem Rural sobre o campo, a internet e a juventude rural. Para tanto, as escolhas metodológicas consistiram em levantamento documental, pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, que se deu por meio de um campo físico e uma imersão netnográfica com entrevistas online. A análise dos dados teve o aporte teórico-analítico das representações sociais. Quanto à estruturação, essa dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos mais considerações finais: o primeiro abrange basicamente as Tecnologias da Informação e comunicação, as modificações que elas têm ocasionado na sociedade contemporânea e as transformações no cenário da comunicação e da informação; no segundo capítulo o exercício foi descrever e analisar o universo virtual da Rede Jovem Rural e as representações identificadas no discurso institucional; no terceiro capítulo é dedicado à juventude rural, suas relações com o campo e com o espaço rural ampliado pelas tecnologias e; o quarto e último capítulo é destinado às representações em torno da Rede, envolvendo assim, as entrevistas com os gestores e jovens, onde buscamos compreender, por meio do discurso, os aspectos objetivos e subjetivos que conectam os jovens à Rede Jovem Rural. Como resultado, destaca-se que entre os jovens o consenso de que a internet é um espaço de divulgação e visibilidade para o campo, que amplia horizontes, facilita a comunicação e a manutenção dos vínculos além proporcionar outras formas de conhecimento e fontes de informação. No entanto, ainda que ela seja um universo de possibilidades, está longe de uma representação unívoca entre os

jovens, que também a associaram à reprodução de desigualdades, falta de privacidade, distanciamento das relações mais próximas, comodismo e manipulação de notícias e falta de efetividade prática. Além disso, ainda que a internet propicie a essa geração de jovens a experiência do multipertencimento, entende-se que esse é também um processo de reafirmação identitária, valorização da cultura e de seus modos de vida, evidenciando nas representações sentimentos enaltecidos sobre o campo e o orgulho em ser jovem rural. Por fim, vale destacar que a Rede exerce um papel importante na vida dos jovens participantes, cumprindo com seus principais objetivos que são: aproximar as juventudes rurais, proporcionar trocas de experiências e atuar na formação das identidades fazendo com que jovens de regiões distintas se reconheçam como jovens rurais mesmo em meio a tantas diferenças. Porém não se pode deixar de mencionar que por traz do discurso da Rede existe um discurso empresarial relacionado à sustentabilidade e que a premissa de colocar em evidência o “sujeito de direitos” acontece por meio de um discurso questionável. Ainda nesse contexto, foi possível perceber que o jovem da Rede é “um novo ator social” não porque é, de fato, protagonista de suas falas e ações, mas porque passou a ser objeto de projetos que entendem cidadania e protagonismo como parte dos conteúdos educacionais.

ABSTRACT

DIAS, Diana Leonardo, M.Sc., Federal University of Viçosa, December, 2017. **Participation and social representations on the internet: a study on the Rural Young Network.** Advisor: Sheila Maria Doula.

Nowadays, the advance of technology, especially telecommunications, has inarguably caused significant changes in the rural area, such as the dilution of the imaginary constructs associated with isolation and rudimentariness. Literature has been generally optimistic with perspectives related to the internet due to the introduction of new social actors, shortened distances and times and expansion of dialogues in a global scale. In this context, the internet naturally approaches the juvenile universe through the quick absorption of new forms of sociability and habits, being those easily adaptable to different experiences and life styles. In this study, we mapped the influence of Information and Communication Technologies (ICTs) upon the Rural Young Network participants' representations about the countryside, the internet and rural youth. To do so, we used documentary surveys, bibliographic research and field research, the latter comprising *in situ* field assessments and an ethnographic immersion based on online surveys. Data analysis relied on the social representations' theoretical-analytical support. This dissertation is structured in four main chapters and concluding remarks. The first chapter approaches ICTs, the changes they promote in the contemporary society and the transformations in the communication and information scenario. The second chapter seeks to describe and analyse the virtual universe of the Rural Young Network and the representations identified in the institutional mentality. The third chapter is dedicated to the rural youth, its relations with the countryside and with the rural space amplified by technologies. Lastly, the fourth chapter portrays the representations surrounding the Network, comprising the interviews with the managers and youngsters, which were carried out as an attempt to understand, through speech, the objective and subjective aspects that connect the youngsters to the Rural Young Network. A notable result is that most youngsters agree that the internet is a space for divulgation and visibility for the countryside, broadening horizons, making communication and bonding easier, as well as providing new sources of knowledge and information. However, although it represents countless opportunities, the internet is still far from a unique representation among the youngsters, who also associated it to the reproduction of inequalities, lack of privacy, distancing from physically close relationships, self-indulgence, news manipulation and lack of practical effectiveness. Furthermore, even though the internet provides the young generation with the experience of multiple belonging,

this process also represents identity reassurance and valorisation of culture and ways of living, given that the representations also evidence noble feelings towards the countryside and pride in being a rural youngster. Lastly, it is worth noting that the Network plays an important role in its participants' lives, achieving its main goals, namely to bring rural youths closer, to encourage sharing of experiences and to take part in identity formation, making youngsters from distinct regions recognise themselves as rural individuals in spite of the local differences. Nonetheless, it can't be left unsaid that, behind the Network rhetoric, there is a business agenda associated with sustainability, and that the premise of bringing the "rightful subject" to the front is based on a questionable reasoning. Still in this context, we could notice that, albeit not by its own speaking nor making, the Network youngster is a new social actor, since it became a target for projects that see good citizenship and protagonism as part of educational standards.

INTRODUÇÃO

No cenário atual brasileiro existem representações diversas e contraditórias sobre o campo que vão desde o papel caricato dos personagens televisivos até o discurso de que “*o agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo*”¹. O fato é que as representações que formam o imaginário e a memória coletiva ligadas ao meio rural estão em um processo de transformação, causado por diferentes fatores, sobretudo pela influência das tecnologias da informação e comunicação, que tiveram o primeiro grande impacto por meio do rádio e da televisão e têm sido intensificadas com a popularização da internet.

Desse modo, contrapondo-se às imagens historicamente cristalizadas do homem sujo, matuto, caipira, pouco estudado, avesso à modernidade, que tem causado incômodo e desconforto às populações rurais, a grande mídia tem (re)apresentado, sob outra perspectiva, a população, o campo como “uma terra de possibilidades”, de novos empregos, um ritmo de vida agradável, perto da natureza, longe da poluição, do caos das grandes cidades e, agora, acessível, moderno e informatizado, quase um tipo ideal.

Em meio a esses dois pólos, encontram-se os jovens, que vêm seus projetos de vida influenciados pelas mídias e que entram em contato com discursos idealizados sobre o espaço rural, mas, na maioria das vezes, têm seus projetos de vida e o campo de possibilidades restrito por condicionantes estruturais.

Sob essa perspectiva, como a transformação do rural possibilita novos espaços de socialização juvenil, o argumento de Sarti (2004, p. 20) sugere que o lugar do jovem no ambiente familiar é o daquele que introduz a alteridade por meio de novos discursos, seja ele de ruptura, inversão ou reafirmação do discurso oficial. Esse processo, para a autora, tem um papel decisivo nas relações familiares e, principalmente, “para o lugar do jovem, em busca de uma identidade própria que se constrói pelas várias alteridades com as quais se enfrenta”.

A busca de outras referências para a construção identitária fora da família caracteriza parte do processo de afirmação individual e social juvenil; assim, observa-se entre os jovens, a necessidade de recriar “famílias” como construção de “nós”, o que resulta na formação de vários *peer groups* (grupos de pares) e de outras tantas formas de expressão do jovem no espaço público (SARTI, 2004). A partir desse entendimento, compreende-se a rápida identificação dos jovens com as novas formas de sociabilidade introduzidas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

¹Propaganda veiculada pela maior rede de televisão do país

No meio rural, segundo Guimarães et.al (2015) é basal que se reconheça a importância das TICs como facilitadoras da comunicação e das trocas de experiências, especialmente entre os jovens que vêem seu mundo social “aumentado” devido à possibilidade de se deslocarem, virtualmente, de seus espaços geográficos, podendo pertencer a diferentes redes. Assim, ao abordar as TICs busca-se compreender a interferência que elas, a partir da ideia de sociedade em rede (tal como identificada por Castells) afetam as expectativas juvenis em relação à trajetória de vida e participação em movimentos de juventude rural. Ainda conforme os autores, este processo sugere novas perspectivas para as populações rurais tanto nos aspectos relacionados ao acesso à informação como nas interações sociais.

Por outro lado, autores como Elisa Guaraná de Castro, Maria José Carneiro, Maria Assunção de Lima Paulo, Maria de Nazareth Baudel Wanderley e José de Souza Martins têm demonstrado ao longo de suas pesquisas que o campo possui particularidades históricas e realidades distintas decorrentes do fato de ser o Brasil um país continental. Assim não podemos supor que esse campo de possibilidades aberto pelas TICs tenha o mesmo impacto e a mesma abrangência entre os jovens rurais.

Nesse sentido, os desafios de ser jovem rural implica em (con)viver em um contexto de contradições em que novas possibilidades surgem com os avanços da modernidade e inserem o campo em uma nova dinâmica de relações estabelecendo uma fluidez rural-urbano e, mais recentemente, real e virtual. Mas, ao mesmo tempo, falta infra-estrutura básica, crédito para o acesso à terra, opções de lazer que não sejam a cidade, educação de qualidade e adequada às necessidades do campo, entre outros aspectos que influenciam diretamente as escolhas (ou a impossibilidade de fazê-las) juvenis.

Em relação a esse debate, a prioridade dessa investigação está em compreender como as tecnologias da informação e comunicação têm influenciado as representações dos jovens rurais nesse contexto controverso. Para tanto, o lócus empírico foi a Rede Jovem Rural, um coletivo de instituições dedicadas a desenvolver projetos destinados à juventude rural e que mantém espaços de interação tanto *online* como *off-line*. De tal modo, a compreensão analítica dessa dissertação perpassa pela apreensão dos discursos observados na Rede Jovem Rural e da capacidade que ela tem de promover, em seus espaços físicos ou virtuais, oportunidades de reflexão, informação, convívio social, trocas de experiências e lazer e como isso reflete na (re)construção do imaginário dos jovens participantes.

Também é importante mencionar que esta investigação está alicerçada no aporte teórico da teoria das representações sociais cujo pressuposto abarca a dimensão social,

cognitiva e afetiva das interações sociais. Assim, a partir do entendimento de que a dinâmica das interações envolve tanto o imaginário social quanto individualidade do sujeito, as representações sociais se fazem extremamente importantes para a compreensão de que a pertença social dos indivíduos abarca “implicações afetivas e normativas, com as interiorizações de experiências, práticas, modelos de condutas e pensamento” (JODELET, 2001, p. 22).

Por fim, essa dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos mais considerações finais: o primeiro abrange basicamente as Tecnologias da Informação e comunicação, as modificações que elas têm ocasionado na sociedade contemporânea e as transformações no cenário da comunicação e da informação; no segundo capítulo o exercício foi descrever e analisar o universo virtual da Rede Jovem Rural e as representações identificadas no discurso institucional; o terceiro capítulo é dedicado à juventude rural, suas relações com o campo e com o espaço rural ampliado pelas tecnologias e; o quarto e último capítulo é destinado às representações em torno da Rede, envolvendo assim, as entrevistas com os gestores e jovens, a partir de onde buscamos compreender, por meio do discurso, os aspectos objetivos e subjetivos que conectam os jovens à Rede Jovem Rural.

JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA

A justificativa para que esta dissertação seja desenvolvida dentro de um Programa de Pós- Graduação em Extensão Rural se dá, principalmente, pela necessidade de compreender a juventude rural como um ator social importante nos processos histórico-sociais que envolvem o campo na contemporaneidade. Isso porque, um dos principais problemas enfrentados pelas unidades familiares diz respeito à sucessão da agricultura e da propriedade familiar, além do processo de esvaziamento e envelhecimento do espaço rural.

Além disso, autores como Stropassolas (2013), Paulo (2011), Castro e Carneiro (2007), Carneiro (1998), ressaltam a juventude como produto e processo das construções sociais, tomadas em uma dimensão simbólica, que se encontram em constante transformação, sendo assim diretamente influenciadas pelos contextos sociais em que se inserem. À vista disso, conforme Mannheim (1928, p. 83), as gerações estão em permanente interação e a cultura acumulada, muitas vezes cristalizada em tradições, sofre a cada nova geração adaptações de modo que “a modernidade da juventude, portanto, consiste em estar mais próxima dos problemas atuais”. Logo, a juventude rural, como as demais juventudes, pode significar a continuação, a transformação ou a ruptura de seu grupo social.

A partir desse entendimento, ressalta-se que a temática da juventude rural, nos últimos anos, vem ganhando espaço na academia, apesar da maior atenção à juventude urbana. Adicionado a esse fato, encontra-se o despreço pelo rural nas ciências sociais (MARTINS, 2013). Dessa forma, fica uma lacuna significativa e que deixa em aberto um campo de possibilidades para pesquisas que se dediquem a compreender o jovem para além “do ficar ou sair”. Especificamente ao tratar das tecnologias das informações e comunicação, encontram-se pouquíssimas pesquisas que as relacionem aos jovens rurais.

Outro fator motivador dessa análise consiste no fato de a Rede Jovem Rural ser um projeto coletivo, composto por cinco instituições (localizadas em regiões e estados distintos do país: ES, BA, SC, RS, PE) dedicadas a desenvolver projetos educacionais com jovens rurais e um instituto, localizado no Rio de Janeiro, ligado a uma grande empresa. A Rede Jovem Rural, além de dois espaços virtuais dedicados às atividades da Rede, um blog e uma comunidade no Facebook, organiza anualmente os dois maiores encontros de juventude do país: a Jornada Nacional do Jovem Rural e o Intercâmbio da Juventude Rural. O desafio, neste caso, consiste em analisar o papel da iniciativa privada nos serviços de extensão rural, que conforme a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – Pnater (2004), assim como os serviços públicos de ATER, devem ser promotoras de metodologias participativas, devendo desempenhar um papel educativo e que impulse o processo de desenvolvimento rural sustentável, ao mesmo tempo em que devem privilegiar o potencial endógeno das comunidades e territórios, valorizar o conhecimento tradicional dos agricultores familiares e demais populações rurais, bem como estimular o uso sustentável dos recursos naturais.

Também é relevante destacar a importância científica dessa dissertação dentro do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural – UFV (PPGER), em sua linha Identidade e Representações Coletivas que “destina-se a desenvolver pesquisas relacionadas ao conhecimento e análise do processo de constituição e transformação de identidades socioculturais em contextos rurais” (DER, 2017). Desse modo, o campo é entendido para além das dimensões produtivas, como espaço de vida, sociabilidades e dimensões simbólicas. Nesse sentido, é instigante a tentativa de compreender como tecnologias da informação e comunicação têm influenciado nas construções identitárias e representações juvenis, uma vez que um novo campo de possibilidades e sociabilidade se abre para esses jovens.

Por fim, existe uma motivação pessoal para o desenvolvimento deste trabalho. Primeiro, porque, no fundo, o trabalho conta um pouco da história do pesquisador e o interesse pela juventude rural se relaciona à minha trajetória de vida, uma vez que me aproxima de alguma forma da comunidade rural na qual vivi toda a minha infância. Segundo,

que meu esforço de compreender, com uma explicação sociológica, a juventude como grupo social marca quase toda a minha graduação, na qual tive a oportunidade de participar de projetos de iniciação científica e ensino com essa temática. Esse percurso me levou a integrar o Observatório da Juventude Rural, do qual faço parte desde 2014 e que além do suporte teórico e metodológico proporcionados nas discussões do grupo, foi de extrema importância para a minha construção pessoal e profissional.

O PROBLEMA DE INVESTIGAÇÃO

Martins (2013) revelou em entrevista concedida à Universidade Federal de Viçosa que há, no Brasil, um desprezo pelo rural, o que, no limite, reflete tanto na realidade das populações rurais (inclusive em suas formas identitárias), quanto na academia e no conhecimento que se produz, uma vez que os estudos dedicados ao campo são “menores” em praticamente todas as áreas do conhecimento.

As ciências sociais, obviamente, não fogem desse panorama e, como sinaliza Martins (2013), ainda que especificamente abordando a sociologia, há uma repulsa ao abordar o campo; é como se fosse uma sociologia menor, “quem não tem competência nas ciências sociais vai fazer sociologia rural” (MARTINS, 2013, s/p). Esse pré-conceito em conhecer o Brasil rural e o desprezo por suas profissões, para o autor, limita o alcance de nossas análises e depaupera enormemente a compreensão que temos sobre o que é o Brasil (MARTINS, 2013, s/p).

A realidade social, para o autor, passa pela margem, de modo que para compreender o Brasil é necessário se desvencilhar do núcleo visível da realidade social “não adianta focar no centro (...) aquilo que está na sua frente. Você tem que ir pela margem, porque é no insignificante que está a significação daquilo que nada significa” (MARTINS, 2013, s/p).

Nos estudos de juventude, Castro (2009) e Sposito (2010) alertam sobre a pouca ênfase dada aos jovens do campo, cuja visibilidade acadêmica gira em torno das juventudes urbanas e de preferência das grandes metrópoles, exprimindo assim uma fragilidade sobre a temática no Brasil. Partindo dessa compreensão, de que há uma necessidade evidente de falar sobre o campo e sobre os jovens rurais nas pesquisas acadêmicas, é que se delineiam as questões que norteiam esse problema de investigação.

Carneiro (1998) observa que nos últimos anos, em função de um cenário de crise na agricultura familiar e na economia recente, o campo tem se tornado um lugar cada vez mais heterogêneo, diverso e pluriativo, deixando de ser exclusivamente agrícola. Observa-se assim

que as mudanças ocorridas no campo não são resultado apenas de fatores externos, uma vez que esse processo influencia diretamente em sua dinâmica interna, provocando redefinições sociais e econômicas que são expressas no comportamento e na expectativa das populações rurais, por meio da interação com os valores e símbolos que representam a cidade. Nesse processo, ressaltam-se os jovens e conseqüentemente a emergência dos conflitos nos grupos sociais rurais (STROPASOLAS, 2013), isso porque, como evidenciado por Carneiro (1998), com dissolução das fronteiras entre campo e cidade, a juventude rural é afetada de maneira mais contundente.

O ritmo acelerado dessas transformações nas relações sociais e de trabalho, em decorrência do processo de urbanização do campo, tem modificado as noções de rural e urbano, que passam a ser compreendidas a partir de representações sociais, que em algumas regiões do Brasil, já não correspondem às representações do imaginário sobre o campo como lugar do atraso (CARNEIRO, 1998). O avanço dos meios de transportes e da tecnologia, com destaque para as tecnologias da comunicação e informação, desempenhou papel fundamental ao promover mudanças nas relações sociais e ao encurtar as distâncias.

No entanto, não se pode considerar que tal processo se constitui de maneira homogênea; na realidade brasileira, é preciso compreender que (1) o campo, em toda a sua extensão, não está passando pelo mesmo processo de transformação e, (2) que os efeitos da modernização e da urbanização do campo não têm atingido as populações rurais de maneira uniforme, assim como não atingem com a mesma intensidade e proporção seus diferentes segmentos. Desse modo, não podemos falar em ruralidade, mas em ruralidades, uma vez que elas expressam a heterogeneidade do universo social, cultural e econômico no qual o campo está inserido (CARNEIRO, 1998).

Em decorrência dessas múltiplas ruralidades, nota-se que as transformações ocorridas no campo relativas à infraestrutura, ao acesso à tecnologia, ao transporte, à distribuição das políticas públicas, entre outros aspectos, também não atingem os jovens de maneira homogênea, dependendo, deste modo, do contexto em que estão inseridos.

Assim, apesar de as redes terem propiciado uma geração de jovens conectados com o mundo, o conceito de juventude demarca o quão heterogênea é essa categoria – em questões de acesso, desigualdade, localização, etnia, posição de classe e gênero, contexto econômico e sócio-cultural, de modo que a literatura privilegia o conceito de juventudes – juventudes urbanas, juventudes rurais, juventude das águas, juventude da floresta, dentre outras (STROPASOLAS, 2014; PAULO, 2013; CASTRO, 2009; 2008; WANDERLEY, 2009; DAYREL; 2007; WEISHEIMER, 2005). De tal modo, mesmo considerando que a

propagação instantânea de “certos símbolos e valores pelos mais diversos países permite que jovens – de diferentes condições sociais e de diferentes locais do mundo – de alguma forma partilhem um mesmo universo de referências” (NOVAES E VITAL, 2005, p. 113), a juventude rural é considerada em suas especificidades, pois as visões de mundo, de si e do outro estão intimamente conectadas ao lugar de onde se fala (PAULO, 2011), pois “sabemos que não há realidade humana exterior à cultura, uma vez que os seres humanos se constituem em cultura, portanto, simbolicamente” (SARTI, 2004).

Partindo da premissa de que o indivíduo é cultura (GEERTZ, 2008), compreende-se alicerçado em Sarti (2004) que por meio dos processos de socialização captamos uma ordem simbólica, ou seja, atribuímos sentidos e significados que ordenam o mundo conforme as regras da sociedade em que vivemos. Desse modo, a juventude rural está, de maneira geral, fundamentada sob a lógica da família, do contato com a natureza e do trabalho.

Logo, segundo Wanderley (2001), é preciso considerar que o campo mantém particularidades históricas que o circunscrevem em uma realidade própria, o que por sua vez, não indica o isolamento do mundo rural, mas faz dele um espaço diferenciado cuja construção social é caracterizada por um processo de identificação com o território, de relações com o ambiente natural e sobrenatural, com formas de trabalho e suas técnicas, com a tradição, formas de dominação e disputas por poder. Além disso, é o lugar onde se vive (modo de vida/identidade) e de onde se enxerga o mundo (cidadania/inserção na sociedade) (WANDERLEY, 2001).

A transmissão da identidade social familiar (socialização primária), uma das principais responsáveis por formar as lentes pelas quais o indivíduo lê o mundo, é por si só, repleta de valores simbólicos e materiais que formam o jovem rural juntamente com a profissão de agricultor e, com isso, garantem a continuidade da propriedade e dos valores fundamentais desse grupo (SPAVANELLO, 2005). Não obstante, as transformações do campo e as constantes e inúmeras interações, objetivas e subjetivas, com a cidade e, mais recentemente a influência dos meios de comunicação, principalmente a internet, interferem diretamente nas perspectivas de futuro dos jovens. Isso porque a internet trouxe consigo “um novo horizonte”, que além de expandir as visões de mundo de seus usuários, influenciam de maneira direta ou indireta na elaboração de seus projetos de vida uma vez que o mundo virtual apresenta um novo campo de possibilidades, ainda que não acessível a todos. Tal processo implica na transformação da identidade social jovem uma vez que a identidade nunca é acabada mas construída e (re)construída (DUBAR, 2005), o que pode afastar o jovem

da profissão de agricultor (SPAVANELLO, 2005), ou ainda que a mantenha, modificar sua relação com o campo e/ou formas de produção, consigo e com a família.

Diante desse cenário, a internet se apresenta como um espaço de possibilidades de expressão e distintos modos de interação como blogs, sites, aplicativos de conversa, entre outros, cuja adesão se dá principalmente entre os jovens, indicando que essa é uma realidade irreversível na vida juvenil contemporânea (SOUZA, 2011). Dessa forma, é importante considerar que as mediações por computador estão cada vez mais presentes na vida cotidiana e as fronteiras entre o mundo real e o mundo virtual estão cada vez mais tênues já que ambos fazem parte de uma mesma realidade.

Assim, ainda que de um modo geral, a afinidade entre os jovens urbanos e a tecnologia seja mais visível, há de se considerar que existe aqui uma unidade de geração no sentido mannheimiano, na medida em que os efeitos da tecnologia são observados na juventude como grupo concreto, sendo assim um reflexo e uma representação dessas gerações². Entende-se então que as gerações são um fenômeno de localização social; “a similaridade de situação só pode ser definida através da especificação da estrutura social na qual e através da qual os grupos estão situados na realidade histórico-social” (MANNHEIM, 1928, p. 71)

Com base no exposto, é importante compreender que os efeitos da tecnologia em uma dada situação geracional permite analisar as representações que permeiam o universo juvenil e mapear os multipertencimentos. Apreende-se, assim, que a construção das identidades, neste caso a identidade de jovem rural, é um processo dinâmico e que transcorre no tempo, transformando-se e adequando-se a múltiplos níveis de realidade e contextos socio-culturais e tecnológicos que, apesar de adaptáveis, são carregados de valores e significados que estão referenciados nas instituições e espaços de sociabilidade (VELHO, 2006).

Nota-se, porém, a partir das reflexões expostas por Castro (2009a), que esse é um cenário controverso. De um lado, o contato com a cidade, com as tecnologias da informação e comunicação, os interesses em comum com jovens urbanos e a apropriação de símbolos que representam a cidade fazem com que, no âmbito familiar, se estabeleça um conflito pelo fato de o jovem rural ser considerado “muito urbano”. Por outro lado, ainda que a mídia, recentemente, venha (re)produzindo novas representações sobre o campo, permanece no imaginário social a figura do jovem caipira e caricato.

²Referimos aqui às gerações Y e Z que foram socializadas em meio às novas tecnologias da informação e comunicação, como será demonstrado no capítulo 1.

Observadas essas contradições, Wanderley (2001) baliza que a situação de ambiguidade e complexidade é a que melhor explicita a condição social da juventude rural, pois por mais próximas que sejam as experiências vivenciadas pelos indivíduos, sobretudo devido aos avanços tecnológicos, a sociedade se torna cada vez mais desigual e heterogênea em virtude da distribuição desigual de recursos (STROPASSOLAS, 2014).

Exemplo desse cenário foi o *I Seminário Nacional Juventude Rural e Políticas Públicas*, que contou com a participação de diversos segmentos da juventude rural e buscou conhecer as demandas que permeiam o cotidiano dos jovens. Destacam-se, entre as várias reivindicações, a necessidade de acesso à terra, isto é, uma reforma agrária ampla, massiva e de qualidade, bem como o acesso ao crédito³ para a produção. Além da terra, a educação, em todos os níveis de ensino e não apenas cursos em áreas agrícolas é, ainda, uma das grandes preocupações dos jovens do campo, assim como modelos sustentáveis de produção, trabalho agrícola e não agrícola, assistência técnica, energia elétrica, saneamento básico, saúde, estradas, meios de transporte, locais de armazenamento para produção e acesso às tecnologias (MENEZES, STROPASOLAS e BARCELLOS, 2014). É em função deste cenário de desigualdade, permeado por carências estruturais, que a juventude rural, fazendo uma alusão a Canclini (2004), é considerada “desigual”.

Paradoxalmente, as necessidades juvenis se expandem para além dessas demandas estruturais e passam a incluir lazer, esportes, inclusão digital, acesso à informação e cultura, autonomia e reconhecimento. No que tange às TICs, especificamente, deve-se levar em consideração os limites da internet no Brasil tanto em relação ao acesso quanto ao letramento digital, tendo em vista que eles não são distribuídos de maneira uniforme pelo país e que aproximadamente 50% da população que reside nas áreas rurais brasileiras⁴ não tem acesso às redes, o que se configura, conforme aponta a literatura, limites ao exercício da cidadania.

Segundo Cogo (2012), a cidadania perpassa pela democratização dos meios de comunicação como condição fundamental para a conquista da igualdade social, estando, deste modo, incluída como uma “questão comunicacional” na pauta de lutas da sociedade civil. A autora salienta ainda que as tecnologias da informação e comunicação têm se constituído

³A principal discussão em relação ao crédito gira em torno do PRONAF Jovem e a necessidade de que ele seja, de fato, uma política pública voltada aos jovens e que reconheça a diversidade das juventudes do campo. Para ter acesso ao PRONAF Jovem, além da DAP (Declaração de Aptidão ao Pronaf), o jovem precisa se afirmar como agricultor(a) familiar, ter tempo de formação e assistência técnica. Esses critérios, conforme sinalizado no *Seminário*, têm atuado como fator de exclusão para uma parcela dos jovens do campo e, para outra parcela, tem funcionado como “PRONAF filho”.

⁴Informação encontrada na página do Portal Brasil <http://www.brasil.gov.br> sinaliza que os celulares superaram os computadores em acesso a internet e mais da metade da população rural, com mais de 10 anos de idade (52,5%), em 2014, tinha acesso por meio dos celulares.

como espaços de construção e circulação de imaginários e agendas relacionados às disputas de cidadania em instâncias socioeconômicas, políticas e culturais, favorecendo modos de integração e participação na rede que muitas vezes se caracterizam por serem difusos, efêmeros, descentralizados e multidimensionais, divergindo da lógica tradicional fundante dos movimentos sociais.

Assim, apesar da necessidade de considerar o grande contingente de “desconectados”, seja pela falta de acesso à internet, ao computador, pela qualidade do acesso ou mesmo pela falta de confiança nas relações online, mas que nem por isso deixa de fazer parte da vida pública e das decisões locais, que se articula em reuniões, distribui panfletos, participa de movimentos religiosos, entre outros, a juventude rural também está imersa nesse conjunto de novas relações e sociabilidades que se (re)constituem a partir das conexões em rede e que interferem e mediam os processos de difusão da informação e comunicação (REDIN, et. al. 2013).

Isso posto, apesar de ainda serem muitos os limites das tecnologias da informação e comunicação no Brasil, os jovens rurais de hoje emergem no cenário social como um novo ator social e político e, segundo Castro (2008), aparecem de forma mais visível e organizada a partir dos anos 2000, especialmente em movimentos massivos como as manifestações de rua; “essas ações são organizadas visando dar visibilidade nacional e/ou regional ao/aos movimento(s) envolvido(s), ao mesmo tempo, [em que] fortalece e legitima a juventude nos próprios movimentos sociais” (CASTRO, 2008, p. 252), e também como grupo concreto na reivindicação de direitos e beneficiário de políticas públicas.

Essa diversidade das formas de inserção, considerando os espaços, físicos e virtuais, da Rede Jovem Rural e as diferenças entre estar “*in*” ou “*out*” estimulam o desafio de analisar como as juventudes rurais têm se posicionado em torno de debates que historicamente fazem parte do campo brasileiro, bem como das condições juvenis na atualidade, da redução das fronteiras entre o campo e a cidade e sobre o papel das tecnologias. Pensando nisso, essa pesquisa procura entender: *Como as novas tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet, influenciam as representações sociais dos jovens rurais?*

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar as representações sobre o campo e a juventude rural na Rede Jovem Rural em seus espaços presenciais e online.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Mapear os temas e proposições discutidos na Rede Jovem Rural;
- Identificar os discursos, institucional e juvenil, expostos na Rede Jovem Rural;
- Analisar as representações identificadas nos discursos;
- Entender o papel das TICs nas representações juvenis.

PERCURSO METODOLÓGICO

Ao tomar os objetivos propostos como norteadores para essa investigação, o primeiro esforço se deu no sentido de compreender que este trabalho não se propõe a uma discussão que esgote o conceito de representações e suas aplicações às três principais temáticas aqui abordadas – a juventude, o rural e as TICs, pois o tempo de trabalho em um mestrado torna essa ambição inviável. A construção rotineira de novos trabalhos limita a capacidade de qualquer pesquisador esgotar sua capacidade de conclusão sobre o tema. Nesse sentido, o trabalho buscou compreender as representações de um grupo específico - A Rede Jovem Rural.

Isso posto, entende-se que o interesse da pesquisa social se descreve pela forma com que as pessoas expressam e falam sobre o que é importante para elas e também como significam suas ações e as dos outros; nesse sentido, para interpretar adequadamente os acontecimentos sociais, exige-se um pluralismo metodológico (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015). Esse pluralismo perpassa ainda pelo entendimento de que a escolha dos métodos está além da técnica de análise e interpretação dos dados, uma vez que as escolhas metodológicas delinham a pesquisa dentro de um campo de possibilidade que envolve questionamentos, limites e possibilidades, interferindo tanto na forma de se fazer ciência quanto nos resultados.

Por esse prisma, é importante compreender que a pesquisa social apoia-se em dados sociais de um mundo representado que é construído pelos processos de comunicação, ao mesmo tempo em que é o resultado deles (BAUER;GASKELL; ALLUM, 2015). Portanto, devido à complexidade que envolve um estudo de representações bem como pela impossibilidade de reduzi-lo à quantificação, optou-se por uma metodologia qualitativa do tipo exploratória. Cabe destacar que a pesquisa qualitativa permitiu investigar com maior profundidade e aproximação as representações que permeiam o universo da Rede Jovem Rural.

Para Gil (2008), as pesquisas exploratórias são as que apresentam menor rigidez de planejamento e execução e habitualmente envolvem pesquisa bibliográfica e documental, entrevistas e estudos de caso. Seguindo essa lógica, inicialmente foi realizado um levantamento documental sobre a Rede Jovem Rural nos sites institucionais e na sede do Instituto Souza Cruz, que apesar dos poucos registros encontrados, foram fundamentais para a compreensão dos temas propostos e discutidos nos espaços virtual e físico, bem como a intencionalidade da proposta em torno da qual surge a Rede. Corrobora-se, dessa forma, com a interpretação de Sá-Silva et al. (2009), de que a pesquisa documental envolve uma riqueza de informações que possibilita ampliar o entendimento sobre o objeto de pesquisa.

O segundo momento metodológico consiste na pesquisa bibliográfica, que perpassa todo o trajeto de escrita da dissertação, e tornou-se imprescindível tanto para o entendimento da proposta teórica quanto para o recorte das categorias analíticas utilizadas: Juventude(s) Rurais(is); Representações sociais e; TICs. Conforme Pizzani et. al (2012), a pesquisa bibliográfica baseia-se em uma revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam a pesquisa científica, podendo ser realizada em livros, periódicos, artigos, sites da internet, entre outras fontes. É relevante destacar ainda sua importância para a compreensão de que a teoria das representações sociais compõe a dissertação de maneira teórica e analítica, uma vez que é por suas lentes que buscamos a interpretação dos resultados.

O terceiro momento, que será melhor detalhado adiante, se deu por meio de dois processos: um campo físico – com a visita à sede de uma das instituições que integram a Rede Jovem Rural e entrevista - e outro virtual, que consiste em uma imersão netnográfica. Por fim, na última etapa do percurso metodológico, os dados foram analisados com o aporte teórico-analítico da teoria das representações sociais.

A escolha de tais métodos permitiu entender melhor o papel que a Rede Jovem Rural desempenha para o universo juvenil com que atua, as relações estabelecidas entre os jovens e a Rede, bem como o tipo de relações virtuais e presenciais são estabelecidas e qual a importância de cada uma delas para os jovens que participam.

COLETA DE DADOS

O CAMPO

O campo, como mencionado, foi dividido em dois momentos, um virtual e um físico e, em ambos, concordamos com o posicionamento de Bauer et.al (2015, p. 22) de que “não há um modo ótimo de fazer pesquisa social”, mas cabe ao pesquisador a compreensão de que a

realidade social pode ser representada por meio da comunicação formal ou informal, e o meio utilizado pode ser composto de imagens, textos ou materiais sonoros, de modo que todos eles são importantes para a apreensão da realidade que se busca interpretar.

Nesse sentido, ir a campo requer atenção minimalista do pesquisador, cuja atenção deve estar voltada aos detalhes do que acontece a sua volta e o principal exercício consiste em realizar um estranhamento do familiar, isto é, ler a própria cultura sob outro prisma (SILVA, 1997). De tal modo, ao procurar mapear a relação do grupo com o mundo interno, primeiro exige-se reconhecer que não há como fazer uma separação completa da sua própria cultura e da cultura em análise (EVANS PRITCHARD, 1993), pois “nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos” (LAPLANTINE, 2007, p.169).

Ademais, a interpretação do pesquisador será sempre de segunda ou terceira mão, já que só o nativo a possui em primeira (GEERTZ, 2008) e, tratando-se de uma interpretação, fica subtendido que a lente pela qual se interpreta uma cultura está sujeita à interferência da subjetividade do investigador, dessa forma, a mesma cultura pode ter diversas interpretações. Assim, o resultado final dependerá da forma com que o trabalho é apresentado, devendo este permitir que o leitor acompanhe os caminhos que levaram o pesquisador a tal interpretação, denominada por Geertz (1978) de descrição densa.

Sob esse ponto de vista, o que buscamos com o suporte antropológico, seja no campo físico ou virtual, é o alargamento do universo do discurso humano, que compreende a cultura no sentido mais amplo do termo (GEERTZ, 1978), tendo em vista que o homem, sendo antes de tudo, cultura, está amarrado a uma teia de significados que ele mesmo teceu (GEERTZ, 2008). Dessa forma, a cultura é uma dessas teias cuja análise é uma ciência interpretativa (GEERTZ, 1978, p. 14). Por isso, tendo por base a etnografia, buscamos entender a partir da netnografia os nexos e textos que formam a Rede Jovem Rural.

As observações do site se iniciaram em agosto de 2016 e foram finalizadas em 30 de junho de 2017. Durante esse período, foram analisadas um total de 293 postagens do blog, de 2012 a 2016 e tiveram como foco as representações expostas no espaço virtual da Rede. O blog foi acessado pelo menos uma vez por semana durante esses dez meses, e nesse tempo também foram feitas as categorizações das temáticas abordadas.

Durante os meses de observação foram identificadas no blog e no Facebook da Rede jovens que acompanhavam a Rede Jovem Rural nas mídias sociais e que haviam participado de pelo menos uma de suas ações, bem como as Instituições que compunham a Rede e o contato, via Instituto Souza Cruz - ISC. Tendo os nomes, os jovens foram contactados por

meio da página pessoal de cada um e mediante a uma mensagem, a pesquisadora, a instituição e a pesquisa foram explicitadas. Nesse primeiro contato, foi solicitado um dia e horário para uma conversa, preferencialmente, por chamada de vídeo. No ISC, por meio de emails e telefonemas, um horário para a visita foi agendado em sua sede na cidade do Rio de Janeiro.

Muitos jovens não responderam à solicitação; outros foram solícitos, se dispuseram a participar, mas não retornaram os contatos seguintes; outros, apesar da solicitude, não encontraram tempo ou recursos disponíveis para a entrevista. Dois jovens ainda pediram para participar respondendo um questionário, mas após o envio destes não houve resposta. Já entre os jovens que participaram da pesquisa, alguns quiseram saber mais informações e após alguns dias de conversa se sentiram confortáveis e confiantes para realizar a entrevista, enquanto outros deram resposta imediata e logo se fez a vídeo-chamada. Com os gestores, além das entrevistas por vídeo, foram necessárias outras técnicas, como telefonemas, emails e questionários. Ainda assim, não foi possível estabelecer contato com os gestores que representam o CEDEJOR e o SERTA na Rede.

As entrevistas mediadas por computador tiveram início em abril de 2017 e foram finalizadas em julho, marcadas em dias e horários diferentes conforme a disponibilidade do entrevistado. Todas as chamadas de vídeo foram gravadas, em áudio, com as autorizações de todos os participantes, levando em consideração as exigências do Conselho de Ética. Para melhor realização, foi feito o uso de um roteiro semi estruturado, contudo, o objetivo era permitir que os entrevistados contassem suas experiências na Rede Jovem Rural, como se relacionam com a internet e como é ser jovem rural. Assim, a entrevista teve a dinâmica de uma conversa, na tentativa de fazer um “convite ao entrevistado para falar longamente com suas palavras e com tempo para refletir” (GASKELL, 2017, s/p). Foram feitas 14 entrevistas em profundidade, cujo público consistiu em 04 gestores, 03 homens e uma mulher, e 10 jovens, sendo cinco homens e 05 mulheres, com idades entre 18 e 28 anos. É curioso que o número de jovens, metade homens, metade mulheres, não foi programado, ele é o resultado dos jovens que se propuseram a compartilhar suas experiências e representações com a pesquisadora.

Ainda sobre os gestores, foi feita uma entrevista por vídeo, uma presencialmente, uma por telefone e uma por questionário, que foi enviado por email. Na primeira, foram utilizados os mesmos procedimentos das demais entrevistas feitas por vídeo; a presencial foi realizada com a ida ao Rio de Janeiro, onde fica a sede do ISC, e além da entrevista, esse foi um momento importante para a pesquisa documental, pois foi onde se teve acesso a alguns materiais impressos e a alguns arquivos enviados, posteriormente, por e-mail. A entrevista

concedida por telefone não pode ser gravada, mas o termo de livre consentimento esclarecido foi enviado e devidamente respondido. Por fim, a única entrevista feita por questionário contou com questões abertas, a fim de proporcionar liberdade na escrita do entrevistado.

No processo das entrevistas, um caderno de campo foi utilizado, onde foram anotadas expressões, demonstrações de sentimentos, indagações, correções que as entrevistas demandavam no roteiro, entre outros aspectos. Antes de iniciar cada entrevista foi feita a leitura do termo de livre consentimento esclarecido (e para aqueles que já tinham lido foi questionado o interesse voluntário em participar) tendo a aprovação dos jovens e gestores. O termo também foi enviado por email para que todos guardassem sua via e, ao receberem foi solicitado que me enviassem um email acusando recebimento e com o consentimento da participação.

O roteiro de entrevistas, a princípio, buscou investigar a relação que os jovens estabelecem com a Rede, as influências da internet (em diversos aspectos), o papel que a Rede Jovem Rural busca desempenhar junto à juventude rural e se tem alcançado seus objetivos, bem como a percepção dos jovens sobre eles mesmos, o mundo conectado e sobre a Rede como uma outra lente pela qual eles podem enxergar o mundo.

Vale considerar que durante as entrevistas, a questão “*o que é ser jovem rural?*” vinha sempre acompanhada de uma expressão emotiva, seja na tonalidade da voz que mudava, nos silêncios e na respiração profunda que antecedia a fala ou mesmo nas palavras e o “*ser jovem*” estava, quase sempre, relacionado à família, ao trabalho e à natureza.

Também é importante dizer que, no início, algumas entrevistas começaram tímidas; no entanto, no decorrer das perguntas e à medida que a entrevista ia tomando forma de conversa, “*ficava mais leve*”, era como se a intimidade entre pesquisador e pesquisado fosse sendo construída em meio às palavras e ao final os jovens se demonstravam interessados pela pesquisa, alguns perguntaram sobre a formação e de onde vinha o interesse pela juventude rural e ainda, manifestaram o desejo de conhecer os resultados da pesquisa. Além disso, ao final de cada entrevista, sempre era perguntado se havia mais alguma coisa a ser colocada, algum apontamento, indagações sobre o roteiro ou experiências a serem compartilhadas. Esse foi um momento bem interessante das entrevistas.

Observa-se, então, que a metodologia desta pesquisa se deu através de três esferas (Figura 1): bibliografia de referências, pesquisa documental e pesquisa de campo. É indispensável ressaltar que a ordem com que cada uma das etapas foi pensada e desenvolvida foi de fundamental importância para a construção da pesquisa e da pesquisadora, isso porque, correndo o risco de ser redundante ouso dizer que a pesquisa, ao se construir, amplia os

horizontes e desenvolve capacidades no pesquisador, construindo-o também. Ou seja, cada etapa foi uma construção mútua. Assim, desde as disciplinas cursadas, as primeiras leituras bibliográficas, as discussões no Observatório da Juventude Rural e as orientações foram essenciais para que fosse identificado o problema de pesquisa e para que o campo pudesse ser compreendido em sua complexidade. A pesquisa documental, na primeira etapa da imersão netnográfica, descrita no tópico a seguir, também influenciou na forma de organização e construção dos dados do campo, pois provida de informações sobre a Rede e suas ações, foi possível a construção do roteiro de entrevistas, o que facilitou o diálogo com os jovens e compreensão das relações estabelecidas.



Figura 1. Esquema da metodologia utilizada.
Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Esse processo proporcionou também o entendimento que uma pesquisa de campo está sujeita ao inesperado e que cabe ao pesquisador contorná-lo da melhor maneira possível, como a ausência de registros documentais, o cancelamento de entrevistas que não puderam ser remarcadas, a dificuldade de conseguir algumas informações, entre outros. Contudo, vale ressaltar que todos os jovens e gestores participantes foram muito atenciosos e pacientes diante dos imprevistos que este tipo de pesquisa impõe: conexão lenta, travando ou mesmo caindo; cortes no áudio, que me levaram a ter que repetir várias perguntas e em alguns casos, remarcar a entrevista, e ligações ruins.

Por fim, o campo permite enxergar que as representações sociais são multifacetadas, pois ao mesmo tempo em que são construções individuais de conhecimento, afeto, símbolos e pertencimentos, difundidos entre pessoas, grupos ou sociedades, elas são, ao mesmo tempo, processos sociais que envolvem a comunicação e o discurso, em torno dos quais significados e objetos sociais são construídos e construtores (WAGNER, 1995). Assim, o mundo é uma representação (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2015), que muito além das palavras, pode ser identificada em comportamentos, ausência de fala, imagens ou gestos.

A NETNOGRAFIA COMO MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Fazer pesquisas em que comunidades ou páginas virtuais são o objeto de estudo ou parte dele indica que o pesquisador “levanta, mas se encontra em sua casa, liga o computador digita o endereço da comunidade virtual no *browser* e já está no campo” (NOVELLI, 2010, p. 119). Por esse prisma, o ciberespaço é o local e/ou o contexto da ação e pode funcionar como uma totalidade explicativa e/ou interpretativa e ao mesmo tempo como objeto explicativo/interpretativo (SEGATA, 2014).

Esse tipo de pesquisa surge na literatura acadêmica por meio das pesquisas de marketing e é um “método que nasce em função da necessidade da academia de abordar um “novo” espaço, o virtual, o *online*” (NOVELLI, 2010, p. 119). No entanto, Kozinets (2014) sinaliza que a antropologia tem demonstrado lentidão e relutância em abranger os estudos virtuais. Por outro lado, cada vez mais os cientistas sociais têm compreendido a impossibilidade de analisar a vida social e cultural contemporânea sem incorporar a internet e as comunicações mediadas por computador no rol de suas pesquisas, uma vez que o limite entre o mundo real e o mundo virtual tem se mostrado extremamente tênue e se mesclam no mundo da vida real (KOZINETS, 2014). Desse modo, “os mundos, *online* e *off-line*, não são necessariamente realidades separadas – mundo real *versus* mundo virtual – mas podem ser

considerados um *continuum* da mesma realidade” (NOVELLI, 2010, p. 109) que inclui as tecnologias como forma de comunicação, informação, debate, socialização e expressão (KOZINETS, 2014). De tal forma, as novas configurações sociais, que emergem por meio da comunicação mediada por computadores, impõem à ciência e aos pesquisadores novos métodos de compreensão dessa realidade.

Nesse sentido, Santos e Gomes (2013) observaram que metodologicamente, a maioria das pesquisas netnográficas, em diferentes áreas, seguem o padrão das ciências humanas e sociais que tem se utilizado de abordagens qualitativas e exploratórias para explicar os fenômenos da vida social. A diferença, neste caso, é que as análises e interpretações dizem respeito a sociabilidades e culturas em ambientes virtuais.

A netnografia, assim como a etnografia convencional, segundo Kozinets (2014) observa e analisa práticas sociais complexas, cuja investigação apreende a multiplicidade de ideias fundamentadas e abstratas, práticas sociais, relacionamentos e construções simbólicas, significados e representações. Assim, se entendemos a cibercultura a partir da perspectiva inicial “que a cultura é aprendida e consiste em sistemas de significado, sistemas simbólicos dos quais a linguagem é o principal, podemos indagar que nos espaços virtuais também existem papéis, identidades, formas de se comportar e sistemas simbólicos” (KOZINETS 2014, p. 18). O autor define ainda a netnografia como pesquisa baseada no trabalho de campo online, cuja comunicação mediada por computador é a chave para a compreensão e representação etnográfica de um fenômeno cultural (Kozinets, 2014, p. 62-3).

Assim, Garcia et.al (2009) balizam que diante da influência tecnológica, para continuar a explorar a complexidade das sociedades contemporâneas, tais como a construção de identidade, as crenças, valores, visões de mundo, subculturas que se configuram como problemas centrais e contínuos na antropologia, a etnografia precisa incorporar a internet e a comunicação mediada por computador.

Contudo, o campo, na internet, não pode ser tomado em sua dimensão material e objetiva, assim como as noções de tempo e espaço; antes ele deve ser entendido como instâncias, frequentadas por personagens (no sentido dado por Goffman, de que todo indivíduo é um personagem, adaptável ao momento da interação) cujas localidades e territorialidades são estabelecidas simbólica e virtualmente (SOUZA E GOMES, 2013).

De tal modo, cabe ressaltar que, por ser um aparato metodológico recente nas ciências sociais, ainda não existe consenso sobre a nomenclatura, de modo que os estudos virtuais aparecem nas pesquisas como ciberetnografia, etnografia virtual, etnografia em rede, etnografia online, netnografia, entre outros. Entretanto, Kozinets (2014, p. 13) sinaliza que

embora sejam muitas as denominações, “existem poucas ou são quase inexistentes as diretrizes procedimentais específicas para guiar um pesquisador por meio dos passos necessários para realizar uma etnografia de uma comunidade ou cultura online e apresentar seu trabalho”. Além disso, como observado por Souza e Gomes (2013), em um estado da arte, algumas técnicas, inclusive fora do ambiente *online*, têm sido utilizadas de forma complementar.

Novelli (2010) afirma que a etnografia tem sido a base para os interessados nas pesquisas online, senão se apropriando de suas técnicas, pelo menos de sua noção e, assim como a etnografia, a netnografia se apropria de uma enorme variedade de técnicas e abordagens (KOZINETTS, 2014). À vista disso, o campo virtual se dividiu em três estágios: (1) observação; (2) identificação do discurso institucional; (3) entrevistas, como observado no esquema abaixo:

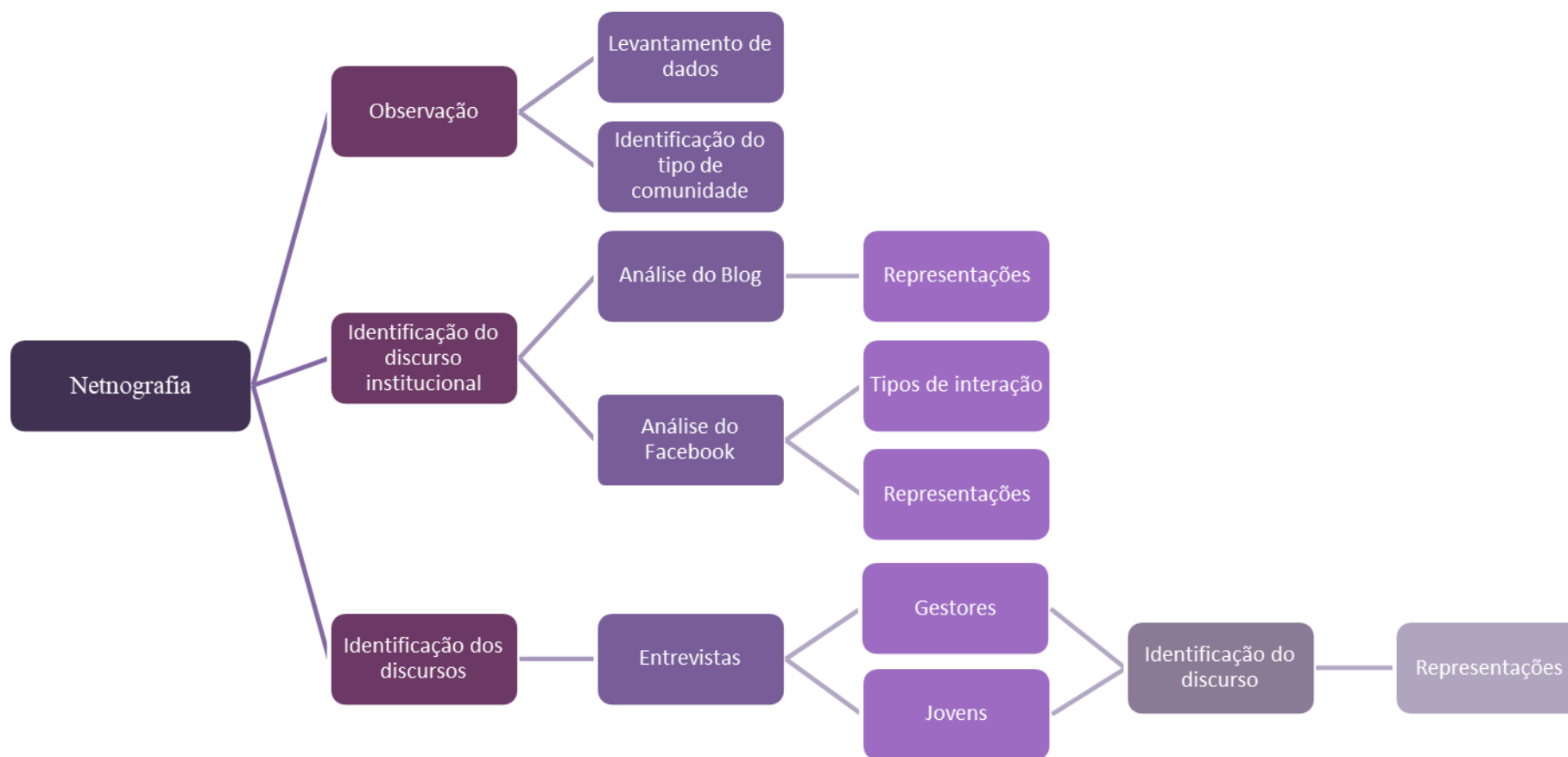


Figura 2. Esquema da metodologia executada.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

A etapa de observação consistiu, basicamente, no levantamento online das atividades desenvolvidas pela Rede Jovem Rural, periodicidade das postagens, qual o tipo de interação entre os membros da Rede, bem como na identificação de uma comunidade mista, isto é, com atividade online e off-line. A etapa seguinte focou sobre as postagens do blog, que buscou dar conta da identificação das temáticas, da intencionalidade do discurso e da busca pela hegemonia e, a partir de então, o entendimento das representações sociais materializadas na página institucional da Rede. Juntas, essas duas etapas tiveram duração de quase um ano.

A última etapa netnográfica incidiu nas entrevistas online que para Kozinets (2014), se diferencia da entrevista face a face apenas porque acontece mediada pelo computador; no entanto, tal fato, por si só, já constitui uma enorme diferença. Para o autor, no mundo físico, a entrevista e etnografia tornaram-se praticamente inseparáveis; sob a mesma lógica, no mundo virtual, as entrevistas transformaram-se no elemento principal da pesquisa netnográfica. Porém, ainda existem muitas ressalvas às entrevistas online, sobretudo, devido à limitação do conteúdo simbólico.

Todavia, há de se considerar que as tecnologias da informação e comunicação permitem, hoje, um contato muito próximo entre indivíduos fisicamente distantes. As chamadas de vídeo possibilitam captar gestos, emoções, silêncios e expressões corporais que produzem resultados próximos aos dos contatos face a face. Dessa forma, as entrevistas online em profundidade, permitem ao pesquisador netnográfico a expansão do que foi observado (KOZINETS, 2014). Além disso, as entrevistas permitiram ainda comparar as representações encontradas nos discursos textuais – obtidas no blog – com as representações dos discursos orais.

Diante de tal processo, observa-se na netnografia a tentativa do pesquisador de reconhecer a importância das comunicações mediadas pelo computador e, como na etnografia, compreender os aspectos sociais e simbólicos de uma cultura e/ou grupo implica em incluir na coleta de dados uma triangulação de fontes que dêem suporte para interpretação dos resultados (KOZINETS, 2014).

Vale ainda dizer que devido à dinâmica da Rede Jovem Rural, de ter o blog com os comentários fechados e pouco interagir no Facebook, basicamente, repostando informações do blog – o que é também uma forma de divulgá-lo, vista à popularidade do Facebook principalmente entre os jovens – escolhemos um tipo de observação não participante: primeiro, pela impossibilidade de diálogo no blog, que foi o principal objeto analisado, e, segundo pela baixa participação dos jovens na rede social.

Isto posto, é relevante mencionar que como toda escolha metodológica, a netnografia apresenta possibilidades e limitações. Entre as vantagens desse tipo de pesquisa estão: (1) a flexibilidade temporal e espacial, uma vez que as tecnologias provocaram um desolamento entre as noções de tempo e espaço ao encurtar as distâncias; dito disso, o campo do netnógrafo encontra-se em qualquer lugar em que ele possa utilizar um computador conectado à internet; (2) a redução dos custos da pesquisa e, (3) é considerado um método não obstrutivo, porque muitas informações estão disponíveis na internet. Como limitações, evidenciam-se (1) o excesso de informações dispostos na rede; (2) a impossibilidade de observar a linguagem corporal; (3) o foco em dados textuais; (4) confiabilidade dos dados; e (5) falsa noção de neutralidade (NOVELLI, 2010).

Para tentar amenizar as limitações de volume de dados, impostas à escolha do método, delimitamos como recorte empírico os últimos cinco anos de postagem no blog e os últimos quatro anos para o Facebook (data de sua criação), dispondo assim de um grande volume de dados, porém analisável. Quanto às entrevistas, foram adotados recursos de vídeo a fim de tentar captar os gestos, expressões e emoções contidas na fala e, por último, para tentar não cair na falsa noção de neutralidade, a tomada de consciência de que o indivíduo é antes de tudo, moldado pela cultura. Desse modo, o pesquisador ao adentrar seu campo, é incapaz de despir-se por inteiro de suas visões de mundo para entender outro universo, logo, toda a análise contém influências da trajetória pessoal e acadêmica que resultam nas lentes pela qual, eu, na função de pesquisadora, enxergo o mundo.

A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A teoria das representações sociais, em sua dimensão teórico-analítica, permite a partir da reconstrução de sua própria história questionar o peso do tradicional, ao invés de adaptar-se a ele (GUARESCHI E JOVCHELOVITCH), ou seja, por meio de sua ancoragem na sociologia e posteriormente seu desenvolvimento na psicologia, ela permite entender por meio de sua investidura cognitiva, social e afetiva a construção do pensamento social e possibilita o entendimento de que mudanças contextuais podem implicar na perda de significado das representações e, conseqüentemente, em sua transformação, que no limite, significa a dinâmica da realidade social.

Nesse sentido, guiados por Guareschi e Jovchelovitch (1995) somos levados à conclusão de que a TRS direciona seu olhar para dois aspectos: o sujeito e a realidade que ele constrói e por meio da qual é construído. A partir dessas duas perspectivas a teoria busca o

reconhecimento do sujeito e sua capacidade de mudar a estrutura, bem como o reconhecimento da estrutura e sua capacidade de moldar o sujeito. Desse modo, se concebermos a importância do todo na dimensão durkheimiana, e a importância do sujeito na matriz weberiana (FARR, 1995), compreendemos também que a negação de qualquer uma das partes resulta em graves implicações teórico-metodológicas. Como sinalizado pelos autores, se falharmos em reconhecer que o social, enquanto totalidade, produz fenômenos psicossociais, cuja lógica se difere da lógica individual, falhamos também em perceber a relação fundamental que existe entre o todo e suas partes, o universal e o particular, a unidade e a totalidade. Ficamos assim a um passo do obscurecimento das tensões existentes entre esses dois pólos (GUARESCHI E JOVCHELOVITCH, 1995).

“A TRS se articula tanto com a vida coletiva de uma sociedade como com os processos de constituição simbólica, nos quais sujeitos sociais lutam para dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar seu lugar, através de uma identidade social”. Observa-se assim que as representações são sociais, enquanto um fenômeno psicossocial, estão enraizadas no espaço público e nos processos por meio dos quais o indivíduo desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a heterogeneidade de um mundo de outros (JOVCHELOVITCH, 1995, p.65).

A partir da proposição Jovchelovitch (1995), se entendemos a internet como um espaço público, a entendemos também como um espaço propício à materialização das representações, devido à sua capacidade de criar uma cultura própria, com linguagens e comportamentos específicos e no qual o indivíduo se abre a uma rede de contatos infinitamente maior. Ainda sob a lógica do espaço público, Mailini e Antuon (2013) observam na internet, sobretudo, por meio das redes sociais, a emergência de um autor/ator coletivo interconectado a outros diversos atores/autores cujas narrativas se sobrepõem exprimindo a perspectiva de constituição do mundo.

Outra característica que permite entender a internet como espaço público foi apontada por Castells (1997), que identificou nos usuários da rede a capacidade de interpretar papéis e criar identidades, o que lhes conferiam o sentimento de comunidade mesmo que efêmera. Conduzidos por Goffman (2011), somos ainda levados a interpretar a internet, como espaço público, como um local de representação, de grupos de compartilhamento e manutenção de fachadas.

Nesse contexto, o suporte teórico-metodológico da teoria das representações nos permite enxergar a internet como lugar da alteridade, do contato com o outro e construção do

eu, onde representações podem ser desenvolvidas, transformadas e consolidadas (JOVCHELOVITCH, 1995).

No caso da Rede Jovem Rural, é possível perceber que existem universos representacionais distintos. Isso porque o primeiro objeto de análise se deu pela observação do blog e a identificação do discurso textual e, em um segundo momento, as representações contidas nos discursos orais identificadas nas entrevistas com gestores e jovens, que vale sinalizar, são atores diferentes e ocupam posições distintas no campo discursivo. Também é importante considerar que se tratando de uma comunidade mista (*on e off*) as representações que formam a Rede Jovem Rural permeiam esses dois espaços (o da internet e o dos encontros presenciais) e aparecem nas falas como lugares diferenciados, ou seja, com representações dessemelhantes e específicas.

Nesse cenário, a Rede Jovem rural se apresenta como um universo empírico interessante, pois como sinalizado por Guareschi e Jovchelovitch (1995), entendemos que o modo de produção das representações sociais se encontra nas instituições, na rua, nos meios de comunicação de massa, nos canais informais de comunicação, nos movimentos sociais, atos de resistência, entre outros tantos lugares sociais. Entende-se assim que as representações são formadas a partir da reflexividade, da capacidade do indivíduo de criar símbolos e significá-los e esse processo acontece quando as pessoas se encontram para conversar, argumentar, discutir o cotidiano ou quando elas estão expostas às instituições, aos meios de comunicação de massa, aos mitos, à herança histórico-cultural de suas sociedades. Por essa razão, os meios de comunicação de massa têm se tornado, cada vez mais, um objeto de investigação das TRS, uma vez que as sociedades estão cada vez mais complexas e a comunicação cotidiana em grande parte tem sido mediada pelos meios de comunicação de massa, desse modo, as “representações e símbolos tornam-se a própria substância sobre as quais ações são definidas e o poder é ou não exercido” (GUARESCHI E JOVCHELOVITCH, 1995, p.20).

Nessa conjuntura, com a análise da Rede Jovem Rural procuramos entender as representações que permeiam esse universo em dois aspectos: primeiro, por meio do discurso institucional, pois, como demonstrado por Maingueneau (2004), o discurso é uma forma de ação sobre o outro; o segundo, a fala dos jovens, que são o resultado de seus contextos individuais e da experiência em uma rede de jovens. No discurso dos jovens buscamos compreender ainda como o indivíduo se constrói e como é construído a partir de seu contexto e das relações que ele estabelece com a Rede, sejam nos espaços presenciais ou nos espaços virtuais. A partir de então, a análise se concentra onde os discursos se encontram ou se

repelem, na compreensão da fase (emergência, consolidação, transformação) em que se encontram as representações (GALLI, 2014) sobre ser jovem rural e sobre o campo e as influências da Rede nas representações juvenis, inclusive, sobre a própria internet.

Na busca das representações que envolvem esse universo empírico, é importante ressaltar que a construção simbólica desses discursos só é possível dentro de uma rede de significados, isso porque é sobre e dentro dessa rede que os sujeitos atuam para recriar o que já existe. O sujeito social não está nem abstraído, nem alheio à realidade social e nem condenado a reproduzi-la. Sua tarefa consiste em compor a permanente tensão entre o mundo já consolidado e seus próprios esforços para ser sujeito. As representações sociais são, assim, um fenômeno mediador entre o indivíduo e a sociedade (JOVCHELOVITCH, 1995, p.78).

De tal modo, as representações sociais como formas de conhecimento prático que orientam as ações cotidianas e a relação com os outros se dá na interconexão de duas forças: de um lado, os conhecimentos circulantes na sociedade; de outro, o próprio processo de interação social e as forças que dele emanam para confirmar e manter identidades coletivas. Nesse sentido, o contexto, é fundamentalmente, intertextual, isto é a sincronia de dois textos: o sócio-histórico que se refere às construções sociais que fomentam nossa subjetividade; e o texto – discurso que constitui nossas relações sociais (SPINK, 1995).

Partindo então da compreensão de que os textos circulantes na sociedade e que, por sua vez, constituem o imaginário social, possuem origens distintas (conversas, meios de comunicação, mitos, produções culturais) inferimos que o contexto não se define apenas pelo local (espaço social) onde a ação acontece. Há nesse cenário uma perspectiva temporal que pode ser entendida em três períodos: (1) o tempo (curto) de interação, cujo foco é a funcionalidade da representação; (2) o tempo do habitus⁵ que diz respeito à capacidade do indivíduo de incorporar padrões/regras de condutas por meio do pertencimento a grupos sociais específicos; (3) o tempo longo, onde estão sedimentados os conteúdos culturais cumulativos de nossa sociedade, isto é, a esfera das memórias coletivas, do imaginário social (SPINK, 1995).

Destarte e a exemplo do que fora apresentado por Spink (1995) sobre os estudos destinados aos processos constitutivos das representações, no universo empírico desta pesquisa buscamos compreender, por meio da investitura metodológica da teoria, as interfaces cognitivas, os investimentos afetivos e demandas concretas provenientes de ações cotidianas, tendo em vista a necessidade de compreensão dos conteúdos que transitam nos

⁵ O habitus aqui corresponde, conforme Spink (1995), ao sentido de Bourdieu (1993).

diferentes tempos supracitados. Para esta análise, a coleta de dados demandou entrevistas, mediadas por computador, semiestruturadas e em profundidade a fim de apreender os conteúdos que formam os indivíduos enquanto sujeitos sociais, juntamente com um levantamento de dados sobre o contexto social da Rede Jovem Rural. Spink (1995) salienta ainda que este tipo de análise, cujo foco se dá na totalidade do discurso é demorada e, como resultado, se utiliza de poucas entrevistas. “Trata-se assim (...) de “sujeitos genéricos” que, devidamente contextualizados, têm o poder de representar o grupo no indivíduo (SPINK, 1995, p. 129).

Para a interpretação dos discursos, a análise segue dois passos: (1) transcrição e (2) leitura flutuante, de modo que o segundo passo exige que o pesquisador intercale a escuta do áudio e a leitura do material transcrito a fim de deixar os temas se manifestarem, dedicando-se à sua construção e retórica, permitindo que as dimensões afetivas aflorem (SPINK, 1995).

Ainda com base em Whetherell (1987), Spink (1995) baliza que os discursos fornecem informações valiosas a serem incluídas na análise, isto é, versões contraditórias, que no limite, indicam como o discurso se orienta para a ação; silêncios, hesitações, inexatidões, que revelam o investimento afetivo; e a retórica, que significa a forma pela qual o discurso é encadeado na argumentação dos fatos.

CAPÍTULO 1. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES E INTERFACES COM O UNIVERSO JUVENIL

A partir do entendimento de que a construção do conhecimento pressupõe a capacidade de aliar a realidade que se deseja compreender ao suporte teórico-conceitual, este capítulo, de caráter fundamentalmente teórico, dedica-se à compreensão dos conceitos em que se apóia essa dissertação. Para tanto, pretende-se situar o debate acerca das tecnologias da informação e comunicação, bem como as transformações ocorridas nos últimos anos em consequência da popularização da internet e suas interfaces com o universo juvenil.

Cabe destacar que alguns conceitos apresentados aqui surgem de abordagens comunicacionais e, embora nos debrucemos sobre tais aspectos, essa não é uma dissertação em comunicação. Desse modo, não temos a pretensão de esgotar a discussão, mas dentro das interfaces em que a comunicação estabelece com a as Ciências Sociais, buscamos reconhecer, como sugere França (2001), que cada vez mais, analisar aspectos que envolvem a vida social requer referência aos meios de comunicação e aos fluxos de informação. Tal fato reforça o interesse da sociologia em compreender e buscar interpretações dos fenômenos sociais de superfície, ou seja, aquilo que é concebido como realidade social (MARTINS, 2015).

Assim, este capítulo abrange discussões em torno do surgimento das TICs e NTICs, do fenômeno que se tornou a internet e sua conexão com a globalização, os paradigmas da comunicação informacional e relacional que nos abrem caminhos para a discussão entre Web 1.0 e Web 2.0 e finalmente, como tais tecnologias, sobretudo a internet e os pressupostos da Web 2.0, se relacionam com o universo juvenil.

1.1 TICs E NTICs

A partir da segunda metade do século XX, observa-se uma nova etapa de desenvolvimento tecnológico, com destaque para áreas como biotecnologia, genética, eletrônica, bioquímica, telecomunicações, entre outros, a qual se deu o nome de terceira revolução tecnológica.

Dentre os diversos avanços da revolução tecnológica, tem se repetido na literatura que as telecomunicações foram as que mais impactaram o mundo nos últimos anos. Nesse cenário, faz-se importante salientar que as tecnologias da informação e comunicação – TICs – correspondem a um conjunto de recursos tecnológicos que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos, podendo ou não estar baseados em computadores. As Novas

Tecnologias da Informação e Comunicação – NTICs – se referem aos meios e métodos de se comunicar que surgem no contexto da revolução tecnológica e vem se desenvolvendo desde meados da década de 1970 e, sobretudo, pós 1990 com a expansão da internet. Entre TICs e NTICs, observa-se, como ressaltado por Pechula (2007), que os meios de comunicação alcançaram rapidamente a casa de ouvintes, telespectadores e internautas, permitindo um grande fluxo de informações.

Bordenave (1982) ressalta que o “homem social”, conectado ao mundo pelas tecnologias da informação e comunicação foi descoberto na década de 1970 e a partir de então, cada vez mais se concebe a importância de o homem ser ao mesmo tempo criador e criatura de sua sociedade e cultura; têm-se, nesse momento, a consciência de que para além do ambiente físico, o homem está rodeado por um ambiente social ampliado que o coloca em uma relação de interdependência com os demais e em contato com o desconhecido.

Nesse contexto, Bordenave (1982) questiona, contudo, o papel da comunicação e se o modo com que a sociedade se apropria da comunicação social responde às necessidades reais. Para o autor, existe uma defasagem entre a descoberta do homem social e a forma com que o conhecimento é utilizado para orientar a vida social, uma vez que os meios de comunicação verticais e unilaterais, a não ser sob raras exceções, buscam prestígio e poder em detrimento de uma sociedade participativa e igualitária, onde o desenvolvimento do potencial humano seja possível.

Ainda assim, os meios de comunicação ocuparam tamanho espaço na vida social que nos esquecemos que eles representam apenas uma pequena parte de nossa comunicação total (BORDENAVE, 1982). Com a explosão dos meios de reprodução técnico- industriais, a chamada cultura de massa – por meio de jornais, fotos, etc. – e, em seguida com a hegemonia dos meios eletrônicos de difusão – o rádio e a televisão – produziu, segundo Santaella (2003), um efeito atordoante, sobretudo em termos culturais, na polarização entre o popular e o erudito, e cuja influência social aumentou na medida em que cresciam sua penetração e difusão (BORDENAVE, 1982).

De acordo com Santaella (2003), os meios de comunicação de massa tornam os trânsitos culturais mais fluidos, uma vez que a cultura midiática tende a colocar a cultura, como um todo, em movimento, acelerando o tráfego entre suas múltiplas formas, níveis, setores, tempos e espaços. A partir da década de 1980 o processo de transformação tecnológica se expandiu exponencialmente devido à capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos por meio de uma linguagem digital (CASTELLS, 1999). Nesse contexto, principalmente após meados da década de 1990, a hegemonia da cultura de massas

– até então jornal, televisão, cinema, etc. – foi colocada em crise com a emergência de uma comunicação planetária, via redes, que adentrou todas as esferas da vida social, econômica e privada (SANTAELLA, 2003).

Como resultado desse processo de avanço tecnológico, Bordenave (1982) aponta o aumento da influência e poder da comunicação na sociedade, agindo desde as emoções ao comportamento econômico e político, transformando-a em um fator importante de domínio e poder em todas as esferas da vida humana.

Em uma palestra proferida na Universidade Aberta da Catalunia, Castells (1999b) afirma ser a internet o tecido de nossas vidas, um meio para tudo, que interage em todas as esferas da vida social. Para o autor, o paradigma tecnológico que origina o fenômeno que é a internet nos dias atuais tem influência de sua origem norte-americana, da Califórnia dos anos 70, relacionado de certa forma à cultura da liberdade, inovação individual e empreendedora dos universitários estadunidenses. Dessa forma, a tecnologia da informação difundiu nas sociedades modernas o espírito libertário dos anos 60 e, apropriada por diferentes países e diversas culturas, ela acelerou a velocidade da informação, ampliou o escopo das transformações tecnológicas, reduziu o tempo e diversificou suas fontes (CASTELLS, 1999).

Ferreira (2014) sinaliza que dentre todas as tecnologias da informação, as comunicações mediadas por computador e, sobretudo a internet, foram as que mais impactaram as relações sociais, mudando a relação entre tempo e espaço, refletindo diretamente nas interações sociais e políticas. Destarte, a internet pode ser entendida como um espaço multidimensional, difuso, heterogêneo e potencializador das capacidades de mobilização e organização de ações coletivas (VILAÇA, et. al, 2015).

Ao tratar da emergência do ciberespaço, Levy (1999) sinaliza que a sua ampliação surgiu de um “movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem” (LEVY, 1999, p. 11) e que, rapidamente, alcançou proporções mundiais. As tecnologias digitais, conforme o autor, fizeram surgir novas formas de comunicação e sociabilidade, bem como novos mercados de informação e conhecimento (Levy, 1999, p. 32). Assim como Levy (1999), Castells (1999) aponta que a arquitetura da rede moldou uma nova estrutura de comunicação, promovendo amplo acesso público e uma nova forma de sociabilidade que envolve interações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Santaella (2003) ressalta ainda que após o surgimento da internet, convenciou-se chamar de mídia quaisquer meios de comunicação de massa, inclusive aqueles mediados por computador. Desse modo, a cultura midiática torna-se responsável também pela

transnacionalização da cultura que aliada a uma nova ordem econômica e social se configura como elemento fundamental para compreender os deslocamentos, contradições e mobilidades pluritemporal e espacial que caracteriza a pós-modernidade (SANTAELLA, 2003).

Ao tratar as relações entre tempo e espaço, bem como a reflexividade da modernidade, Giddens (1991) ressalta que uma variedade de termos vem sendo utilizada para sugerir a transição de uma nova era, entendida positivamente por alguns como a emergência de um novo sistema social – a sociedade da informação ou do consumo. No entanto, o autor defende que ao invés de estarmos entrando em uma era pós-moderna, estamos vivenciando de maneira mais radical e universalizada as consequências da modernidade. Nesse sentido, compreender suas contradições e descontinuidades faz-se relevante para a análise do que realmente a modernidade é. Esse caminho, conforme Giddens (1991), perpassa pela desconstrução do evolucionismo social, ou seja, pela capacidade de aceitar que a história não pode ser entendida como uma unidade, ou como reflexo de certos princípios unificadores de organização e transformação.

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo se equivaliam na medida em que as dimensões espaciais da vida social eram marcadas pela presença física (GIDDENS, 1991), ou ainda, como sinalizado por Bauman e May (2010), não havia muita distinção entre comunicação e transporte. Com o surgimento da modernidade, o espaço é paulatinamente arrancado do tempo, fomentando a relação entre “ausentes” (GIDDENS, 1991). A sensação trazida pela modernidade é de que tempo e espaço estão encolhendo. As tecnologias da informação aceleraram a comunicação, as mensagens instantâneas superam as barreiras físicas e espaciais, os meios de comunicação de massa se difundiram por todo o mundo, influenciando diretamente a forma com que as pessoas percebem a espacialidade e os locais (BAUMAN e MAY, 2010).

Para fins práticos, a comunicação passa a ser instantânea de modo que distâncias já não importam mais, pois que qualquer parte do globo pode ser alcançada ao mesmo tempo, o que significa que grupos ou comunidades virtuais podem se consolidar sem o impedimento da distância geográfica como condição para a seleção de seus integrantes e essa relação tornou-se tão integrada à vida cotidiana que, para Bauman e May, os nascidos na era da eletrônica dificilmente são capazes de compreender a desvalorização do espaço (BAUMAN e MAY, 2010).

As contradições entre tempo e espaço da era moderna ocasionam, assim, uma mudança de sentido na ideia de comunidade, que a princípio, dependia da proximidade física, ou seja, uma localização territorial, demarcada por limites, cuja espinha dorsal era a teia de

comunicações entre seus membros em uma rede social definida pelo território. Com as TIC e, sobretudo as NTICs, a proximidade e a frequência física deixam de ser centrais na constituição de uma comunidade, uma vez que os participantes podem, agora, ser mapeados como pontos dispersos no globo, de modo que o que a mantém como comunidade passa a ser as atividades comunicacionais (BAUMAN e MAY, 2010), o que será observado no exemplo empírico desta pesquisa.

O conceito de sociedade reflexiva desenvolvido por Giddens (1991) auxilia o entendimento das transformações, descontinuidades e consequências da modernidade a partir do pressuposto que os indivíduos são tomados como agentes do próprio destino devido à capacidade de refletir sobre um futuro comum. A partir de então a reflexividade assume um caráter diferente, “ela é introduzida na própria base da reprodução do sistema, de forma que o pensamento e a ação estão constantemente refratados entre si” (GIDDENS, 1991, p. 39).

Nesse sentido, as práticas sociais são constantemente (re)examinadas à luz da informação (GIDDENS, 1991), o que permite compreender o quanto somos afetados cotidianamente pela rápida evolução tecnológica, bem como pela globalização que, segundo Bauman e May (2010), é um processo incontrolável e que muitas vezes é considerado responsável pela apatia e inércia diante daquilo que é tomado como um conjunto de forças opressivas e abstratas.

Campanhola e Graziano (2000) sinalizam que a globalização faz parte de um processo histórico de concentração e centralização de capital impulsionado pelo desenvolvimento dos meios de comunicação. A globalização é, então, um processo de construção social que envolve diversos atores; a questão, porém, é como fazer com que os diferentes atores tenham pesos apropriados “uma vez que a economia política gera assimetrias de poder de ordem global e, conseqüentemente, a desigualdade de acesso dos diferentes estratos da população ao uso dos recursos econômicos, políticos e culturais” (CAMPANHOLA E GRAZIANO, 2000, p. 10).

Nessa perspectiva, a internet cria novas formas de exclusão e a globalização, ao contrário das premissas de igualdade e acesso à cidadania, não resolveu os problemas sociais e econômicos, mas tem contribuído para aumentar as diferenças regionais, levando muitas vezes a novas formas de exclusão social (CAMPANHOLA E GRAZIANO, 2000).

Sorj e Guedes (2005) sinalizam ainda que embora a bibliografia sobre exclusão digital enfatize o potencial das TICs para reduzir a pobreza e a desigualdade, tendo em vista as possibilidades de participação política e interação entre o Estado e a Sociedade Civil, na prática a dinâmica social funciona de maneira oposta. A universalização do acesso seria, antes

de tudo, um instrumento para diminuir os danos sociais; no entanto, a introdução de novos produtos, a rápida atualização dos mesmos, as condições de acesso e de domínio aumentam, em princípio, a pobreza e a exclusão social.

A desigualdade, segundo Canclini (2004), em uma análise macroeconômica, macrosocial e macrosociocultural, decorre da apropriação e da distribuição desigual dos recursos disponíveis na sociedade. A partir dessa leitura, pode-se inferir que as desigualdades de acesso às tecnologias da informação e comunicação se manifestam, além da esfera socioeconômica, também em uma dimensão sociocultural. Nessa perspectiva, os incluídos são os que estão conectados (e acompanham as atualizações tecnológicas); os “desconectados” são excluídos e veem “quebrados” seus vínculos com o mundo.

Desse modo, ao contrário do que previam os entusiastas da rede, os problemas adquirem quase a mesma proporção dos benefícios, de modo que a construção de capacidades da sociedade em rede perpassa, como observado por Bauman e May (2010), pela capacidade de reconhecer que os beneficiários da rede assim estão posicionados porque outros estão excluídos. A modernidade parece assim, nos apontar o tempo todo, caminhos distintos que se entrecruzam em suas contradições.

O ciberespaço ou rede foi designado por Levy (1999) como um meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores, incluindo além da infraestrutura material da comunicação digital, o enorme volume de informações que ela abriga e os indivíduos que navegam, interagem e alimentam esse universo. Apresenta-se ainda como um instrumento privilegiado da inteligência coletiva, uma vez que funciona como um dispositivo de comunicação interativo e comunitário.

Por esse viés, o ciberespaço vem sendo abordado nas pesquisas como um espaço de oportunidades uma vez que a internet, além de seu caráter prático, atemporal e veloz, rompe com as barreiras físicas que podem gerar isolamento social, criando e ampliando contextos de interação comunicativa. Além disso, as novas tecnologias da informação e comunicação estão modificando as formas de compreender e representar o mundo, permitindo que novos agentes discursivos ocupem espaço na arena pública produzindo, assim, novas dinâmicas nas relações sociais, novos processos políticos e novas formas de participar da vida pública (BRAGA, 2011; MITOZO, 2014; ARAÚJO et. al., 2014; FERREIRA; 2014; MILHOMENS, 2011).

A arquitetura *peer-to-peer* da rede permite que milhões de pessoas façam parte do sistema de compartilhamento, pressupondo um ambiente horizontal cujos membros de um determinado grupo ou comunidade sejam estimulados a participar do processo comunicativo. Desse modo, a noção de rede, para Cogo (2012), conjectura um conjunto de nós

interconectados e, embora essa seja uma prática humana antiga, a formação das redes tem se redimensionado após o avanço da computação e das telecomunicações. As práticas midiáticas passaram a assumir funções antes pertencentes a outras instituições, como política, educação, justiça, etc., e a ocupar espaços aonde a ação institucional não chega, tornando-se responsável por uma interconexão em escalas antes inimagináveis e por processos de participação individual e coletiva, gerando uma nova articulação por meio de outras redes de sociabilidade (COGO, 2012).

De tal modo, o acesso a essas tecnologias tem sido visto como uma possibilidade de melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos cidadãos, exatamente pela possibilidade de intercâmbio e troca de experiências entre os mais distintos grupos, nas mais diversas partes do globo o que provocou, no Brasil, o surgimento de iniciativas voltadas à inclusão digital (SANTOS e CARDOSO, 2009).

Destaca-se assim que a importância do letramento digital reside, segundo alguns pesquisadores defendem, na estreita relação estabelecida entre cidadania e inclusão digital (TAUK SANTOS, 2009). Nessa perspectiva, a inclusão social passa a ser compreendida como o acesso e exercício dos direitos civis (acesso à justiça, liberdade de ir e vir, liberdade de imprensa, direito a uma identidade de referência, etc.); direitos políticos (liberdade de expressão, acesso à informação, participação no processo político); direitos socioeconômicos (trabalho, saúde e educação); direito aos recursos naturais e à diversidade cultural (acesso ao reconhecimento das diferenças e a um ambiente livre de discriminações e desigualdades sociais) (TAUK SANTOS, 2009).

Em meio à dualidade que se formou diante dos meios de comunicação, é importante salientar que eles sofreram inúmeras modificações e nesse sentido, a forma de se comunicar também foi alterada, indo de um movimento linear de disseminação da informação, onde a comunicação é feita por meio da relação emissor/receptor até discussão da mídia colaborativa, marcada, como sinaliza França (2001), pela interação e pelo contexto, cujo conhecimento teórico é desenvolvido pela comunicação social.

Assim, para melhor compreensão desses aspectos, o tópico a seguir procurará discutir, com base nas teorias da comunicação os paradigmas informacional e comunicacional da comunicação para, então, retornarmos à discussão da internet com os conceitos de Web informacional e Web relacional.

1.2 OS PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO: RELACIONAL E INFORMACIONAL

O campo de estudos da comunicação se desenvolve segundo Bastos et. al (2011), desde meados do século XX, a partir da corrente norte-americana *Mass Communication Research - MCR*, que se preocupava em compreender os efeitos e funções dos meios de comunicação na sociedade de massa e constituiu um modelo hegemônico de comunicação: o paradigma informacional. Tal paradigma entende a comunicação como um processo de transmissão de mensagens unilateral, isto é, de um emissor para um receptor e tal processo gerará certos efeitos (FRANÇA, 2001).

Com base em uma lógica transmissiva, França (2001) salienta que as análises do processo comunicativo vão se ocupar dos efeitos gerados e se a mensagem foi bem transmitida ou não. A autora ressalta também que o processo é tomado mecânica e separadamente; estuda-se assim a lógica da produção, dos emissores, as características dos meios, isto é, sua natureza técnica e modos operatórios, os conteúdos, a posição e atitude dos receptores. Ou seja, o modelo informacional toma os meios de comunicação como meros canais que possibilitam a transmissão de um pólo emissor para outro receptor (BASTOS, et. al, 2011).

O modelo informacional da comunicação é reforçado pelos estudos da MCR, bem como pelos estudos da indústria cultural desenvolvidos pela escola de Frankfurt que eram pautados por uma descrença do homem como sujeito da ação, considerando-o vulnerável às manipulações dos meios de comunicação de massa, meros aparatos técnicos, utilizados por grupos dominantes (BASTOS, et. al, 2011).

Nesse cenário, a primeira geração da web se aproxima bastante dos pressupostos do paradigma informacional, uma vez que um dos principais atributos da web nesse momento era a disseminação e o volume de informações disponíveis na rede. As estruturas da internet, devido à explosão informacional, apenas absorviam e suportavam o volume de informações, sem se preocupar com a organização e apresentação dos mesmos (SCHONS, 2007).

Guiado por Roy Ascott, Levy (1999), chamou esse *boom* das telecomunicações de “segundo dilúvio” por conta de seu crescimento exponencial e caótico em que a quantidade de dados disponíveis se multiplicava vertiginosamente, levando ao transbordamento das informações.

Nesse cenário pós-guerra e que coincide com o nascimento da internet, a informação adquire tamanha valorização que, conforme sinaliza Siqueira (1999), vem à luz o termo sociedade da informação, onde a política, a cultura, a ciência e principalmente a economia, giram em torno da informação. Sob o mesmo prisma, Castells (1999), ao abordar a sociedade

em rede, sinaliza que a arquitetura da rede trouxe uma nova estrutura de comunicação, uma nova sociabilidade adaptada ao ambiente tecnológico que envolve interações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Castells e Cardoso (2005) ressaltam ainda que a sociedade em rede também pode ser entendida como globalização, ainda que a globalização, conceitualmente, seja mais descritiva e menos analítica.

No que tange à comunicação, a globalização tem sua face mais visível na internet; desse modo, a comunicação em rede, ao promover o desencaixe entre o tempo e o espaço (GIDDENS, 1991), transcende fronteiras, uma vez que ela está baseada em redes globais (CASTELLS e CARDOSO, 2005). A sociedade em rede difunde-se assim por todo o mundo e com a difusão das TICs e, posteriormente das NTICs, o universo de informações fica, teoricamente, mais acessível, alimentando a reflexividade da sociedade moderna. Há de se considerar, no entanto, que a sociedade em rede se expande por todo o globo, mas não inclui todas as pessoas e embora toda a humanidade seja afetada por sua lógica e suas relações de poder globais, há ainda um enorme contingente de excluídos (CASTELLS e CARDOSO, 2005).

Com base no paradigma informacional, observa-se que em um primeiro momento a internet teve por finalidade levar a mensagem de um emissor a um receptor. As primeiras páginas da web se caracterizavam por sites estáticos e sem nenhuma interação entre os interlocutores. Esse processo, apesar de influenciar na capacidade de reflexão do indivíduo, é marcado por um receptor passivo.

Pautado por outra lógica, o paradigma relacional entende que a comunicação “compreende um processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (...) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos” (FRANÇA, 2001, s/p).

Assim como na abordagem informacional, a perspectiva relacional se utiliza dos mesmos elementos – a emissão e a recepção da mensagem. A novidade consiste na busca pela globalidade e circularidade do processo comunicativo, ou seja, a interrelação entre os elementos que assumem uma nova posição no quadro relacional estabelecido (FRANÇA, 2001). Nesse sentido, a comunicação tem como especificidade alcançar a mediação de três dimensões básicas: a relação entre interlocutores (o quadro relacional); a produção de sentido (práticas discursivas) e o contexto (situação sociocultural) (FRANÇA, 2001).

Em outras palavras, pela ótica relacional, compreende-se a comunicação como um processo de co-construção entre interlocutores, a partir de discursos (dimensão simbólica), em

determinados contextos (situações singulares) (LIMA, 2008); desse modo, a interação é apresentada como uma construção negociada e que se redefine permanentemente a partir da relação estabelecida entre os interlocutores (LIMA E BASTOS, 2008).

O processo comunicativo, nessa perspectiva, deixa emergir sua vida e seu dinamismo próprios enxergando os sujeitos da ação (produtores/receptores) como instituidores de sentido (MAFRA, 2010). Por esse ângulo, entende-se o processo comunicativo com dinamicidade e vivacidade, capaz de gerar sentidos e relações, lugar não só de onde o sujeito diz, mas também de onde se assumem e se constroem papéis sociais; local de realização e renovação da cultura (FRANÇA, 2001).

Como o intuito de promover a interação entre os sujeitos na internet, no início dos anos 2000 surge uma nova proposta, a segunda geração da web, designada também de web 2.0 ou web relacional. Passa-se assim da era da informação para a construção de uma inteligência coletiva, que como sinalizado por Levy (1999), tem na rede um ambiente propício, pois cada nó dessa rede de redes pode se tornar ao mesmo tempo produtor e emissor de novas informações.

Compreendendo as perspectivas comunicacionais, passamos à discussão da web, suas características e como os pressupostos da web 2.0 influenciam o cenário atual da comunicação e das interações em rede.

1.3 WEB 1.0 E 2.0

O surgimento da internet, como já dito, permite o acesso a uma infinidade de informações em diversas áreas e marca um ponto importante na história da humanidade, uma vez que se altera a relação entre tempo e espaço e conseqüentemente a forma de se comunicar. Torna-se possível, conforme ressaltado por Bastos et al. (2011), a comunicação interpessoal, simultânea, por meio de chats e videoconferências ou assíncrona, via e-mails ou lista de discussão. Essa primeira geração da internet foi designada WEB 1.0.

No entanto, a web 1.0 era caracterizada pela passividade do usuário, considerado apenas o receptor da mensagem ou espectador da ação; os sites não eram constantemente atualizados, nem interativos, não era dado ao usuário a possibilidade de alterar, recriar ou reeditar os conteúdos a ele disponibilizados, ainda que esse já fosse considerado um espaço aberto (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2007; PEREIRA E OLIVEIRA, 2012; OLIVEIRA E DUTRA, 2014).

Nesse período, conforme Bastos et al. (2011), pautados pelo modelo funcionalista de transmissão da informação – do qual se origina o paradigma informacional da comunicação –

e com a ideia de gestão, as organizações utilizavam-se da rede como mais um canal para chegar ao público, ou seja, a internet funcionava, apenas, como mais um elemento do mix comunicacional.

Nesse momento, surgiram e proliferaram serviços disponibilizados através da rede. Surge um novo mercado e uma nova economia, como salientado por Castells (1999), o e-commerce balizou um novo padrão de negócios, fazendo triplicar o faturamento das empresas (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2007).

Cabe ressaltar, porém, que essa primeira geração de serviços da internet era bastante dispendiosa para seus usuários; a grande maioria dos serviços era paga e controlada por licenças (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2007). Desse modo, estar inserido no contexto da comunicação de massa significava estar disponível para um enorme contingente de pessoas, mas não, necessariamente, acessível a todas as pessoas. Porém, como mencionado, a filosofia que sempre esteve por trás do surgimento da web como um conceito de rede global foi a de um espaço aberto, sem dono ou controle do conteúdo publicado, que com o avanço tecnológico foi potencializado, e abriu-se espaço para uma nova geração da internet – a WEB 2.0, cujo conceito nasce permitindo aos usuários autoria e coautoria das publicações da rede sem a necessidade de grandes conhecimentos em informática (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2007; PEREIRA E OLIVEIRA, 2012).

Bourriaud (2009, p. 8) salienta que vivemos em um era de pós-produção, isto é, de releituras e reproduções dos produtos culturais existentes e, nesse cenário, a matéria prima já não entra em questão, uma vez que não se trata mais de criar algo de um material bruto, e sim, de reinterpretar objetos culturais em circulação “assim, as noções de originalidade (estar na origem de...) e mesmo de criação (fazer a partir do nada) esfumaçam-se nessa nova paisagem cultural”. O autor utiliza como metáfora explicativa os problemas ambientais do mundo contemporâneo quando a consciência da finitude dos recursos impõe a prática da reciclagem; na internet a mesma lógica se estabelece, sendo as ideias um recurso finito, daí o uso dos termos repaginar, recriar, reinterpretar, revisitar para definir a apropriação “criativa” do já criado. Daí, também, decorre o termo “prossumidor” para indicar o duplo caráter do consumidor/produtor nas interações dos internautas.

O quadro 1 e a figura 3 demonstram algumas diferenças entre as duas gerações de WEB.

Quadro 1. Quadro comparativo entre os modelos de web

WEB 1.0	WEB 2.0
O indivíduo é consumidor da informação	O indivíduo é consumidor e produtor da informação
Informação centralizada	Informação descentralizada
Informação pouco atualizada	Atualização permanente
Maior número de sites comerciais	Sites diversos, surgimento de comunidades online
Estática	Dinâmica
Inteligência individual	Inteligência coletiva
Ferramentas e possibilidades limitadas	Ferramentas e possibilidades ilimitadas
Servidores limitados e pagos	Diversos servidores gratuitos
Enciclopédias online	Redes Sociais
Home pages	Blogs e Wikis
Web sever	Peer-to-peer

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Coutinho e Bottentuit (2007).



Figura 3. Diferenças entre a web 1.0 e 2.0
 Fonte: <http://difelucabaro.blogspot.com.br/>

A segunda geração da WEB traz como proposta o compartilhamento e a colaboração para a construção de uma inteligência coletiva (BASTOS, et. al, 2012), caracterizando-se por potencializar formas de publicação, organização de informações e ampliação dos espaços de interação (PRIMO, 2007).

O termo WEB 2.0 surge em 2004 em uma conferência entre O'Reilly e Media Live International e, segundo Tim O'Reilly (2005a), não tem limites rígidos, mas indica um centro gravitacional em torno do qual se forma um verdadeiro sistema solar de sites. Nesse sentido, a web 2.0 é entendida como uma plataforma que abrange todos os dispositivos conectados, cujas aplicações buscam aproveitar ao máximo as vantagens dessa plataforma, e os softwares, como serviços continuamente atualizados, ficam melhores na medida em que mais pessoas o utilizam, consumindo, transformando e disponibilizando novos dados que também serão consumidos e transformados por outros usuários da rede, criando assim os efeitos da rede através de uma “arquitetura de participação”, proporcionando ricas experiências aos utilizadores da rede (TIM O'REILLY, 2005b).

Assim, se na web 1.0 os sites eram unidades isoladas, pautados pela lógica da transmissão, agora tem-se uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdos (PRIMO, 2007). Também conhecida como web social, a web 2.0 possui como ideal a utilização democrática dos recursos; assim ela surge como um ambiente em que os usuários podem se

expressar, possibilitando ao indivíduo opinar, compartilhar, divulgar e produzir conhecimento e criar e trocar informações (OLIVEIRA E DUTRA, 2014; BASTOS et. al, 2011)

Sob o mesmo prisma analítico, Primo (2007, p. 1), baliza que “a Web 2.0 tem repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento apoiada pela informática”.

Como característica da web 2.0 é relevante salientar que ela põe fim à necessidade dos meios físicos de armazenamento de dados, pois disponibiliza online e o armazenamento pode ser público ou privado. Além disso, a filosofia que rege a web 2.0 prima pela facilidade na publicação e rapidez no armazenamento dos dados, tendo por objetivo tornar esse espaço acessível a todos e onde cada um possa selecionar e controlar a informação conforme suas necessidades e interesses (COUTINHO e BOTTENTUIT JUNIOR, 2007).

Além das novas formas de publicação e circulação de informações, a web 2.0 apresenta uma nova forma de organização e recuperação dessas informações – a “folksonomia” (PRIMO, 2007), resultado de uma indexação livre de informações onde o usuário pode, por meio de etiquetas – ou tags – classificar a informação, facilitando, dessa forma, não só a recuperação, mas também o compartilhamento (OLIVEIRA E DUTRA, 2014).

Ainda no que diz respeito às ferramentas da web, Oliveira e Dutra (2014) apresentam os blogs, as redes sociais, os wikis, os sites de compartilhamento, social bookmarks, os fóruns e a edição colaborativa de documentos como os principais tipos de ferramentas colaborativas da web 2.0. A partir desses recursos, potencializa-se a construção da inteligência coletiva, uma das mudanças mais relevantes da web 2.0; além disso, por meio dessas ferramentas, os internautas podem discutir interesses comuns, participando ativamente do processo comunicativo (BASTOS, et. al, 2011).

Contudo, é importante lembrarmos do que fora sinalizado por Coutinho e Bottentuit Junior (2007): no processo de construção da inteligência coletiva, não podemos supor que como num processo mágico de auto-organização e colaboração, a verdade sempre emergirá a partir de vozes espontâneas, legítimas e interessadas no bem comum. Assim, ao mesmo tempo em que a web relacional potencializou o trabalho coletivo e motivou a intervenção de novas vozes, vandalismos, perseguições, desigualdades, preconceitos, confusões, erros de informação ou notícias falsas, entre outros, também ganharam espaço.

Desse modo, embora a web 2.0 tenha trazido inúmeros benefícios à educação, à comunicação a distância, à economia, à política, Silva (2009) salienta também seu lado

obsuro, caracterizado pelo avanço do anonimato, surgimento de novas formas de manipulação de um novo poder midiático.

Feitas as ressalvas, vale frisar que como ambiente de interação, a web 2.0 se apresenta como um espaço convidativo às trocas simbólicas, à interação, à comunicação e à (re)construção de realidades e identidades (BASTOS, et. al, 2011) e é a partir dessas premissas que essa pesquisa se delinea.

1.4 GERAÇÕES E TECNOLOGIAS

A convergência das mídias – computador, televisão, smartphones, etc. – que foi sinalizada por Castells (1999) como uma das características da revolução tecnológica, nos apresentou a possibilidade de estarmos em todas as partes ao mesmo tempo e, sobretudo após o início dos anos 2000, a sociedade começa a usufruir cotidianamente das novas tecnologias da informação e comunicação (SILVA E COUTO, 2008). As novas tendências tecnológicas estavam/estão cada vez mais presentes na vida das pessoas na medida em que foram introduzidas em diversos campos da atividade humana (SILVA E COUTO, 2008).

O desenvolvimento tecnológico, com suas constantes atualizações, tem provocado alterações em diversos campos da vida em sociedade, modificando comportamentos e costumes de produtores e receptores de conteúdos midiáticos e ou/culturais, principalmente com o fortalecimento da internet como ferramenta cotidiana (SOUZA E GOBBI, s/d). Castells (1999) chamou de penetrabilidades os efeitos das novas tecnologias, indicando que todos os processos de existência individual e coletiva são, diretamente, influenciados pelo novo meio tecnológico.

Nesse cenário, Silva e Couto (2008) apontam que, particularmente, as relações juvenis passam a ser construídas e mediadas pela tecnologia, possibilitando absorver com mais naturalidade novos hábitos e costumes, diferentes dos seus pais. Por essas razões, Souza e Gobbi (s/d, p. 131) afirmam que a maior parte dessas mudanças vem dos jovens “significando, assim, que são construtores de uma vanguarda que vem transformando as relações entre comunicação, organizações, produtores culturais e consumidores”. Essa afirmação nos reporta ainda a Manheinn (1982), que creditava à juventude o ritmo das mudanças sociais e indicava que a modernidade da juventude consiste em estar a par dos problemas da atualidade.

Os meios de comunicação, sempre estiveram intrinsecamente relacionados à juventude uma vez que ao serem socializados em meio às transformações ocasionadas pela

tecnologia, os jovens são os que mais se apropriam de suas ferramentas, ajudando a criar e difundir a cultura e a ideologia de sua própria geração; com a rapidez do desenvolvimento tecnológico, a influência juvenil tornou-se ainda mais impactante (PARNAIBA E GOBBI, 2010).

Desde o surgimento das tecnologias da informação e comunicação a literatura indica quatro gerações que nasceram na era do desenvolvimento tecnológico. Tendo por base a população norte-americana, Tapscott (2010) descreve a geração que nasceu entre 1946 e 1964 como os *Baby Boomers*. Nascida no pós guerra, essa é uma geração que teve muitos filhos e teve um impacto importante na economia daquele país. Contemporâneos ao nascimento da tecnologia, essa é uma geração marcada, sobretudo, pelo surgimento da televisão.

Entre 1965 e 1976, compreende-se a Geração X. Marcada pela queda das taxas de natalidade do pós-guerra, essa geração, segundo Spíndola e Villardi (2015), não nasceu inserida no ambiente tecnológico, contudo, teve contato com as tecnologias ainda muito jovens. No Brasil, essa é a geração que vivenciou o fim da ditadura e foi às ruas pelas Diretas já.

Os primeiros nativos digitais nasceram entre 1977 e 1997, chamada Geração Y ou Milênio e, como marca dessa geração, tem-se o avanço tecnológico (TAPSCOTT, 2010; SPÍNDOLA e VILLARDI, 2015). Essa é a primeira geração que se distancia da televisão, que passa a ser um pano de fundo em meio a tantos estímulos tecnológicos. Para Spíndola e Villardi (2015), a palavra que define essa geração é “pressa”, sobretudo no que diz respeito à informação; usam aparelhos de altas tecnologias e estão sempre conectados. Além disso, essa é uma geração que assimila a tecnologia de forma muito mais rápida, desenvolvendo novos padrões de comportamento e criando culturas digitais (SOUZA E GOBBI, s/d)

A última geração se refere aos nascidos pós 1998; conhecidos com geração Z ou geração Next, eles trazem características parecidas com as da geração Y, são altamente adaptados ao ambiente tecnológico e às culturas digitais (TAPSCOTT, 2010; SPÍNDOLA e VILLARDI, 2015; SOUZA E GOBBI, s/d).

As duas últimas gerações foram as mais impactadas pela evolução das tecnologias exatamente por terem nascido em um momento de expansão da internet e popularização do computador pessoal, o que trouxe diversas modificações nos universos juvenis, influenciando além da vivência da condição juvenil, as formas de ser e se posicionar diante do mundo.

Essas gerações são marcadas pela facilidade nas formas de comunicação, o que possibilitou o surgimento de novas identidades de comunidades no ambiente tecnológico. O ambiente virtual, para os nativos digitais, tornou-se muito próximo ao real, de modo que o não

palpável, diferente das gerações anteriores, é extremamente natural a esses jovens. Assim, músicas, fotografias, jogos, conversas, comunidades, estudos e brincadeira, agora são atividades realizadas no ambiente online.

Segundo Silva e Couto (2008), para esses jovens a palavra de ordem é interação. Inaugura-se a construção de uma nova identidade juvenil, multicolorida e rica de significações que se manifesta nos corpos, na moda, na maquiagem, na linguagem, na música, entre outros.

Para Sousa e Gobbi (s/d) é uma característica das gerações Y e Z a criação de redes online por meio das mídias sociais ou outras formas de interação que reforçam a cultura de nichos e criam grupos de confiança e consagração próprios, o que torna as fronteiras culturais cada vez mais tênues e as culturas cada vez mais híbridas (CANCLINI, 2004).

Castells (1999), apoiado em estudos da psicanálise, observou também que os usuários da internet interpretam papéis e criam identidades, o que lhes confere o sentimento de comunidade mesmo que efêmera. Essa colocação nos reporta a Goffman (2007) e à compreensão de que a internet é também um local de representação, de grupos de compartilhamento e manutenção de fachadas. Nesse sentido, a identidade assume a liquidez da modernidade (BAUMAN, 2008).

Bauman (2008) alerta que a modernidade traz como característica a necessidade de nos transformarmos em quem somos, de modo que os desencaixados precisam encontrar uma forma de se reencaixar na estrutura da sociedade. A partir desse entendimento, somos levados à compreensão da rapidez com que se constroem e reconstróem as identidades e comunidades juvenis no ciberespaço, uma vez que elas se formam por interesses pontuais em comum e que com a mesma velocidade que se fazem, se desfazem, buscando um novo reencaixe.

Ainda sobre os reencaixes da modernidade, compreende-se também a investidura midiática relacionando juventude e consumo, já que os padrões de consumo, hoje, são altamente definidores de identidades e pertencimentos. Assim, o consumo deixa de ser um ato meramente econômico e adquire uma perspectiva social, uma vez que os “desencaixados” na perspectiva de Bauman (2008) ou “desconectados” para Canclini (2004) são desintegrados da sociedade.

Em meio ao ritmo acelerado de transformações que as tecnologias impõem, Novaes e Vital (2005) ponderam que ser jovem na era da internet é uma experiência histórica inédita. As conquistas tecnológicas, para as autoras, alteram o tamanho do mundo, modificam a socialização e a comunicação, fazendo com que jovens de diferentes locais e condições sociais, com a propagação de certos símbolos e valores, partilhem o mesmo universo de referências.

As autoras alertam, porém, que nunca houve tanta integração globalizada e que a tensão local-global se manifesta de maneira contundente, porque, também nunca foram tão densos os sentimentos de desconexão e agudos os processos de exclusão (NOVAES E VITAL, 2005).

Esse quadro de intensas transformações no mundo tem colocado em cena a juventude como um ator social importante, cujo domínio das redes tem proporcionado novas formas de engajamento e novos espaços de atuação, interação e mobilização, sobretudo porque as tecnologias da informação e comunicação são incorporadas mais rapidamente pelo universo juvenil e podem ser utilizadas de formas distintas a partir de estilos de vidas juvenis (LOPES E DOULA, 2013).

Nessa perspectiva, ao tratar das formas como a juventude vê as novas tecnologias, Sousa (2011) afirma que elas, em especial a internet, são realidades irreversíveis na vida juvenil contemporânea. Essa é uma geração que faz uso da interatividade e a valoriza. Interatividade é realidade e há uma necessidade crescente de participar do processo de produção e difusão da comunicação (SOUSA E GOBBI, s/d). A internet para essa geração de jovens é um espaço de liberdade e expressão e, mesmo com tantos riscos e contradições, é um espaço de visibilidade desse novo ator social.

1.5 A INTERNET E A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA

A internet, por ser um canal de comunicação mais rápido e menos oneroso, tem ganhado cada vez mais espaço na vida cotidiana, sobretudo, entre os jovens, que como observado, ao serem socializados em meio às TICs, possuem outras referências de tempo e espaço, bem como, outras fontes de informação, conhecimento, espaços de socialização e lazer. Causando mudanças, inclusive, nos espaços tradicionais como o da mídia, da escola e da política, por meio de formas menos hierarquizadas como as mídias colaborativas e as novas formas de participação política.

No entanto, uma discussão importante refere-se à consolidação dos espaços virtuais e sua efetividade, pois ao mesmo tempo em que parte da literatura credita à internet um novo cenário democrático com uma participação política sem rótulos, com a participação de novos atores sociais e pautas globais tais como cidadania, direitos humanos, meio ambiente, entre outros, outra vertente o considera como algo desorganizado, de dissimulação de identidades, reprodução de desigualdades e exclusão. Em meio a esses opostos, Marques (2006, p. 167) apresenta a internet como “uma espécie de revigorante da esfera política argumentativa”,

capaz de potencializar as discussões e permitir, de maneira autônoma, a criação de laços entre desconhecidos.

No entanto, o autor considera que é crescente na literatura acadêmica a compreensão de que a esfera pública virtual tem se apresentado como complemento da formação cívica e propulsora do debate, porém sem a possibilidade de se configurar como uma arena deliberativa, delineando assim, um espaço de conversação civil (MARQUES, 2006).

Nesse contexto, é importante considerar que as últimas gerações, com destaque para a Y e Z, têm buscado outras formas de expressão, em novos espaços e por outros meios e a internet como um espaço de construção coletiva abre a possibilidade para a construção de um discurso contra hegemônico. Isso, porém, como observado por Novaes e Vital (2005), não indica que os jovens da atualidade são menos interessados ou mais apáticos que as gerações de 1960 e 1970, que foram às ruas e se consolidou no imaginário social como engajada, combatente e revolucionária; significa que em cada tempo e lugar existe uma pluralidade de identidades juvenis e entre elas, adesões e resistências. As TICs, por sua vez, marcam uma diferença importante entre as gerações.

Guisordi e Borin (2014), por exemplo, consideram a possibilidade de dizer que os grupos formados por cidadãos alcançaram o poder político, isso porque os assuntos em pauta, circulantes na sociedade, agora surgem da autoconfrontação do indivíduo e do contexto em que ele se insere. Isso reafirma a concepção da internet como espaço público de formação e confronto de opiniões, do discurso e da ação comunicativa, e conseqüentemente, de consolidação e transformação das representações sociais.

Nesse cenário, ganham destaque as redes sociais, que conforme Mailini e Antuon (2013), invertem a ordem tradicional em que o veículo de comunicação cria o público, fazendo com que o próprio público crie o veículo comunicacional, por meio de um autor coletivo, que interconectado a uma multiplicidade de outros autores, exprimem uma perspectiva de constituição do mundo.

Sob esse prisma, Scherer-Warren (2006) sinaliza que com as conexões em rede novas formas de ativismo se consolidam por meio de novos movimentos sociais que visam protagonizar um conjunto de ações orientadas às minorias e, para tanto, se articulam baseados em valores, cooperação, solidariedade e identidades. Mailini e Antuon (2013) reiteram ainda que nas últimas décadas a internet tem proporcionado novos canais de comunicação e possibilidades de expressão e liberdade no terreno da informação incluindo novos atores ao processo por meio de uma narrativa que pertence a todos, ainda que sejam muitos os desafios de universalização da rede.

Sem embargo, ainda que sejam muitos os benefícios, o discurso em torno da internet está longe de ser consensual, inclusive, no imaginário social dos jovens, pois além dos desafios relacionados ao acesso, à inclusão e ao letramento digital, a expansão da internet trouxe consigo algumas distorções, como por exemplo, a rápida disseminação de informação e entre elas notícias falsas ou manipuladas, bem como o fato de que o anonimato proporcionado pela rede torna o mundo virtual um contínuo do mundo real, fazendo-o um espaço de reprodução de hierarquias, exibicionismo, manipulação, cerceamento da liberdade, crimes, perseguições e preconceitos. No cenário do ativismo político, como a rede suscita a conexão de laços fracos, ele tem sido momentâneo e pontual, o que gera, no coletivo, representações sobre sua ineficácia (DIAS, DOULA E CARDOSO, 2017).

Nessa conjuntura, Dias, Doula e Cardoso (2017) perceberam, em estudo focalizado nas representações juvenis sobre a internet que, para os jovens, ela se configura com um espaço de contestação, debates, mobilização, formação de opinião, sociabilidade e, paradoxalmente, de comodismo e falta de efetividade, afastando-se assim da concepção de arena deliberativa e aproximando-se mais da concepção de conversação civil (MARQUES, 2006).

Enfim, os desafios e possibilidades da internet ainda compõem um campo de estudos recentes, permeados por contradições e distante de uma interpretação unívoca. Reconhece-se que ela foi responsável por criar um novo ator social, que facilitou a vida cotidiana e propôs novas formas de ser e estar em sociedade; contudo, os usuários da rede compõem uma diversidade incontável de identidades, interesses e demandas que instigam cada vez mais estudos sobre o papel que as redes têm ocupado na sociedade e, nesse caso, nos imaginários dos jovens rurais, como será apresentado no capítulo 4.

1.6 AS COMUNIDADES ONLINE

É visível, sobretudo nas últimas duas gerações, Y e Z, a necessidade de se integrar a diversas redes de contatos, sejam elas em grupos presenciais ou virtuais, o que no limite, faz parte dos processos de (re)construção das identidades juvenis. No entanto, com a evolução das tecnologias, as interações virtuais têm se tornado cada vez mais frequentes devido à facilidade que proporcionam às comunicações. Desse modo, é cada vez mais comum, principalmente entre os jovens, que participem de diversos grupos no Whatsapp, que sigam diferentes páginas na internet, que formem grupos em redes sociais como o Facebook, entre outras formas de interação no espaço virtual.

Nesse universo, os participantes buscam reconhecimento de suas múltiplas identidades e, ainda, a possibilidade de descobrir aquilo que são, podem ou querem ser para além das construções baseadas nos primeiros círculos de socialização. Observa-se com isso que ainda que este seja um espaço controverso, de expansão do campo de possibilidades, mas também de reprodução das desigualdades sociais, as TICs, especialmente a internet e as redes sociais, têm desempenhado um papel importante na construção de outros círculos de socialização e processos de interação.

Nesse cenário, Garcia (2014) sinaliza a ampliação do conceito de indivíduo em relação à ideia de pertencimento, que no contexto da modernidade tardia e, inclusive, pela redução espaço-temporal que o deslocamento virtual permite, tem sido reapropriada pela literatura como multipertencimentos devido às inúmeras possibilidades de conhecimento “sobre algo além de sua rede de relacionamentos local, sobre sua realidade imediata baseada nos costumes” (GARCIA, 2014, p. 41).

Sob esse aspecto, Hall (2005, p. 7) baliza que o conceito de identidade passou por um longo processo de (re)discussão na teoria social: “em essência o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno até aqui visto como um indivíduo unificado”. Assim, o que Hall busca demonstrar é que a “crise de identidade” precisa ser vista dentro de um amplo contexto de transformações que tem desarticulado as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, causando um deslocamento ou descentração do sujeito, o que por sua vez, vem afetando o quadro de referências que concediam ao indivíduo uma ancoragem estável no mundo social.

Desse modo, as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, sexualidade, nacionalidade, entre outros, que no passado forneciam localizações sólidas aos sujeitos sociais, na pós-modernidade ou modernidade tardia, estão cada vez mais fragmentadas, abalando consideravelmente a ideia de que os indivíduos possuem identidades fixas (HALL, 2005).

Assim, ainda que o deslocamento e a intersecção entre culturas seja possível há muitos anos, permitindo com isso uma segunda identidade/identificação, nunca na história da humanidade houve nada parecido com as transformações da era digital. A internet viabiliza esse mesmo “movimento” intercultural sem que seja necessário qualquer deslocamento físico. Não é mais preciso, para conhecer e se identificar com outra cultura, uma imersão presencial, basta se conectar e interagir por meio da internet com indivíduos de uma comunidade

diferente e compartilhar os símbolos e signos que identificam a todos como uma comunidade (GARCIA, 2014).

Castells (1999), ao observar o aparecimento de uma nova ordem cultural pautada em relações estabelecidas por meio da rede, salientou ainda que a internet é uma tecnologia que vai além, sendo também “um meio de comunicação, interação e organização social” (CASTELLS, 2014, s/p). E, pautado nos estudos de Wellman, Castells (2014) considera também que as comunidades virtuais são, assim como as físicas, comunidades, que geram formas de sociabilidade, criam relações e redes de relacionamentos, ainda que seguindo outras lógicas, como já mencionado. Nesse sentido, são comunidades de pessoas, organizadas com base em interesses individuais e valores, e a internet, com a capacidade de transpor as barreiras físicas do cotidiano, gera redes de afinidades. Assim, para o autor, a tendência observada consiste no declínio da sociabilidade baseada na comunidade física, na vizinhança e na construção de outros laços, edificados com base em interesses comuns com aqueles que estão fisicamente distantes.

Corroborando o que já fora dito por Castells (1999; 2014) e Garcia (2014), Corrêa (2004) sinaliza que em um contexto de comunicação ágil, as pessoas tendem a se unir em grupos sociais de mesmo interesse, cuja busca em torno de novas identidades é necessária para o reconhecimento do indivíduo em relação aos outros e para a delimitação de seu lugar no mundo. Passa-se, assim, a uma outra realidade na qual o tempo e o espaço não são tão significativos, um vez que redes globais de intercâmbios, na mesma velocidade, fazem e desfazem laços virtuais entre indivíduos, grupos, regiões e países.

Assim, a exemplo da pesquisa desenvolvida por Corrêa (2004), a comunidade virtual será identificada aqui como uma estratégia, desenvolvida por indivíduos inseridos em uma sociedade em rede, de reconhecimento de sua/suas identidade/s, em que a principal diferença para o modelo tradicional está na escolha pessoal e eletiva.

Sendo assim, as comunidades virtuais são mantidas por meio de aproximações intelectuais e emocionais, em detrimento da proximidade física (PRIMO, 1997) e diferente das comunidades tradicionais. Recuero (2002), a partir dos apontamentos de Palácios, afirma que o sentimento de pertencimento é desterritorializado. Desse modo, o sentimento é antes de tudo associado à comunidade e não ao território concreto ou a sua representação.

Além disso, é importante salientar que uma das características das comunidades virtuais é que, ao contrário daquelas cuja referência é o território, os vínculos online podem ser efêmeros e só continuarão a existir enquanto indivíduos conectados mantiverem o mínimo de contato, caso contrário, a comunidade desaparece (PRIMO, 1997). Vale lembrar ainda que

o conceito de comunidade virtual é alvo de inúmeras críticas e entre elas estão a falta de uma delimitação espacial, ou seja, um *locus* específico (RECUERO, 2002), a exclusão dos desconectados (PRIMO, 1997), confiabilidade e ainda a rapidez com que laços são feitos e desfeitos no ambientes virtuais.

A respeito da confiabilidade, sobretudo nas identidades, Castells (2014), sob o argumento de um debate superficial, rebate a crítica de que a internet é o lugar da trivialidade. Para o autor, embora exista, é minoritária a ideia de identidades falsas, que ocorrem basicamente entre adolescentes, que inventam e experimentam novas identidades, mas isso acontece não só na internet. Olhando para a sociedade de maneira geral, o que se observa é um uso instrumental da internet para desenvolver tarefas políticas ou pessoais ou interesses particulares, de modo que o que vemos é a apropriação da internet por redes sociais, diversos tipos de organizações e movimentações e manutenção de laços fracos.

Entretanto, por outro lado, reconhece-se nestes ambientes uma nova relação entre técnica e vida social, com a possibilidade de outras sociabilidades, construídas de maneira espontânea e com práticas culturais específicas, além da capacidade de aproximar indivíduos que possivelmente não se encontrariam em outras circunstâncias (CORRÊA, 2004). Sob esse ponto de vista, a internet se figura ao mesmo tempo como um espaço ressignificado e um *locus* de ressignificação do indivíduo, isso porque o ciberespaço passa a ser encarado como um mundo, onde as relações e laços sociais são criados e (re)criados (GARCIA, 2014).

Por fim, para essa dissertação, entendemos as comunidades virtuais como uma forma de gerar identidades (CORRÊA, 2004), pois os indivíduos podem não conhecer ou manter relacionamentos constantes com todos os membros da comunidade, no entanto, sentem-se parte de um mesmo coletivo, possuindo, inclusive a capacidade de identificar elementos exteriores a seu grupo. Essa identificação, é significativo dizer, não é fruto apenas de uma realidade virtual, pois como já frisado, o *online* e o *offline* fazem parte da mesma realidade. Assim, os aspectos subjetivos que compõem uma comunidade virtual são antes o resultado de uma história compartilhada de mitos, símbolos e significados que, na rede, representam um grupo social (GARCIA, 2014).

CAPÍTULO 2. A REDE JOVEM RURAL NO CIBERESPAÇO: O BLOG E OS DOCUMENTOS EM FOCO

Este capítulo é dedicado à compreensão do ambiente virtual da Rede onde são expostos os objetivos que constituem o projeto coletivo Rede Jovem Rural, bem como as representações expressas nesse ambiente. Para tanto, foram analisados o blog (que foi identificado como principal espaço virtual, onde estão publicadas todas as informações sobre a Rede), um mural (abordando diversas temáticas relacionadas direta ou indiretamente à juventude), os documentos (os relatórios produzidos pela empresa Souza Cruz) e as cartas publicadas em algumas edições da Jornada Nacional do Jovem Rural.

2.1 O BLOG

A internet se constituiu como um espaço indissociável da vida cotidiana, sobretudo entre os jovens, e tem feito parte dos processos de (re)construção das identidades e representações devido a sua capacidade de fazer conhecer realidades distintas sem a necessidade de deslocamento físico e conectar pessoas fisicamente distantes por meio da constituição de laços fracos.

Aqui buscamos compreender o blog na perspectiva de uma comunidade online; ainda que ele tenha algumas características destoantes, como não haver a possibilidade de comentários, de acordo com um dos gestores entrevistados isso não desfaz o vínculo no espaço virtual, uma vez que esse espaço foi dado na comunidade do Facebook. Como abordado no capítulo 1, novas formas de comunicação e sociabilidade inserem efetivamente o internauta no processo comunicativo a partir da possibilidade de integração com o conteúdo publicado na internet e mantém a ideia de comunidade por meio das representações comuns que permeiam o universo da juventude rural.

Assim, apesar de ser um espaço que consideramos institucional, porque está sob responsabilidade de uma das instituições que integram a Rede e, como veremos adiante é primordialmente um espaço de divulgação, ele é também direcionado à juventude rural apresentando, deste modo, representações sobre o campo que podem influenciar as representações dos jovens participantes.

Nesse sentido, o que procuramos com o blog e com os documentos, foi compreender as representações que situam os discursos institucionais a fim de apreender além do

imaginário juvenil circulante na Rede, as intencionalidades do discurso que também é construtor dessas representações.

Isso posto, compreende-se que as representações sociais são criadas por grupos e indivíduos em processo de comunicação (ANJOS E CALDAS, 2014). A TRS busca então revelar de que forma os indivíduos, grupos e sujeitos sociais constroem seu conhecimento a partir de sua inserção social e cultural, e, por outro lado, como a sociedade se permite conhecer e como constrói esse conhecimento com os indivíduos. Isto é, como interatuam os sujeitos e a sociedade na construção da realidade e como a constroem em uma estreita parceria – que sem dúvida – passa pela comunicação (ARRUDA, 2002, pág. 128). A comunicação é assim o lugar de materialização das representações (ARRUDA, 2002) que, conforme sinaliza Jodelet (2001, pág. 17), “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens”. Para tanto, antes de entrarmos propriamente no cenário das representações, foi feita uma descrição de como o blog é apresentado.

A página inicial da Rede Jovem Rural é encontrada no endereço <<http://www.jovemrural.com.br/>>. Em sua parte superior, à esquerda, é apresentada, em destaque, a logomarca da Rede Jovem Rural – em uma faixa na cor verde; à direita, encontra-se o link de busca – em um box branco com letras verdes. Na mesma faixa, porém com um tom de verde mais escuro encontram-se as opções do menu – as abas estão escritas em letras grandes em um tom mais escuro que o fundo, distribuídas em uma pequena faixa horizontal. Nessa faixa, seguindo a ordem em que são apresentados da esquerda para direita, como links a serem selecionados, tem-se: “Quem somos”, “Nossas ações”, “Agenda”, “Imprensa” e “Fale conosco”.

Em seguida, o espaço virtual é dividido em duas colunas verticais, sendo a primeira coluna bem mais estreita que a que segue. Essa primeira coluna é dividida em dois boxes, ambos de fundo branco. Na primeira divisão, em letras grandes, lê-se: “Leia também”. Logo abaixo, três divisões que direcionam as seções da VI Jornada do Jovem Rural; Intercâmbio da Juventude Rural e Ligados na Rede, cada uma com sua logomarca. A primeira, com o link da VI Jornada do Jovem Rural, é apresentada com um “desenho” que se assemelha a uma folha e uma estrada, nas cores verde e marrom. Logo abaixo, a logo do “Intercâmbio”, também nas cores verde e marrom, e por último “Ligados na rede” na cor vermelha com um desenho que se assemelha a uma pessoa “antena” (à rede).

O segundo box, esse bem mais extenso e com cinco divisões, apresenta as redes sociais da Rede Jovem Rural (Facebook, Twitter, Youtube, Flickr e RSS), os blogs parceiros (Juventude no MOC, Blog do CEDEJOR, Blog da ADEL, Blog do IBELGA, Pequenas frutas,

ADJER, Escolas de Referência e Fórum DRS), a seção intitulada Newsletter, ou seja, boletim de notícias e a possibilidade de assiná-lo. Seguindo, encontra-se um calendário sob o título “Arquivo de Posts”.

A última seção dessa coluna, “Nuvem de TAGs”, apresenta diversas palavras em diferentes tamanhos, cujo tamanho da letra corresponde ao número de notícias vinculadas àquela TAG; assim em destaque – nos maiores tamanhos – temos “III Intercambio” e “vídeos”, seguido por “Agricultura Familiar”, “ARACAFAR – SUL”, “CEDEJOR”, “Eventos”, “Instituto Souza Cruz”, “IV Intercâmbio”, “IV Jornada”, “SERTA”, “MEPES” e “MOC” – com letras um pouco menores. Logo depois “Agroecologia”, “Agroturismo”, “Agroturismo Capixaba”, “downloads”, “Feira”, “Fotos”, “Gás”, “Orgânicos”, “PEJR”, “Segurança Alimentar”, “VI Jornada”, “V Jornada” e “V Intercâmbio” – com letras ainda menores. “Conexões Rurais” e “Alimentos orgânicos” já são apresentados com letras bem pequenas e, por fim, com as menores letras, “Aefacot”, “ARCAFAR-AM”, “boas práticas”, “comércio”, “empreendedorismo”, “escola da floresta”, “hortas urbanas”, “IBELGA”, “jornada temática”, “livros”, “mapas”, “PAER”, “rio+20” e “VI intercâmbio”.

A segunda coluna, essa bem mais extensa verticalmente e ocupando quase todo o espaço do site, apresenta as últimas atualizações em forma de notícias. Todas as notícias são acompanhadas de um título – com letras verdes –, logo abaixo, a data – em cinza – e um link, indicando em qual das seções do site a notícia esta publicada – Intercambio da Juventude, Jornada da Juventude ou Ligados na Rede. Ao final de cada notícia, geralmente, estão as TAGs e os comentários que são fechados.

Após as notícias, já no fim da página, estão as logomarcas das instituições que compõem a Rede Jovem Rural – cada uma dessas logomarcas são também um link de acesso à home Page de cada instituição – e o endereço físico e eletrônico do Instituto Souza Cruz, bem como os números de fax e telefone (Figura 4).

Figura 4. Página inicial do blog da Rede

Fonte: <http://www.jovemrural.com.br/>

A primeira aba, “Quem somos”, tem logo abaixo do título – em verde, com letras maiores que o texto – uma foto de duas jovens. Esta seção do site tem por objetivo definir a Rede Jovem Rural, então logo embaixo da foto, segue em letras verdes o título “Rede Jovem Rural” e, em seguida, um pequeno parágrafo onde a rede é descrita como um coletivo formado por seis instituições que têm em comum a preocupação e a ação em torno de projetos destinados à educação e o desenvolvimento dos jovens rurais.

Após a descrição da rede, também em verde, com link direto para a home page de cada instituição, seguem em tópicos cada uma delas:

- Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul do Brasil (Arcafar Sul);
- Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (Cedejor);
- Movimento de Educação Promocional do Estado do Espírito Santo (Mepes);
- Movimento de Organização Comunitária (MOC);

- Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta).

Em seguida, há outro pequeno parágrafo salientando o foco da rede em iniciativas de cooperação e defesa em prol das causas juvenis rurais, cujos objetivos estratégicos são definidos:

- “Constituir-se como um espaço para troca de experiências, especialmente em torno dos temas empreendedorismo do jovem do campo e desenvolvimento sustentável em territórios rurais;
- Incentivar a articulação entre instituições que se ocupam do apoio técnico, fomento ou análise de projetos voltados para o protagonismo do jovem rural;
- Subsidiar políticas públicas através da sistematização e divulgação de experiências de trabalho;
- Fortalecer vínculos entre as instituições signatárias” (REDE JOVEM RURAL, 2017).

Ao final da página, encontra-se o link para a aba seguinte: “Conheça nossas ações”. Essa aba é dedicada aos projetos desenvolvidos. A primeira ação a ser apresentada é a Jornada Nacional do Jovem Rural, que é promovida a cada dois anos e reúne jovens e educadores de todas as regiões do país ligados a instituições que trabalham com educação do campo para troca de experiências e a promoção de ações futuras. A primeira jornada aconteceu no ano de 2005, em Gramado – RS, e segundo o site reuniu 300 participantes em torno do tema “Empreendedorismo”, sendo este, o pontapé inicial para o surgimento da Rede Jovem Rural.

Em 2007, a segunda jornada aconteceu em Luziânia – GO e Brasília – DF e reuniu 700 participantes. O tema foi “Políticas públicas e desenvolvimento sustentável”. Desse encontro, uma carta de proposições foi entregue à Câmara dos Deputados. A terceira jornada, pela primeira vez realizada em um espaço rural, aconteceu em 2009 no município de Glória do Goitá – PE, reunindo 800 participantes; desta vez, o tema discutido foi “Trabalho e sustentabilidade do campo”.

A quarta jornada foi realizada em Domingos Martins – ES em 2011, sob o tema “Por uma agricultura familiar, profissional e inovadora”, onde 400 participantes estiveram reunidos. Nesta seção, a última jornada descrita foi a de 2013 que reuniu 300 participantes e foi realizada em Bocaiúva do Sul – PR, tendo como tema “Novos caminhos para a agricultura familiar”. Por fim, logo abaixo das descrições das jornadas, segue um link para a tag Jornada Nacional do Jovem Rural.

Seguindo a apresentação das ações, o Intercâmbio é descrito com uma oportunidade de “conhecer novas culturas, paisagens e sotaques, é uma aventura que amplia horizontes e transforma paradigmas!” (REDE JOVEM RURAL, 2017). Sob esse ponto de vista, o intercâmbio, segundo o site da rede, tem por objetivo:

- “Favorecer a integração de jovens rurais, participantes de diferentes programas e/ou ações institucionais de desenvolvimento rural sustentável;
- Realizar ações que contribuam para o estabelecimento de uma rede focada no empreendedorismo do jovem rural;
- Desenvolver noções de cidadania, propiciando melhor compreensão das diferenças entre regiões e territórios” (REDE JOVEM RURAL, 2017).

O intercâmbio, sob coordenação do ISC, também acontece a cada dois anos e é uma iniciativa voltada para a troca de experiências entre as diversas realidades do rural brasileiro. Os resultados dessa experiência culminaram ainda, conforme consta no site, na revista Conexões Rurais (cujo link leva à página do ISC) e no livro Vozes e Visões do Campo. Ao fim da descrição sobre o intercâmbio, também há uma link que leva a tag Intercâmbio da Juventude Rural Brasileira.

A última ação apresentada, o Vivência Profissional, já extinto, tinha como objetivo “contribuir para o aprimoramento profissional dos educadores rurais, a Rede Jovem Rural, implementou em 2010 a Vivência Profissional, iniciativa piloto que proporcionou aos profissionais de Educação do Campo o conhecimento *in loco* de boas práticas no meio rural” (REDE JOVEM RURAL). Ao fim da página segue o link que leva à tag do Vivência Profissional.

Dedicada ao calendário, a aba denominada “agenda”, possui tons de verde e branco. Para março e abril, períodos de observação do blog para descrição, não houveram ações promovidas pela rede. A aba seguinte, Imprensa, é onde se encontram os contatos eletrônicos, bem como o endereço físico da rede; nela, a Rede Jovem Rede Rural afirma acreditar em um relacionamento equilibrado e aberto por meio das mídias, oferecendo assim um espaço de diálogo e construção com a assessoria da rede, além de informações diretas sobre as iniciativas da rede.

Por fim, também em verde, na aba “Fale conosco” com fontes maiores que as do corpo do texto vem escrito: “Entre em contato” e, logo abaixo, ainda em verde: “Entre em

contato com a equipe da rede jovem rural”, seguidos então pelo endereço, número de telefone e fax e, por fim, o email.

2.2 O BLOG EM UM DISCURSO NÃO TEXTUAL

A partir da observação do blog é possível perceber que existe um discurso não textual evidente que se manifesta nas cores e imagens, imersas em uma significação implícita que só pode ser entendida se vinculada a seu contexto. Desse modo, “o conhecimento das condições sociais, culturais e cognitivas contribui decisivamente para a compreensão do porquê de determinada mensagem, com determinado formato” (GONÇALVES, 2005, p.18).

Assim, a predominância do verde em todo o blog alude à natureza, que marca inúmeras representações sobre o campo, entre elas, a qualidade de vida. Além disso, na margem esquerda as imagens que sinalizam os links são bastante significativas. A imagem que precede o link da Jornada (figura 5) tem o formato de folhas, nas cores verde e marrom, que além da ênfase na natureza, trazem a ideia da agricultura marcada pela cor da terra. Logo, o símbolo remete às representações do imaginário que recorrentemente são associadas à juventude rural.

O Intercâmbio (figura 6) é representado pela imagem de pessoas que, ligadas umas as outras, formam um círculo; essa figura reitera o discurso textual, que tem como objetivo unir jovens de todo país em uma troca de experiências e, mais uma vez, com as cores em verde e marrom fazendo alusão à natureza e à terra. Por fim, o “Ligado na rede” que traz uma pessoa conectada, inclusive, com o símbolo da conexão Wi-Fi e que também chama atenção pela cor, vermelha, que marca uma posição de atenção (figura 7).



Figura 5. Logomarca da Jornada Nacional do Jovem Rural

Fonte: <http://www.jovemrural.com.br/>



Figura 6. Logomarca do Intercambio da Juventude Rural
 Fonte: <http://www.jovemrural.com.br/>



Figura 7. Logomarca do Ligado na Rede
 Fonte: <http://www.jovemrural.com.br/>

Esse discurso não textual se entrecruza em um discurso textual que procura marcar a valorização do campo, da natureza, da agricultura e das populações rurais, sobretudo a juventude e ainda, chamar atenção ao espaço virtual da Rede. Não por acaso, a Rede se intitula como um projeto de defesa da causa da juventude. Deste modo, na busca de um diálogo mais próximo com o jovem, entende-se a constituição do blog e posteriormente da comunidade no Facebook, como uma ferramenta, que em tese, está mais próxima do cotidiano juvenil a partir das interações estabelecidas pela internet.

Feitas essas considerações, bem como a descrição do blog, partamos à análise das postagens, tendo por lente norteadora da análise a TRS, embora a percepção de Arruda (2002) nos leve a compreender que as RS são processos complexos e de difícil captação, ressaltando o ímprobo de defini-las.

2.3 O DISCURSO TEXTUAL

No âmbito dos processos comunicacionais estabelecidos, sobretudo após a web 2.0, os blogs se configuram como uma espécie de diário de bordo, um mural, onde temas, percepções, estilos de vida, entre outros aspectos são expostos e socializados com os usuários da rede. E, de maneira geral, são organizados por ordem cronológica e possuem textos, imagens, vídeos, mesclando uma série de recursos que são típicos da segunda geração da web.

O Blog da Rede insere-se nessa perspectiva, usando esse espaço para a postagem de informações, textos, vídeos, imagens, cartilhas e relatos juvenis sobre as experiências e ações da Rede, assim como temas que estejam relacionados aos propósitos da Rede como: agricultura familiar, segurança alimentar, juventude rural, desenvolvimento sustentável, entre outros.

Ao acessar o blog da Rede Jovem Rural, percebe-se de imediato que a principal finalidade deste é a de divulgar as duas principais ações desenvolvidas atualmente: a Jornada e o Intercâmbio (principalmente nos dois últimos anos em que as publicações diminuíram bastante⁶ e mais de 60% das publicações são sobre essas duas ações). Do total de publicações, nos últimos cinco anos, 43% são destinadas à divulgação/informação/agenda das ações promovidas, como veremos no quadro que segue:

Quadro 2. Publicações da Rede Jovem Rural

	2016	2015	2014	2013	2012	Total
Publicações	17	42	56	68	110	293
Intercâmbio	11	03	19	0	36	69
Jornada	01	23	0	33	1	58
Porcentagens⁷	76%	62%	34%	48%	34%	43%

Fonte: Elaborado pela autora com base no blog da Rede Jovem Rural, 2017

Também é importante considerar que tanto a Jornada como o Intercâmbio acontecem a cada dois anos e em anos distintos, o que explica que em um ano tenha-se um número expressivo de postagens sobre uma das ações e no ano seguinte o inverso aconteça.

Do total de textos/vídeos (re)publicados pela RJR, cerca 70% são de autoria da própria Rede, contudo, vale ressaltar que desses 70%, 43% possuem ênfase na Jornada ou no Intercâmbio como mostrado na tabela acima; os demais 27% remetem-se a diferentes fontes, como sites institucionais públicos ou privados, blogs, páginas do Facebook e revistas

⁶ Segundo um dos gestores a Rede Jovem Rural passa por um momento difícil devido ao cenário político do país e isso resulta inclusive na falta de periodicidade das publicações.

⁷ A porcentagem se refere à soma das publicações da Jornada e do Intercâmbio.

eletrônicas, tendo sido republicados pela RJR, em seu respectivo blog, posteriormente à publicação original. Ainda do total de postagens, 57% estão vinculadas à tag “Ligados na rede”; 23% à tag do “Intercâmbio da Juventude Rural” e 20% à tag da “Jornada Nacional do Jovem Rural”.

A partir da análise dos textos foram criados sete temas: Jornada e Intercâmbio; divulgação; sustentabilidade; agricultura familiar; agroecologia e agricultura orgânica, tecnologias para o campo e feiras. Para cada categoria foram estabelecidas porcentagens com a frequência com que cada uma delas apareceu no universo amostral. Destarte, é oportuno esclarecer dois aspectos: o primeiro diz respeito à enorme diversidade de temáticas que compreende o blog da RJR e desse modo, algumas delas apresentam números percentuais pequenos em relação à totalidade do universo amostral; o segundo tem o intuito de elucidar que, embora relacionado a uma categoria definida, não há impedimento que os textos, secundariamente, enquadrem-se em outras categorias, isso porque cada texto foi direcionado por seu assunto principal. Por último, ressalta-se que 09 publicações, em formato de vídeo, não puderam ser acessadas, o que corresponde a 3% da amostra, sendo analisadas apenas pelo texto que apresentava o vídeo.

No tocante a temática Jornada e Intercâmbio, elencados como assunto principal em 43% das postagens do blog, é notável o empenho da Rede Jovem Rural em divulgar suas principais ações. Os textos, em maioria, informam sobre os destinos do Intercâmbio e da Jornada, quem serão seus participantes, quais seus estados de origem e as instituições a que estão vinculados e as atividades que estão envolvidas na programação, tais como: visitas técnicas, eventos culturais e visitas turísticas.

Entre as postagens que dizem respeito ao intercâmbio, é sempre salientada a importância de conhecer outras realidades e compreender o dia-a-dia de outros agricultores e especificidades de cada região do país. Como prática do intercâmbio os jovens pernoitam nas propriedades visitadas, com o intuito, conforme os textos, de acompanharem de perto as atividades realizadas nas propriedades visitadas e absorverem informações, descobrirem outras formas de lidar com as dificuldades enfrentadas e, no retorno aos seus estados de origem, adaptarem o que foi apreendido às suas realidades (REDE JOVEM RURAL, 2017). Assim, as representações observadas sobre o intercâmbio giram principalmente em torno da troca de experiências, trocas culturais, aprendizagem não convencional e da importância dos espaços de integração e socialização presenciais.

Ainda sobre o Intercâmbio, nas postagens do último ano, 2016, é recorrentemente lembrado que em 2015 o mesmo foi alvo de uma pesquisa internacional sobre regimes de

intercâmbio direcionados a jovens rurais no mundo, sendo, dessa forma, reconhecido como um estudo de caso pela Comissão Europeia, salientando assim a relevância dessa ação para a “causa da juventude” e, sobretudo, o “mérito” da Rede de realizá-lo.

A jornada é representada como um espaço “multidisciplinar”, onde acontecem trocas culturais, interação, diversão, discussões políticas e sociais, minicursos e práticas esportivas. Em uma postagem do dia 4 de novembro de 2015, há o seguinte relato sobre a última jornada: “**A VI Jornada Nacional do Jovem Rural** é um espaço diferente de muitos que discutem assuntos pertinentes à juventude brasileira. Primeiro por ser produzida na perspectiva de atender aos jovens do campo, uma classe que sempre foi vista (ou não vista), como inferior e sem nada a oferecer” (REDE JOVE RURAL, 2015).

A jornada também aparece no blog como um espaço de visibilidade das demandas, identidades culturais, especificidades regionais e ruralidades diversas. As representações são ainda mais evidentes nos vídeos que relatam as experiências da jornada, pois destacam nas falas dos jovens a importância do campo na identidade brasileira, o protagonismo juvenil e a necessidade de desconstrução das representações que cercam o campo.

Os dois eventos são representados no blog da Rede como complementares, onde no primeiro existe a vivência de diversas realidades rurais, o contato com diferentes modos de produção e a possibilidade de compreender as distâncias e aproximações do campo brasileiro, enquanto o segundo se destina a um espaço de convivência e interação, sem deixar de lado os espaços de formação, como as visitas e os minicursos, sendo, portanto, um espaço de socialização das juventudes.

Nos textos divulgados ainda é possível perceber a proeminência das visões positivas sobre o campo e o cuidado em mostrar aos jovens participantes experiências que deram certo. Essa postura adotada pela gestão da Rede, em ressaltar no blog os aspectos positivos do meio rural corrobora a nossa percepção de que a internet atua no cenário de (re)construção das representações, já que, como também observado na fala de um dos gestores, o objetivo da Rede é que ao conhecer outros jovens e outras realidades rurais, os jovens reorientem suas percepções e entendam que o campo é um lugar de oportunidades e escolhas “um local para viver, e, não para sobreviver” (GESTOR 2).

O segundo tema, “divulgação”, corresponde a 20% das publicações e, de maneira geral, como o próprio nome diz, indica a principal finalidade do blog: divulgar/informar. São (re)publicados eventos culturais como circuitos gastronômicos, mostras fotográficas, exposições, circuitos de arte e feiras; eventos acadêmicos/científicos como seminários e grupos de discussão; programas de incentivo à produção e comercialização; programas de

crédito; editais para agricultores familiares; concursos, como de desenho, redação e projetos destinados à agricultura; iniciativas das instituições que compõem a rede; guias alimentares; eventos tecnológicos, como a mostra ecotecnológica; fóruns; entre outros assuntos. Nesse sentido, percebe-se que o blog da RJR, inserido no rol das tecnologias da segunda geração da web, pode ser entendido com um espaço de circulação constante de informações.

No tocante a temática “agricultura familiar”, assunto principal em 7% das publicações, as representações estão associadas à saúde, segurança alimentar, relação entre consumidor e produtor, conservação ambiental, agroecologia e alimentos orgânicos, valorização do produtor e dos mercados locais, economia e geração de renda.

Por meio dos textos, nota-se que a RJR, em sua página virtual, diz respeito a uma agricultura familiar cuja produção não compete nos grandes mercados e que não mais está inserida no “pacote da revolução verde” ou está em transição. E isso explica a relação com os temas supracitados. As publicações, de maneira geral, seguem ao encontro dos debates atuais acerca da degradação ambiental e os riscos à saúde, provenientes da agricultura convencional, que inclui o uso extensivo de agrotóxicos.

As representações que envolvem tais conceitos apontam uma forma de produzir pautada no equilíbrio entre o homem e a natureza que perpassa pela capacidade de preservar os recursos naturais e obter condições para que se possa viver da terra. Nessa perspectiva, Carmo (1998) salienta que a agricultura familiar dada a sua diversidade de produção que integra atividades agrícolas e agropecuárias, e ainda por trabalhar em escalas menores, apresenta-se como um *locus* privilegiado para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável. Acrescentando à colocação, encontramos em Gliessman (2003, s/p) que a “agricultura sustentável é uma agricultura que protege a base de recursos naturais, permite uma economia viável e propõe um aspecto social justo e aberto a todos que fazem parte da sociedade”.

Também nos textos e vídeos do blog há uma relação importante entre a agricultura familiar e as feiras, apresentadas como forma de economia para o consumidor, valorização do comércio local e geração de renda que se enquadram na perspectiva de Buainain et. al (2003) do quanto o universo da agricultura familiar é heterogêneo em termos de acesso a mercado, geração e acumulação de renda e disponibilidade de recursos.

As feiras representam mais que geração renda para os agricultores, elas representam sociabilidade. Ir à feira significa mais que valorizar o comércio local, a feira é o local do encontro, da relação entre o campo e cidade, do vínculo entre o produtor e o consumidor. O produto que vem da feira é carregado de simbologia, “você sabe de onde vem” e isso faz a

diferença, o contato valoriza o produtor, que tem “fregueses-amigos” e esse processo permite que a renda gerada na produção fique, de fato, com o produtor, sem atravessadores.

Sob esse prisma, Gliessman (2003) acrescenta ainda que as feiras têm contribuído para que os consumidores tenham consciência dos impactos de suas compras e para que os produtores recebam mais por sua força de trabalho. Ainda para o autor, as feiras têm reavivado as relações pessoais, característica importante no processo de produção e que faz com que o produtor tenha orgulho de fazer o que faz. Cabe ressaltar ainda que as feiras foram o tema principal de 1% das postagens do blog.

Os dois próximos temas, além de estarem intimamente ligados entre si, aparecem relacionados ao primeiro, conforme as representações captadas, isso porque o blog da Rede, em suas postagens, busca dar visibilidade a uma agricultura familiar sustentável e agroecológica.

O tema “sustentabilidade” é assunto central em 6% das publicações, e nele foram incluídos assuntos como gestão da água, conservação ambiental, práticas sustentáveis e desenvolvimento sustentável. No entanto, vale ressaltar, como sinalizado por Techio et.al (2016) que poucos estudos se dedicaram à compreensão das representações sociais sobre sustentabilidade, dificultando assim que se tenha uma unanimidade sobre a categoria. Apoiados em estudos sobre tal temática, realizados com jovens universitários, os autores concluem que de maneira geral a sustentabilidade é associada ao meio ambiente, deslocada de questões sociais e econômicas.

As representações sobre sustentabilidade apreendidas no blog da Rede seguem essa mesma perspectiva. Tratam, em maioria, de questões relacionadas à conservação ambiental e é representada como uma “convivência harmoniosa entre o homem e o planeta”, portanto, entendida como uma prática diária: reciclagem, economia de energia, o reaproveitamento do lixo orgânico para biofertilizantes, a adoção de sistemas agroecológicos nas produções, a conservação das nascentes e matas ciliares, entre outros.

Observa-se ainda que apesar do conceito de sustentabilidade, como apresentado por Sachs (1994; 2008), contemplar além dos aspectos ambientais, dimensões sociais, ecológicas, culturais, territoriais, políticas, econômicas, no site da Rede a sustentabilidade está principalmente associada às práticas sociais voltadas à proteção/conservação ambiental. Tais representações além de corroborarem com o que foi observado na pesquisa desenvolvida por Techio et. al (2016), seguem também ao encontro da grande mídia e das campanhas de marketing (que são, inclusive, vinculadas às mídias), utilizadas sobretudo por grandes

empresas que para garantir a melhor imagem possível diante do consumidor, apresentando-se sempre como ambientalmente corretas.

“Agroecologia e agricultura orgânica” foi observada como temática principal em 5% do universo total de publicações e é representada como sinônimo de sustentabilidade (entendida como conservação ambiental), saúde, segurança alimentar.

No blog, os conteúdos representacionais estão majoritariamente ligados ao uso de agrotóxicos e suas decorrências; nesse sentido, agroecologia e agricultura orgânica são apresentadas como uma solução para os problemas da agricultura convencional/moderna/industrial. Assim, nos textos e vídeos analisados são comuns as reportagens que tratam da transição para o sistema orgânico ou agroecológico seja por exposição aos agrotóxicos e comprometimento da saúde ou ainda do “empobrecimento” do solo.

Esses sistemas de produção são considerados sinônimos de qualidade de vida e respeito à natureza e, conseqüentemente, opostos à ideia de modernização da agricultura trazida com a “revolução verde”. Sob esse prisma, encontra-se no blog da Rede a desmistificação de aspectos como o de que a agroecologia é um sistema atrasado e improdutivo e de que os produtos são muito mais caros.

Sobre a produção, a representação encontrada é que além de um sistema colaborativo, harmônico e naturalmente equilibrado ao ambiente, ela é tão ou mais produtiva que a agricultura convencional, isso porque, ao extinguir o uso de agrotóxicos, os fertilizantes naturais enriquecem o solo, que pode ser usado ininterruptamente, além da diversidade de produtos cultivados que favorece esse processo, o oposto do que acontece na agricultura convencional que leva à inutilidade do solo.

Quanto ao segundo mito, as postagens, mais uma vez, remetem às feiras, e à concepção de que os produtos orgânicos ou agroecológicos atendem a um nicho específico nos grandes mercados, sendo, nesse caso, realmente mais caros, ao contrário do ocorre nas feiras, que como já citadas, além de contribuir de forma mais significativa aos produtores, oferecem preços mais baratos. Reafirma-se mais uma vez as representações positivas sobre as feiras.

Na relação estabelecida com os produtos agroecológicos ou orgânicos, há também uma relação direta com a alimentação e a segurança alimentar. Os conteúdos do site, no que dizem respeito às representações captadas, seguem aquelas encontradas na sociedade de maneira geral, ou seja, “a comida é o problema, mas também é a solução”. Guiados por essa compreensão, entende-se que a compra dos produtos agroecológicos ou orgânicos está além

da necessidade de alimentação, “compra-se” responsabilidade ambiental, o consumidor torna-se co-responsável pela preservação ambiental e ainda consome “produtos de verdade”. Além disso, os produtos de origem agroecológica ou orgânica são identificados como “limpos”, saudáveis e mais nutritivos que os convencionais, reduzindo assim os riscos à saúde e, conseqüentemente, garantindo segurança alimentar.

Para finalizar essa categoria, compreendemos aqui que as representações encontradas corroboram a perspectiva de Gliessman (2003) de que a agroecologia e, nesse caso, estendida às representações sobre agricultura orgânica, nos possibilita enxergar que o ser humano é um componente importante e integrado a esse sistema, que a agricultura convencional/moderna tem isolado.

O último tema analisado se refere às “tecnologias” para o campo e ocuparam 2% das publicações. Essa categoria traz uma reflexão importante: atualmente, falar em tecnologias induz o pensamento às altas tecnologias, sobretudo, relacionadas à informática; contudo, a Rede Jovem Rural apresenta a tecnologia em outro contexto, cuja função é facilitar a vida no campo e, portanto, retrata-se desde robôs que inspecionam a produção à máquinas construídas por produtores para facilitar o trabalho cotidiano. Porém, ainda que não exclua a relevância das tecnologias consideradas “de ponta”, a Rede se ocupa, primordialmente, das “tecnologias alternativas” e as representações predominantes giram em torno da valorização do conhecimento utilizado nesse tipo de tecnologia.

À vista das representações observadas no blog, percebe-se que o discurso adotado está mais voltado às temáticas que envolvem o campo, que propriamente à juventude rural. A intenção é mostrar aos jovens um campo em vias de se fazer, mas que para se concretizar depende do esforço e do comprometimento da juventude rural. Supõe-se, porém, que a opção por apresentar um campo em transição agroecológica, com valorização do comércio local, com possibilidade de empreendedorismo, responsabilidade ambiental, tecnologias limpas e alternativas, reconhecimento do saber local e “comprometido” com o desenvolvimento de boas práticas para a agricultura, faz parte de um discurso mais amplo, que se cruza com o discurso da Rede em um ponto nodal, a responsabilidade social empresarial.

Não se diminui aqui a importância do conteúdo das postagens, que reverberam nas construções sociais desses jovens e nem dos eventos que são nacionais e reconhecidamente relevantes para os jovens em seus processos de formação, sejam eles educacionais ou identitários; no entanto, não podemos deixar de reconhecer que ao criar um discurso “ideal” em torno do campo que influencia os discursos dos diversos jovens participantes, a empresa que sustenta o ISC, que por sua vez, é o articulador da Rede Jovem Rural, possui outras

intencionalidades que são inseparáveis da prática discursiva. Como também verificado nos documentos apresentados no tópico que segue.

2.4 DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES NOS DOCUMENTOS DA REDE

2.4.1 OS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES

Para a apreensão do imaginário que envolve os participantes da Rede Jovem Rural, buscamos por meios dos documentos institucionais, compreender como são construídos os discursos que visam à construção de uma realidade comum e implicam na pertença social do indivíduo (JODELET, 2001). Além disso, ressalta-se que as representações assim como os discursos, fazem parte de um processo de construção social, no qual os discursos fazem circular as representações sociais. Portanto, é importante sinalizar que ambos só adquirem sentido se entendidos dentro de seus contextos.

Nesse sentido, nos relatórios de atividades – disponíveis de 2012 a 2016 – as representações sobre a Rede estão relacionadas à capacidade de reunir culturas, apresentar a diversidade, difundir boas práticas para a agricultura familiar, reduzir as fronteiras e permitir o diálogo entre as diversas juventudes rurais e, principalmente, “defender a causa da juventude brasileira”, como retratados nos fragmentos que seguem:

Difundir as boas práticas da agricultura familiar, incrustadas nos territórios rurais do país, é um dos objetivos do Intercâmbio da Juventude Rural Brasileira (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2012).

A Rede Jovem Rural, desde 2005, promove ações para reduzir as fronteiras entre os jovens que vivem nos interiores do país (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2013).

A Rede teve a estimulante missão de apresentar a diversidade dos territórios rurais para 49 jovens de diferentes regiões do país (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2014).

Juntas, essas organizações buscam fortalecer a causa da juventude rural no país por meio de ações como a Jornada Nacional do Jovem Rural e o Intercâmbio da Juventude Rural Brasileira (...) (RELATÓRIO DE ATIVIDADES, 2016).

Apesar de restritas, as informações nos relatórios evidenciam o foco nos espaços de socialização e trocas de experiências presenciais, retomando em diversos momentos a importância de conhecer outras formas de produção, outros empreendimentos e, sobretudo, o contato com o outro em sua diversidade e cultura.

Além disso, por ser um projeto voltado à educação no campo, os documentos levam ao entendimento de que as ações educativas são também realizadas em ações práticas como os debates e palestras realizados nos encontros, visitas técnicas, eventos culturais, feiras de comercialização, entre as demais ações, que são consideradas pelo ISC como uma estratégia metodológica de “formação ampla”, que tem como objetivo “produzir, sistematizar e disseminar conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento integral dos jovens no campo” (PÁGINA DO ISC, 2017).

No entanto, a partir da análise das representações contidas nos discursos do ISC, alguns aspectos ganham centralidade na interpretação dos relatórios. O primeiro relaciona-se a veemência em afirmar que a Rede Jovem Rural foi criada para fortalecer e defender a “causa da juventude brasileira” e o segundo relaciona-se ao potencial de fala do jovem dado pela Rede. Essas colocações, de forma sutil, reforçam dois estereótipos do imaginário social: a invisibilidade juvenil, principalmente da juventude rural e a incapacidade da juventude de protagonizar a fala.

Assim, a legitimidade que a Rede Jovem Rural dá para o poder de fala do jovem pode ser problematizada porque no momento em que o Instituto Souza Cruz cria um discurso em torno do jovem e da agricultura familiar que, no limite, o reafirma como “ator principal” das ações da Rede responsáveis por romper com o isolamento dos jovens rurais, conectar o país, promover ações educativas, empreender no campo, apresentar outras formas de produção entre outros, ela coloca o jovem rural como agente passivo (na perspectiva de Souza, 2006), isto é, beneficiário de um projeto de educação não formal. Tira-se o jovem da centralidade não só do discurso, mas também das ações, quando, nas entrelinhas dos discursos do ISC percebe-se a necessidade de destacar a importância e o protagonismo do Instituto à frente da Rede.

Esse aspecto torna questionável inclusive a credibilidade que o ISC atribui ao protagonismo juvenil, pois ainda que todo um “aparato” de valorização e reconhecimento seja construído, nos espaços virtuais e presenciais ao retirar do jovem o espaço de fala, o ISC, por meio da Rede, invisibiliza o jovem rural e esvazia o significado do protagonismo.

2.4.2 AS CARTAS

Quadro 3. A síntese das Cartas.

2007	2009	2011
- Incentivo ao protagonismo juvenil		-Criação de uma política pública de inclusão digital
-Participação política	- Participação política	- Participação política
-Representatividade	-Representatividade	-Representatividade
-P políticas públicas de crédito	-Políticas públicas de crédito	-Políticas públicas de crédito
-Direito a documentação civil		-Criação de uma nova política fundiária
-Reivindicação por informação	-Reivindicação por informação	-Reivindicação por informação
-Reivindicação por políticas públicas que atendam as demandas	-Reivindicação por políticas públicas que atendam as demandas	
-Reconhecimento da diversidade das juventudes rurais	-Reconhecimento da diversidade das juventudes rurais	-Reconhecimento da diversidade das juventudes rurais
-Valorização do saber tradicional		-Valorização do saber tradicional
-Revisão do modelo de ATER	-Revisão do modelo de ATER	-Revisão do modelo de ATER
-Infraestrutura básica	-Infraestrutura básica	-Infraestrutura básica
-Políticas públicas para a educação	-Políticas públicas para a educação	-Políticas públicas para a educação

Fonte: Elaborada pela autora com base nos documentos da pesquisa, 2017.

O quadro acima tem por objetivo mapear as principais temáticas abordadas pela Rede Jovem Rural a fim de compreender as representações sobre o campo e sobre a juventude rural, sob as quais os discursos da Rede são construídos, partindo da concepção de que estes foram documentos elaborados coletivamente (jovens, gestores e organizações participantes) – e por isso, destoam dos discursos dos relatórios - e que buscam um diálogo exterior.

Os discursos textuais nas cartas seguem um encadeamento lógico e coerente com as proposições da Rede expressas no ambiente virtual; além disso, ele se desenvolve de maneira linear, com objetivos e finalidades, dirigindo-se a lugares e pessoas (MANGUENEAU, 2004). Desse modo, a coesão das cartas se dá também por meio da organização do discurso, da constatação do presente, projeções de futuro e diálogo com as edições anteriores. Isso posto, nota-se que as Jornadas geraram documentos parecidos e que se reafirmaram nas versões seguintes, sem discordâncias ou contradições e pouquíssimas reivindicações ou demandas não se repetiram nas três edições.

Antes, porém, de entrar especificamente na abordagem das cartas é importante sinalizar que os três documentos reiteram que a Rede Jovem Rural representa todos os jovens rurais brasileiros e suas diversidades e culturas, o que é observado em construções tais como:

“os jovens brasileiros demandam” (CARTA DA II JORNADA, 2007), “nós, jovens rurais brasileiros, estivemos reunidos” (CARTA DA III JORNADA, 2009), “as propostas dos jovens rurais brasileiros” (CARTA DA IV JORNADA, 2011), o que também é verificado nas mídias virtuais, como o blog e o Facebook, e nos encontros, como explicitado no próprio nome: Jornada Nacional do Jovem Rural e Intercâmbio da Juventude Rural Brasileira. Contudo, vale mencionar que os documentos reconhecem e explicitam a importância de outras organizações juvenis, como observados nos seguintes fragmentos: “O que queremos – nós, jovens – é somar esforços com todos que acreditam...” (CARTA DA II JORNADA, 2007), “Vale ressaltar que essa reivindicação – de assento, voz e voto – não é feita em detrimento de outras organizações” (CARTA DA III JORNADA, 2009).

Assim, ao tratar das organizações que atuam com a juventude rural, as cartas explicitam preocupação com as articulações e mobilizações juvenis, principalmente no que tange à representação nos espaços de definição das políticas públicas para que os jovens rurais sejam reconhecidos como sujeitos estratégicos nos projetos de desenvolvimento. E, a partir da premissa de falar em nome dos jovens de todo o país, assumem como “responsabilidade” a formulação de propostas que visem melhorar a qualidade de vida das populações rurais, a fim de promover mudanças reais nesse cenário em que predominam representações de desvalorização do campo e das populações rurais.

Destacam-se nos discursos questões como as desigualdades socioeconômicas, a falta de incentivos, a idealização e homogeneização dos jovens nos textos das políticas públicas e sua inaplicabilidade em contextos distintos, os entraves para um relacionamento harmônico entre o homem e a natureza, a falta de informação e diálogo com o campo, seja pela inadequação das mensagens ou pela falta de divulgação e o reconhecimento das diversidades culturais e regionais, relacionados, inclusive à diversidade da agricultura familiar nos diferentes biomas brasileiros.

Nesse contexto, além de evidenciarem a necessidade de programas que estimulem o protagonismo juvenil e a participação das diversas juventudes rurais nos processos de formulação das políticas públicas, os documentos abordaram também a efetividade dessa participação, reivindicando voz e voto, para a efetividade do protagonismo juvenil.

No tocante às políticas de crédito as representações, de maneira geral apontam para uma total falta de credibilidade a esse segmento da população, o que diminui as possibilidades para que os jovens tenham seus próprios empreendimentos e que se crie, em torno do Pronaf, a representação de que ele é destinado a filhos de agricultores com melhores condições financeiras, reproduzindo assim o ciclo de desigualdades, como mencionado no próprio

documento. Desse modo, foi colocada como pauta a desburocratização do Crédito Fundiário e do Pronaf Jovem, inclusive para que os jovens do campo possam ter acesso às suas DAP específicas.

Ainda sobre a questão do crédito, as cartas retrataram a demanda por um novo horizonte para as políticas públicas, isto é, que se compreenda o desenvolvimento dos territórios sob a perspectiva de um novo rural, permitindo que os financiamentos incluam as atividades não agrícolas e que se crie um ambiente institucional favorável à produção de orgânicos.

No que tange à demanda por incentivo à produção de orgânicos, ressalta-se ainda as representações negativas de reprodução do ciclo de desigualdades e desequilíbrio ambiental causado pelo modelo tradicional de agricultura, disseminado com a Revolução Verde. Também no bojo das reivindicações ao estímulo de uma agricultura “limpa”, o documento de 2007 pede revisão do modelo do ensino técnico, visando sua adaptação à realidade e à diversidade da agricultura familiar, reforçando mais uma vez a representação de insustentabilidade do modelo implantado.

Quanto às tecnologias, a principal representação observada nos documentos está relacionada ao reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais e, com isso, a busca pela desconstrução do imaginário social que relaciona o saber popular ao atraso e a falta de informação. Nesse contexto, o documento de 2007 também pede maior integração entre ministérios e instituições governamentais voltados à ciência e tecnologia e à educação “para o reconhecimento, a pesquisa e a comunicação de conhecimento se técnicas agroecológicas, melhor sintonizadas com a indispensável sustentabilidade política, ambiental, cultural, social e geracional dos espaços rurais brasileiros” (CARTA DE 2007).

No âmbito da assistência técnica, os discursos sinalizam a inadequação entre o que consta na lei e a realidade dos diversos agricultores familiares espalhados Brasil a fora, reafirmando a necessidade de adequação tanto nas formas de atuação quanto no diálogo com os pequenos e médios produtores, além, claro, de garantir assistência técnica contínua para a agricultura familiar. Outro aspecto que chama atenção, até pela própria natureza da Rede, está relacionado ao pedido de que haja o reconhecimento, como pública, e assim recebam financiamento, das ações de ATER realizadas por instituições não governamentais e movimentos sociais.

A educação, como ressaltado na carta de 2009, é o aspecto cujos jovens rurais participantes pedem maior atenção para a construção de uma política pública efetiva em todos

os níveis de ensino, com perspectivas pedagógicas que incluam as demandas do campo, matrizes curriculares e metodologias adequadas, tendo em vista que

os elevados índices de analfabetismo das áreas rurais tem como um dos seus principais motivos a predominância do ensino tradicional e regular, que são distantes de sua realidade. Fator que incentiva o aumento do êxodo rural. Para melhorar esta situação, é fundamental que a escola esteja próxima da comunidade, enfocando conteúdos diagnosticados pela população local, e que valorize o conhecimento empírico da família (CARTA DE 2011).

Ainda no debate sobre educação, a Rede Jovem Rural demonstra por meio do discurso textual que a Pedagogia da alternância é a metodologia mais genuína e promissora de formação rural, por ser sensível às demandas e comprometida com as aspirações de uma sociedade equânime “na qual estão imbricadas, de forma responsável, todas as dimensões fundamentais da vida humana: a social, a econômica, a política, a cultural e a ambiental” (CARTA DE 2009).

Ademais, os documentos apresentam como problemática a falta de investimentos; reafirmam a falta de reconhecimento de ações não estatais e a dificuldade em captar recursos por meio de organizações não governamentais, o que acarreta a descontinuidade dos programas de formação de jovens rurais. De tal modo, as representações predominantes sobre a educação são de políticas públicas deslocadas das realidades juvenis, resultado da forma com que as políticas públicas para a juventude são formuladas e implementadas, ou seja, considerando a juventude como um grupo homogêneo, ignorando diversidades regionais e culturais.

Além disso, é importante mencionar que as cartas representam a educação como um instrumento imprescindível para a promoção do desenvolvimento rural sustentável, valorização do comércio local, equidade social e, conseqüentemente melhoria da qualidade de vida. Essas representações serão retomados no capítulo 4 e nele será possível perceber que elas permanecem bem próximas no cenário atual, ou seja, para os jovens rurais que integram a Rede, a educação no campo ainda se constitui como uma realidade distante de suas necessidades.

Outra representação importante está associada às visões sobre o campo e, conseqüentemente sobre o jovem. O documento assinala, dessa forma, que o projeto de educação para o campo deve ser pensado também no âmbito da cidade para que seja possível “difundir por toda a sociedade uma imagem nova do jovem rural brasileiro, destacando suas potencialidades e suas ações de protagonismo” (CARTA DE 2007).

O acesso à informação também foi um pauta de discussão importante nas jornadas e nos discursos das cartas as representações apreendidas nos levam ao entendimento de que diante das facilidades de divulgação por meio das mais diversas mídias os projetos destinados à juventude rural seguem desconhecidos ou inviáveis para grande parte dos jovens, seja pela ineficácia na divulgação, pela falta de conhecimento, pelo diálogo dificultado ou ainda pela divulgação em mídias inacessíveis. A vista disso, a Carta da IV Jornada destacou a urgência da “Criação de uma Política Nacional de Comunicação Social voltada especificamente para o campo (...) pondo em relevo, por exemplo, a luta pelo reconhecimento e consolidação das rádios comunitárias” (CARTA DE 2011), além da formulação de uma política pública de inclusão digital tendo em vista o alto nível de analfabetismo nas áreas rurais.

Por último, mas não menos importante, a infraestrutura básica, aparece relacionada à qualidade de vida no campo, de tal modo que os documentos reiteram que feitas todas as reivindicações, não se pode esquecer que elas são apenas parte da realidade vivenciada no meio rural e que para que os jovens tenham oportunidades de escolha também é necessário garantir além de saúde, lazer, esportes, cultura, segurança, e principalmente, uma educação pública de qualidade e adequada às necessidades do campo, a valorização do campo e de suas populações, o respeito à diversidade e o direito de expressão.

À vista do que fora sinalizado na produção dos documentos, é importante reconhecer o quão relevantes e pertinentes aos dilemas da juventude rural eles se apresentam. Todos os cenários (educação, crédito, inclusão digital, desigualdades, falta de infra-estrutura, homogeneização da juventude, desvalorização do campo e das populações rurais, participação política, lazer e falta de representatividade) contemplados nas cartas, corroboram a literatura e fazem parte da realidade enfrentada pelas juventudes do campo. Destarte, faz-se necessário dizer que embora condizentes, há de se considerar o contexto em que esse discurso é construído e as intencionalidades que o permeiam, considerando que o documento é escrito também pelos gestores da Rede e cumpre um papel na construção das representações dos jovens que a compõem.

Assim, ao enfatizar a ausência do poder público no campo, bem como a invisibilidade do jovem no cenário das políticas públicas, a falta de infraestrutura, a necessidade de revisão na atuação dos agentes de extensão rural, a busca por uma agricultura “limpa”, entre as demais questões descritas, o discurso sob o qual se consolida o ISC se entrecruza com o discurso empresarial e o reforça no imaginário coletivo como “ambientalmente responsável” e “socialmente comprometido”.

Sob esse olhar, Souza (2009) com base em Foucault, afirma que dificilmente um discurso apresenta-se por inteiro em um único texto, sendo, portanto, uma amálgama de discursos que, inclusive, podem se constituir de formas distintas e contraditórias. Cabe lembrar, então, que a empresa sob a qual é constituído o Instituto atua em um setor que, sobretudo na história recente, tem enfrentado resistência quanto à produção e ao consumo do tabaco.

Por essa razão, não sendo possível negar os ricos à saúde as indústrias de tabaco passaram a investir em marketing social e as empresas se viram forçadas a buscarem novas estratégias de inserção social e mercado (Schneider, 2008). Parente e Lira (2014) salientam ainda que no contexto de crise mundial e escassez de recursos socioambientais foram necessárias algumas mudanças no posicionamento da sociedade civil, do governo e das empresas, sobretudo, essas últimas que passam a assumir papéis importantes no mundo globalizado. Nesse sentido, as empresas passaram a investir na responsabilidade social como uma forma de retorno à sociedade (PARENTE E LIRA, 2014).

Com isso, nota-se que os discursos contidos nos documentos se cruzam a todo o momento com os objetivos da empresa de causar uma “boa imagem” no imaginário coletivo, pois como ressaltado no site da empresa, é uma demanda dos consumidores empresas mais transparentes e presentes em parcerias com a sociedade civil e com os governos na luta por uma sociedade mais justa (SOUZA CRUZ, 2017).

Nessa conjuntura os discursos se contradizem quando na fala do gestor que representa o Instituto Souza Cruz, há uma intenção não explícita de separar o Instituto e a Souza Cruz, como se não houvessem vínculos. Inclusive, ao ser questionado sobre a relação que a empresa estabelece com as demais instituições na composição da Rede o gestor é categórico ao afirmar: “Nenhuma, entre a Souza Cruz não, com o ISC sim”. No site da empresa, a Rede Jovem Rural é mencionada dentro da “aba” sustentabilidade.

Observa-se assim que a posição de centralidade no campo discursivo, no limite, não pertence nem ao Instituto como instituição independente, nem a Rede como um projeto coletivo, nem ao jovem como “protagonista”. Tal posição, portanto, é ocupada pela empresa que de forma inequívoca assume na orientação do discurso o papel de locutora (MANGUENEAU, 2004).

Sem embargo, para Mangueneau (2004, p. 55), nenhum ato de enunciação pode se concretizar sem justificar seu direito de apresentar-se da maneira com que se apresenta. De tal forma, para que a empresa consolide, no imaginário social, a ideia de responsabilidade social e ambiental é necessário que se criem estratégias de atuação, que foram feitas por meio das

ações desenvolvidas pelo Instituto Souza Cruz, entre elas, a Rede Jovem Rural. Assim, ao compreender que a língua faz sentido como trabalho simbólico (ORLANDI, 2009), entende-se que o processo de legitimação do discurso é inseparável do exercício da palavra (MANGUENEAU, 2004). O que se dá, por sua vez, nos discursos encontrados no blog e nos documentos da Rede.

Também chama atenção, apesar de não estar diretamente relacionado à Rede Jovem Rural, que ao mesmo tempo em que é destacada, nas Cartas, a dificuldade de acesso ao crédito para a os empreendimentos juvenis, que reforça o estereótipo de incredibilidade da juventude, a empresa, tendo como porta voz o Instituto, encontra um novo nicho, oferecendo “apoio” financeiro, por meio do Programa Novos Rurais.

Feitas essas considerações, percebe-se que ao construir uma carta de “proposições e demandas”, a Rede Jovem Rural enfatiza a constituição de um novo ator social, protagonista do desenvolvimento em um campo possibilidades, que está intimamente relacionada a uma nova concepção de atuação no espaço público, na qual a prerrogativa da participação é determinada pela atividade do indivíduo. Dessa forma, “atuação e participação são noções que se igualam e se identificam à noção de cidadania, concebida como *fazer* coisas, o que confere à noção de direitos o caráter de atividade e responsabilidade individuais” (SOUZA, 2006, p. 2015).

É nesse contexto que se insere a perspectiva do “protagonismo” juvenil na educação não formal realizada pelos Institutos e Fundações, como é o caso da Rede Jovem Rural, cujo princípio é o de uma “educação” que tenha o jovem como elemento central no exercício da cidadania, presumindo, portanto, que a ideia a “participação ativa” possa ser objeto de aprendizagem (SOUZA, 2006).

De tal modo, quando é mencionado nas cartas que após as reflexões proporcionadas pela Jornada, a juventude não se exime do compromisso com as mudanças que almeja para o campo e da responsabilidade que como protagonistas do processo de desenvolvimento assume na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, as representações de que cidadania e participação são práticas “ensináveis” ficam evidentes, como mostram os fragmentos abaixo:

A partir do nosso aprendizado, auxiliar a sociedade civil e o Estado brasileiro a superarem graves problemas sociais, econômicos e ambientais (CARTA de 2007).

Nós, jovens imersos em projetos de educação rural, queremos contribuir. Desde que nossas histórias e propostas sejam conhecidas e reconhecidas – e, especialmente, nossas ações e realizações sejam apoiadas de forma permanente e condizente com seu real valor (CARTA de 2007)

Frente à difícil constatação de que o tempo histórico das conquistas não acompanha o tempo dos sonhos, não nos exime das responsabilidades que nós, jovens rurais, temos com aquilo que nós mesmos sonhamos. E isso não é um pedido de desculpas. É apenas uma forma de resumir em poucas palavras a mensagem que pensamos estar explícita acima: de que queremos apenas mais oportunidades de formação, participação e desenvolvimento para ajudar esse país a encontrar definitivamente o caminho da sustentabilidade. Caminho esse que não pode prescindir da juventude rural brasileira. (CARTA de 2009)

Este conjunto de propostas só se tornará realidade se nós, jovens rurais, nos mobilizarmos para ampliarmos nossa representação na Conferência Nacional. Para isso, fica registrado aqui o compromisso de cada um de nós e de nossas organizações em lutar pela realização das Conferências Municipais, (...) e das Conferências Estaduais (CARTA de 2011).

Assim, como observado nos trechos supracitados, as representações contidas nos documentos sobre o protagonismo juvenil seguem ao encontro das representações circulantes sobre o novo cenário de atuação no espaço público que, conforme Souza (2006), torna o indivíduo responsável pela sua inclusão na sociedade, isto é, pela inserção no mercado de trabalho – e aí ganha destaque o discurso do empreendedorismo, e pelo acesso aos serviços – que deixam de ser concebidos como direito – à saúde, educação, segurança, etc., o que demanda do indivíduo uma constante negociação com os demais atores sociais no conjunto que constitui a sociedade civil. “Assim, o *jovem protagonista* é metaforicamente definido como o “ator principal” desse elenco da “sociedade civil” que *atua* num *cenário* considerado público” (SOUZA, 2006, p. 62-63).

Retomando a questão do empreendedorismo, é possível perceber no discurso da Rede, que ele se constitui como uma alternativa, encontrada por esse novo ator, ao problema da renda, apoiado nas imagens construídas sobre o novo rural e a possibilidade de outras ocupações que não sejam vinculadas à agricultura. Isso transfere para o jovem a responsabilidade de resolver dois problemas estruturais: o da renda, como já mencionado, e o êxodo rural, uma vez que aqueles que não desejam continuar na agricultura têm aberto um novo horizonte dependendo “apenas” da sua capacidade de se tornar um empreendedor.

Nesse contexto, a noção de protagonismo, apreendida nas análises documentais da Rede, seguem as perspectivas dos documentos internacionais, que colocam a juventude em cena e que influenciam todo o cenário brasileiro, entre eles o acadêmico, como especificado por Souza (2006) conferindo a noção de participação uma ambivalência entre passividade e atividade. Passividade na medida em que o jovem é tomado como beneficiário/objeto de intervenção e assistido por projetos que “o ensinam a praticar cidadania”. E atividade quando

se refere à contribuição do jovem na constituição de uma sociedade que depende do resultado dos esforços individuais (SOUZA, 2006).

A partir dessa análise, a compreensão do jovem rural como novo ator social expressa pela Rede apóia-se também no discurso acadêmico, no qual o jovem é entendido com elemento central para se pensar o rural contemporâneo. Assim, ao promover nos encontros espaços de falas destinados à academia ou ainda, ao recorrer a esses profissionais na constituição de suas ações, o que a Rede procura é, como observado por Foucault (1969), a validação de seu discurso, que, no limite, é feita pelo saber acadêmico.

Por fim, Souza (2006) argumenta que o discurso que possibilita e manifesta uma condição de destaque para a juventude é o resultado da ampliação etária e de origem social da noção de juventude conjugada à sua hipervalorização, que o representa como modelo cultural, transformando a juventude em uma categoria que abriga as diferenças, mas dissolve as desigualdades de classe e posição social. Assim, a diluição da figura do estudante radical, absorvida pela noção ampliada de juventude, admitiu que uma concepção de política desassociada das contradições sociais fosse reconhecida e incentivada como atributo juvenil (SOUZA, 2006), reafirmando as representações circulantes na sociedade mais ampla de que cabe à juventude mudar o futuro.

CAPÍTULO 3. JUVENTUDE(S) E JUVENTUDE(S) RURAIS: COMPREENSÕES TEÓRICAS, TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO RURAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Este capítulo aborda as discussões científicas sobre a temática da juventude rural, bem como as transformações no espaço rural, que nas últimas décadas têm influenciado as representações sociais nesse cenário. Para tanto, aborda-se como a perspectiva do novo rural interfere no processo de identificação e como as tecnologias de informação e comunicação tem atuado nesse processo.

3.1 JUVENTUDE(S) E JUVENTUDE(S) RURAL (IS)

A representação sobre a idade está presente nas ciências sociais desde as primeiras etnografias sobre as sociedades primitivas, uma vez que compreender as divisões de idade era fundamental para a análise de como se organizavam essas sociedades (FEIXA, s/d).

No entanto, a emergência da juventude como uma fase distinta entre a infância e a vida adulta, é conforme Áries (1981), fruto da sociedade moderna. Para o autor, tanto a família quanto a criança assumem um novo lugar nas sociedades industriais em função do período de escolarização, concomitantemente a necessidade de uma nova ordem na divisão do trabalho, o que impôs a divisão de idades, passando assim para a escola o papel de substituir o período de aprendizagem, que até então era incumbência exclusiva da família, como meio de educação. Com isso, as crianças foram separadas dos adultos e inseridas em um novo ambiente de sociabilidade trazendo contribuições fundamentais para compreensão social da juventude. Nesse cenário, “a juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada” (ARÍES, 1981, p. 35).

Como categoria de análise a juventude emerge na antropologia na década de 1920, em dois cenários distintos: o debate entre natureza e cultura nas sociedades primitivas e os estudos sobre desvio nas sociedades urbanas. Nesse cenário se destacam os estudos de Mead, em Samoa, e a Escola de Chicago com o tema da delinquência juvenil, nos anos 1930 (FEIXA, s/d). Também nessa época, se estabelece, na sociologia, a juventude como campo analítico e Mannheim, com *O problema sociológico das gerações*, representa conforme sinalizam Feixa e Leccadi (2010), um marco na história sociológica do conceito. Nesse momento, os estudos sobre juventude se concentravam na socialização juvenil nas cidades –

em estudos que perpassavam a antropologia e a sociologia – e na preocupação com os processos de mudança e revitalização da dinâmica social por meio das gerações.

No terreno do estrutural- funcionalismo de Parsons observa-se nos grupos de idade um fator de coesão social. Para o autor, os grupos de idade eram a expressão de uma nova consciência geracional, entendidos dentro de um processo de modernização, da sociedade agrária para a industrial, como um elemento importante para a separação progressiva entre a família e o mundo institucional (FEIXA, s/d)

Não obstante, é na década de 1960 que a juventude eclode sob a égide de grupo concreto, com os movimentos estudantis e o aparecimento da cultura hippie. A partir de então a juventude torna-se uma fase da vida supervalorizada, cultuada, transformando-a em um valor social e cultural (MURRILHO, 2013), no qual se apóia o imaginário social ainda circulante na sociedade.

Nos anos 1980, Bourdieu dirige à análise da juventude o componente classista, sinalizando que universos tão distantes com juventude burguesa e a juventude operária não poderiam constituir uma unidade social, dotada de interesses comuns; assim, relacionar tais interesses à idade biológica seria uma manipulação evidente, uma vez que somos sempre jovens ou velhos em relação a alguém e, nesses termos, a juventude seria apenas uma palavra (BOURDIEU, 1983).

Margulis e Urresti (s/d), no entanto, tecem uma crítica importante a Bourdieu, destacando a necessidade de compreender a juventude como construção histórica, pautada por inúmeras condicionantes sociais, não como um mero signo. A juventude, segundo os autores, além dos aspectos simbólicos, possui outras dimensões que precisam ser consideradas, como contextos históricos, sociais, políticos, econômicos.

A idade, para Margulis e Urresti (s/d), é um ordenador da atividade social em todas as sociedades, de modo que idade e sexo se constituem como classificações sociais e estruturais de sentido, às quais, todas as sociedades atribuem papéis. Não obstante, os conceitos classificatórios de idade são ambíguos e difíceis de definir, o que tornam a infância e a juventude categorias imprecisas, por isso, diretamente relacionadas aos contextos em que estão inseridos, como os ritos de passagem que marcam as fases da vida e a heterogeneidade social, cultural e econômica.

No Brasil, na década de 1960 destacam-se os estudos de Maria Alice Foracchi. No rastro da inspiração manheimiana, a autora e tornou referência nos estudos de juventude, introduzindo sua primeira versão analítica no país. Com tal feito, Foracchi se debruça sobre temas importantes como compreender os conceitos de geração e transmissão, e as noções de

crise e conflito que marcam as relações pessoais. Além disso, na concepção da autora é na figura do estudante, também que se encontra o agente de contestação das estruturas sociais.

Ainda se tratando do pensamento social brasileiro também é importante mencionar o texto de Ianni “O jovem radical”, que para Silva (2010), se constitui como a primeira tentativa de posicionar a situação juvenil nos quadros da sociologia brasileira levando em conta a tensão do universo socioeconômico. Tem-se assim a primeira reação do pensamento social brasileiro frente à reflexão do jovem na sociedade capitalista.

Dando um salto na linha do tempo, já na década de 1990, com objetivo de compreender como a temática da juventude vinha sendo abordada no meio acadêmico, Ruth Cardoso e Helena Sampaio, em 1995, produziram a obra intitulada “Bibliografia sobre a juventude”. Para tal bibliografia, as autoras analisaram cinco grandes temas: Juventude e Educação; Juventude e Trabalho; Cultura Jovem: Atitudes; Comportamentos e valores, e por fim, Juventude: Participação Social, Política e Situação da Juventude no Brasil e no Mundo. Ademais, Cardoso e Sampaio (1995) chamam atenção ainda para o fato de que a juventude é um tema antigo na antropologia e nas ciências sociais de maneira geral, contudo, é apenas no século XX que ela se torna objeto de estudo da sociologia, desenvolvendo assim o campo da Sociologia da Juventude.

Outra pesquisa importante foi publicada em 2002 por Marília Sposito que se dedicou à compreensão e entendimento sobre as temáticas que relacionam juventude e educação. Terra (2003, p.196), em resenha da obra, sinaliza que Sposito fez uma exaustiva revisão bibliográfica de autores que “destacaram por indicar que a juventude, como categoria sociológica, está imbricada por uma tensão indissolúvel entre a idéia de *fase* ou *ciclo de vida*, com contornos socioculturais e *modos de inserção* na organização estrutural da sociedade”.

Em 2009, também sob coordenação de Sposito, foi publicada a obra Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), que teve como principal objetivo contribuir para a consolidação da sociologia da juventude nas academias brasileiras, já que apesar de seu desenvolvimento como objeto de análise, a juventude ainda aparecia como um tema emergente.

Nesse cenário, é possível perceber, como sinalizado por Abramo (1997), que após anos de ausência a juventude volta a ser pauta, especialmente nos programas de pós-graduação, por meio da publicação de teses de doutorado e dissertações de mestrado. Avançando na discussão, já no fim da década de 1990, início dos anos 2000, com o reconhecimento da complexidade que envolve o conceito de juventude, no Brasil já não se fala mais em “juventude”, mas em “juventudes”, e além das abordagens clássicas como

classes sociais, trabalho, participação política, conflito e gerações, autores como Helena Abramo, Juarez Dayrell, Angelina Peralva, Marília Sposito, Regina Novaes, Regina Magalhães, entre outros, introduzem novas questões ao debate como a (re)construção do ator social, a “nova” visibilidade política dos jovens e as novas formas de participação, as culturas juvenis, gênero, sociabilidades, lazer e protagonismo juvenil.

Contudo, vale lembrar que esse é um cenário em que o ator principal é o jovem urbano e somente em 2005 é publicada, por Wilson Wheisheimer, uma obra que se dedica a compreender a juventude em contextos rurais. Essas análises levaram o autor à compreensão de que, até então, a juventude rural se apresentava como um seguimento extremamente fragilizado, invisíveis ao meio acadêmico e político, inviabilizando, inclusive o reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. No bojo dessa discussão, além de Wheisheimer, também se destacam Elisa Guaraná de Castro, Maria Assunção Paulo e Maria José Carneiro, Maria Nazareth Baudel Wanderley, Valmir Stropasolas que introduzem pautas importantes para a compreensão das especificidades da juventude rural como a atuação política e formas de participação, políticas públicas, as subjetividades que envolvem o “ser rural”, as diferentes ruralidades e como isso afeta a vida dos jovens e seus campos de possibilidades, entre outros aspectos.

No entanto, ainda que a juventude rural tenha ganhado espaço, sobretudo a partir dos anos 2000, Castro (2009) e Sposito (2009) salientam o hiato ainda existente entre a juventude urbana e a juventude rural, sendo ainda notória a fragilidade da literatura no que tange à juventude rural.

Assim, além da compreensão de que as juventudes urbanas e rurais ocupam posições distintas na centralidade do discurso acadêmico, faz-se necessário entender que qualquer abordagem que se dedique a compreender as representações que circulam entorno da juventude rural perpassa antes pela percepção de que a imagem do rural como lugar do atraso, em oposição ao urbano como o lugar do desenvolvimento e da modernidade, tem suas raízes no processo de colonização ao qual o Brasil foi submetido (PAULO, 2013; WANDERLEY, 2009; CARNEIRO, 2007).

Diante desse cenário, Wanderley (2009) salienta que visões simplistas e discriminatórias ainda hoje fazem parte das representações sobre o rural e, como reflexo desse processo, se constrói um imaginário social de desvalorização do campo. Contudo, a intensificação das transformações sociais, causadas pela modernização e urbanização do campo, provoca a necessidade de repensar a realidade rural devido à emergência de uma nova ruralidade e seus modos contemporâneos de reestruturação.

Na perspectiva das transformações sociais, Ferrão (2000) sinaliza que a industrialização da agricultura introduziu uma inflexão importante: o mundo rural moderno e o mundo rural tradicional. Portanto, pela primeira vez na história, a oposição urbano-rural deixa de ser vista como o fator mais decisivo, na medida em que a modernidade deixa de constituir um elemento exclusivo das áreas urbanas. No entanto, a ideia de que o mundo rural ainda se encontra num processo estrutural de marginalização econômica, social e simbólica é persistente. Ferrão (2000) chama a atenção para o fato de nem todas as áreas rurais estarem condenadas à agonia do velho mundo tradicional. Rompe-se deliberadamente com dois elementos secularmente ligados ao mundo rural: agora, sua principal função, não necessariamente deve ser a produção de alimentos e a principal atividade pode não ser a agricultura (FERRÃO, 2000). Ao encontro dessa perspectiva, Wanderley (2009) e Favareto (2007) apontam que as novas e complexas dinâmicas que envolvem os espaços rurais que, hoje, são multifuncionais, abrangem diversas outras atividades, não mais exclusivamente as agrícolas.

Esse movimento vem afetando diretamente os projetos de vida dos jovens rurais, uma vez que outras oportunidades de trabalho são ofertadas, não apenas aquelas voltadas à atividade agrícola (CARNEIRO; CASTRO, 2007); além disso, se até pouco tempo o rural era marcado pelo atraso e distanciamento das tecnologias, hoje essa realidade já não pode ser generalizada. Percebe-se, dessa forma, uma interação mais rápida com os produtos culturais urbanos e maior aproximação entre estilos de vida (CORADINI E PANDOLFO, 2013). Desse modo, é preciso considerar ainda que a condição juvenil vem se (re)construindo em um contexto de inúmeras transformações socioculturais, fruto da ressignificação do tempo e do espaço, da reflexividade, entre outras dimensões trazidas pela modernidade, que vem gerando uma nova arquitetura social (GIDDENS, 1991).

Nessa perspectiva, faz-se necessário repensar a inserção dos jovens na dinâmica do rural, cujo debate ultrapassa o dilema entre “ficar e sair” do campo, tão discutido nos últimos anos. Ser jovem rural, além da clássica desvalorização do campo em relação à cidade, implica em lidar com imagens e representações pejorativas sobre mundo rural e suas consequências.

A representação sobre o campo é ainda marcada pelo signo do atraso, e a identificação dos jovens rurais como roceiros, peões, aqueles que moram mal, distantes das tecnologias e da “modernidade urbana” (CASTRO, 2009a; WANDERLEY, 2009) reflete, inclusive, na auto-representação deste segmento social. Isso porque o jovem rural, ao mesmo tempo em que é objeto de representação, também constrói suas próprias representações

pautadas, sobretudo, no imaginário social circulante na família, na escola, na mídia, entre outros espaços e que são constantemente compartilhadas nas interações sociais.

No entanto, para compreender como as tecnologias de informação e comunicação têm modificado as representações e identidades juvenis, antes se faz necessário interpretar os processos de transformação pelo qual o espaço rural tem passado nos últimos anos, uma vez que não só a tecnologia influi nesse contexto, mas toda a heterogeneidade que compõe o novo rural.

3.2 AS TRANSFORMAÇÕES NO CAMPO E A (RE)CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moreira (2012) considera o mundo rural e suas identidades como parte indissociável das lutas pela independência colonial das nações latino-americanas, compreendidas, portanto, como opostas à modernidade burguesa e, mais contemporaneamente, na era das globalizações, também identificada na literatura como pós-modernidade ou ainda, consequências da modernidade. Assim, conforme Moreira (2012), uma análise atual sobre o rural implica compreender tanto o rural como suas ruralidades como partes do processo de legitimação e dominação urbano-industrial.

Desse modo, Moreira (2012) sinaliza que a cidade passa a ser reconhecida como pólo construtor da identidade moderna, da qual emergem as atribuições de sentidos. Nesse período, e a partir de então, tem-se uma valorização do urbano, suas identidades e modos de vida. As cidades passam a congregar poderes econômicos, políticos e culturais tornando-se pólo hegemônico e referencial de representações da modernidade. Num sentido oposto, o rural passa a ser identificado como subalterno, atrasado, rústico, selvagem e incivilizado. “Enfim, imagens e discursos que produzem cultural e ideologicamente realidades culturais e identidades sociais tidas como inferiores, que, naturalizadas, são vividas como tais” (MOREIRA, 2012, p. 251).

No caso brasileiro, acrescenta-se ainda que o projeto de nação instaurado é fundado na concentração de terras, que para Martins (1986), se constitui como um espólio da escravidão que levou o camponês à dependência dos senhores de terra e a sujeição do trabalho livre, o que marca uma história de luta e resistência das populações camponesas pela posse da terra. Desse modo, para Martins (2008), na América Latina e, sobretudo, no Brasil, a modernidade chega sob a crítica do inconcluso, do incompleto e do conservadorismo. Para o autor a modernidade que não se completou impôs ao Brasil uma condição de vítima, não de beneficiário, chegando “pelo contrário”, com a expressão do ver, não do viver. Assim, a

modernidade, como realidade, chega desconfortável, sob o fardo da escravidão, da negação do capitalismo, do antimoderno, exótico e tropical, de modo que ainda hoje, têm-se no rural brasileiro, resquícios da herança colonial, com a presença dos latifúndios, a permanência do patriarcalismo e das relações clientelistas, produção em larga escala (agricultura e pecuária) e ineficiência do Estado no reconhecimento de demandas (MARTINS; 2008).

Entre as diversas controvérsias da modernidade, no campo, a Revolução Verde é emblemática e chega como sinônimo de modernização afetando profundamente as sociedades agrárias no Brasil, cujo “pacote tecnológico” acentuou a dicotomia campo-cidade, em que o primeiro fora considerado fornecedor de matéria prima e mão de obra e a segunda é ratificada como símbolo da sociedade moderna, reafirmando, por consequência, o campo e seus modos de vida como elementos pretéritos (MARSCHNER, 2015).

Esse processo permite compreender representações pejorativas que se formaram ao longo da história sobre o rural, em que o campo é tomado como oposto a tudo aquilo que a cidade representa como modo de vida e materialização da modernidade. Desse modo, pensar o campo e a cidade/o rural e o urbano envolve um sistema de classificação binário (sim e não/bom e ruim) que por meio dos discursos e imagens são ancorados no rol das memórias individuais e materializado, por meio da comunicação, no senso comum.

Nessa perspectiva chama atenção o papel da mídia, que foi, por muito tempo e, de certo modo, ainda o é, reprodutora de um discurso hegemônico pautado no atraso, em que o homem do campo é caricato, associado ao clássico Jeca Tatu de Monteiro Lobato, fazendo com que a representação consolidada seja a do homem matuto e analfabeto.

Nessa conjuntura, Moreira (2012) sinaliza que a ressignificação do campo surge das tensões do tempo sócio-histórico, em que a realidade do rural como agrícola já não condiz. Marschner (2015), pautado na literatura, baliza que as lutas pela reforma agrária e as demais demandas expressas pelos movimentos sociais, sobretudo, pós constituição de 1988, conferem um papel político às populações do campo e demandam um novo reconhecimento do sujeito rural, impondo a reorientação do debate sociológico e redescoberta do rural brasileiro que, para o autor, tem origem em dois movimentos: 1) a conscientização da população rural sobre sua identidade, seu papel na sociedade e o reconhecimento de seus direitos e; 2) a vinculação de um novo rural no cenário midiático.

Dessa forma, a passagem do rural agrícola, condenado à subalternidade e fornecimento de mão de obra para o rural como modo de vida desejável, expressa, segundo Moreira (2012), tensões em diversos âmbitos sociais, tais como as noções de estética, a ciência e a tecnologia, o mercado, o Estado e a sociedade civil, até então silenciada no campo.

Nessas circunstâncias, Marschner (2015), pautado na literatura, sinaliza que o campo ressurge como um espaço emancipatório, de escolhas, democracia, reconhecimento de identidades e solidariedade e construção da diversidade. Constrói-se assim um novo processo de identificação das populações rurais que buscam ser reconhecidas em sua diversidade e cultura e que para além da histórica luta pelo direito à terra, passam a demandar saúde, educação, segurança e preservação ambiental, provocando, nas sociedades modernas, uma profunda ressignificação do campo e de suas próprias funções sociais que perpassa pela capacidade de aliar outras atividades econômicas a interesses sociais diversos (WANDERLEY, 2009).

Porém, esse não é um cenário consensual e constitui de maneira bastante controversa envolvendo diferentes perspectivas, pois se de um lado a literatura apresenta um novo campo de possibilidades, por outro, é apresentada uma lógica perversa de aumento das desigualdades.

Graziano (2001), por exemplo, pondera, que apesar de ser uma característica elementar do novo rural o surgimento das atividades não agrícolas, ele também é composto pelo agrobusiness, o que explora um novo nicho de mercado levando ao campo a alta tecnologia nas atividades agrícolas e agropecuárias, bem como a diversificação dessas próprias atividades com vista a um novo público – como a criação de plantas e animais exóticos. Esse contexto, como também salientado pelo autor, inclui ainda a especulação imobiliária.

Para Rua (2006), há algum tempo, o campo vem sendo reconhecido como um espaço de oportunidades para além da função da terra como mercadoria e das rendas geradas pela especulação. Ao tradicional são incorporados novos papéis em um movimento de ressignificação do rural, em que as novas atividades, principalmente aquelas associadas à natureza, tornaram-se mercadorias valiosas. Tal conjuntura, no entanto, recria uma lógica capitalista no campo, que envolve lógicas complexas capazes de “integrar-se, desigualmente, às múltiplas escalas que marcam as interações espaciais do mundo atual. Esse processo de integração afeta, sobremaneira, a (re)construção ou a manutenção da identidade social do agricultor e os rebatimentos territoriais desse processo” (RUA, 2006, p. 83).

No rol das representações sociais, o que se observa é que toda essa conjuntura reverbera no imaginário coletivo, uma vez que as novas dinâmicas do campo tendem a influenciar diretamente os modos de vida das populações rurais. Portanto, já não se pode pensar a realidade do espaço rural sem admitir sua pluralidade e suas diversas formas de identificação ou filiação (produção, emprego, ocupação, residência, patrimônio, lazer,

turismo, residência secundária), o que torna as identidades cada vez mais fluidas e desterritorializadas (FROEHLICH, s/d). “Nesse sentido, a noção de ‘ruralidade’ pode ser pensada como um conjunto de categorias referidas a um universo simbólico ou visão do mundo que orienta práticas sociais distintas em ambientes culturais heterogêneos” (FROEHLICH, s/d, pág. 3).

Ainda para Froehlich (s/d, p. 3), os bens simbólicos e culturais que passam a compor as realidades rurais não podem mais ser interpretados como uma penetração urbano-industrial naquilo que tradicionalmente se definia como rural, ao contrário, pelo consumo, assim como na sociedade urbano-industrial, devem ser reconhecidos como próprios do mundo rural. “Assim, a ruralidade pode ser vista como um processo dinâmico de constante reestruturação dos elementos das culturas locais com base na incorporação de novos valores, hábitos e técnicas”.

Nesse cenário, como demonstrado por Giddens (1991), os modos de vida nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de modo que as transformações trazidas pela modernidade, em intencionalidade e extensionalidade, serviram para estabelecer formas de interconexões globais e alterar a existência cotidiana, tornando importante a compreensão de que as relações estabelecidas na modernidade se fazem no cotidiano, por meio da reflexão e da interação consigo, com os outros.

Assim também se constituem as representações sociais, na dinâmica das interações, dos contextos e do cotidiano. O que nos permite compreender que apesar de ainda persistir no imaginário coletivo a representação do campo como local do atraso, fruto de uma construção histórica, também transita nesse mesmo imaginário a representação do “novo rural”, marcado pelas paisagens, pela vida tranquila, pela tecnologia, pela especulação imobiliária e, principalmente, pela qualidade de vida, que se apresenta como o oposto do caos das grandes cidades.

No que tange aos jovens rurais, como será melhor explicado no capítulo 4, mudaram-se as relações estabelecidas com o campo e, nessa dinâmica, o imaginário coletivo que retrata o atraso, cada vez mais deixa de representar e fazer sentido para esse grupo, ocasionando uma transformação da representação já consolidada, o que dá início a um novo processo (GALLI, 2014), acelerado também pelas tecnologias da informação e comunicação.

3.3 JUVENTUDE RURAL, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES

Para Capanhola e Graziano (2000) a divisão evidente entre urbano e rural deixou de ser importante devido à diversificação das relações de troca, conferindo a um plano inferior a preocupação com os limites geográficos; passa-se a priorizar a dinamicidade dos fluxos em detrimento das divisões estanques entre as atividades definidas como rurais ou urbanas. Ainda para Abramovay (1997), a revitalização do rural perpassa pela abertura e intensificação dos contatos com as cidades.

No entanto, a diluição dessas fronteiras não é tão bem definida no plano simbólico já que se sustentam no imaginário social representações pejorativas sobre o campo e sobre as populações rurais. E conforme reitera Menezes (2009), independente das circunstâncias, aqueles que optam por ficar, são vistos como atrasados, resistentes à modernidade e “não educados”.

Nesse contexto, do novo rural, em que o campo deixa de ser exclusivamente agrícola, Menezes (2009, p. 29), salienta que se por um lado busca-se a valorização do rural como espaço de desenvolvimento e qualidade de vida, por outro lado não se trabalha a autoestima dos moradores/trabalhadores do campo que precisam lidar diariamente com as representações negativas e continuam, em muitos casos, a sonhar com a vida na cidade com seus filhos “estudando e vencendo na vida”.

Em meio a esses dois pólos, encontram-se os jovens, que veem seus projetos de vida alterados tanto pelas transformações recentes no espaço rural quanto pelas novas representações que emergem sobre o campo influenciadas, sobretudo, pelas mídias. Esses processos, em que estão imersas às juventudes rurais, fruto da ressignificação do campo e da ampliação do espaço rural para além dos limites geográficos, faz com que a identidade social do jovem esteja em constante transformação.

Além disso, é importante considerar que as mudanças que envolvem o campo, implicam em diversas ruralidades. Desse modo, as condições juvenis, vivenciadas pelos jovens, de formas diferentes, em situações juvenis específicas, são responsáveis pelas construções de significados e pelas distintas leituras de mundo, que em última análise, irão elaborar a diversidade das culturas juvenis, caracterizando a heterogeneidade que compõe as juventudes rurais (PAULO, 2011). Nesse contexto, a juventude rural é considerada uma juventude específica por vivenciar problemas específicos de seu meio, considerando, evidentemente, que essas composições se diferenciam de acordo com seus contextos locais (WANDERLEY, 2009).

Sob esse prisma, o campo se constitui como um “lugar de vida” a partir do qual são construídas as visões de si, do outro e do mundo que compõem o universo representacional dos jovens. Portanto, os sentidos de ser jovem rural são específicos não pelos valores associados à juventude, uma vez que esta é um fruto da sociedade moderna e, como tal, é difundida a partir desse modelo de sociedade, mas pelos valores que são conferidos a estes nos espaços sociais rurais (PAULO, 2011, p. s/p).

De tal modo, o que se concebe é que as identidades estão em um constante processo de (re)produção e (re)negociação em relação à diferença e, por conseguinte, não são fixas ou determinantes. Tal ideia é pertinente para compreender as relações estabelecidas entre os jovens rurais e o mundo a sua volta, em especial o urbano, ao considerar que essas diferenças não estão dadas dogmaticamente, ao contrário, elas constituem nas relações (PAULO, 2010).

Assim, para melhor entendimento das representações, que envolvem o sentimento de pertença e identificação dos jovens tanto com o rural quanto com a Rede Jovem Rural que interessa aos objetivos da presente pesquisa, recorreremos às discussões sobre a noção de identidade, partindo da mesma concepção apresentada por Paulo (2010), em sua tese de doutorado, que apesar de não haver uma oposição entre os espaços sociais do campo e da cidade, bem como entre os jovens a estes pertencentes, há entre eles diferenças significativas.

Spavanello (2005), ao citar Bourdieu, pondera que a unificação dos mercados simbólicos ocasionou transformações importantes na identidade social dos jovens rurais, porque transformaram as fronteiras que separam campo e cidade em linhas cada vez mais tênues e com a proximidade desses dois mundos os projetos coletivos familiares foram colocados em segundo plano pelos jovens que passaram a traçar seus próprios projetos profissionais ocasionando a perda da identidade de agricultor e na negação dos valores e do modo de vida rural.

Destarte, Paulo (2010, p. 89) se posiciona como corte antagônico a essa compreensão na medida em que sua pesquisa constata que a compreensão de um hibridismo, no qual a cultura desfaz seus laços com o “lugar”, “desestabilizando qualquer sentido que tenha relação com as estruturas das quais eles fazem parte, desconsidera os valores que se apresentam como importantes referenciais para que os mesmos construam sua visão sobre si e sobre os outros”.

Com base no supracitado, expandimos o leque de reflexões para o entendimento de que independente do trânsito fluido com a cidade, do campo de possibilidades despertado pelas TICs, do êxodo rural, entre outras diversas possibilidades de identificação que influenciam a transformação da identidade social, existe uma dimensão simbólica que vai além do modo de vida. Existem valores que fazem com que o sentimento de pertença e a

identidade, de alguma forma, se mantenham e se coloquem em evidência diante do contato com o outro. O que nos permite entender, inclusive, que as transformações do mundo moderno ocasionaram o deslocamento da identidade e do pertencimento do espaço físico, como percebido no exemplo empírico dessa dissertação. Pois o que sustenta a conexão entre os jovens da Rede Jovem Rural, no limite, é a identificação com o mesmo conjunto de regras, valores, símbolos e significados. Isso fica evidente nos fragmentos que seguem, visto que uma das representações associadas ao que é ser jovem rural aponta para as dimensões simbólicas que envolvem esse universo, independente do local geográfico em que se encontravam nesses jovens

Ixi, pra mim ser jovem rural é ter a oportunidade que muitos não teriam é ter qualidade de vida que muitos não teria... é um jovem diferente [em quais sentidos?] em valorização da vida, da natureza de valores humanos. Todos os jovens rurais que eu conheço tem uma visão de mundo, diferente dos jovens urbanos (JOVEM 5).

Pra mim, ser jovem rural é antes de tudo valorizar a nossa identidade (...) Pra mim antes de dizer que é jovem, eu acho que eu tenho que dizer que eu sou jovem rural, tenho que valorizar o lugar de onde eu vim (JOVEM 9).

Nesse sentido, a relação nós e os outros expressa nas falas, retoma um conceito clássico na antropologia ao considerar que existe uma percepção diferenciada na forma com que os jovens rurais se vêem e, por sua vez, vêem outros jovens rurais, com os mesmos valores (PAULO, 2010) e os jovens urbanos com valores diferentes. Assim, como observado por Paulo (2010), ainda que esses jovens estejam experimentando outras realidades e vivenciando um mundo considerado mais moderno, com princípios diferentes - que também fazem parte do processo de construção de suas identidades - “os princípios rurais”, são acionados para dar sentido às representações de mundo e noções relacionais do “eu” e do “outro”.

Hall (2005, p. 12) argumenta que no cenário da pós-modernidade ou modernidade tardia, as identidades unificadas e previsíveis estão cada vez mais fragmentadas, e o sujeito passou a ser composto, não de uma única, mas de várias identidades, por vezes contraditórias ou não resolvidas, de modo que “o próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

A concepção de identidade apresentada por Hall manifesta-se na juventude rural, sobretudo, por meio das contradições expressas no imaginário social entre urbano e rural. De um lado, estão as construções simbólicas que fazem a identidade rural do jovem, de outro, bens culturais, simbólicos e de consumo que caracterizam um estilo de vida urbano. Nesse

contexto, destaca-se ainda a influência dos meios de comunicação, principalmente a internet, que conectam e transportam o sujeito para diferentes espaços sociais e/ou culturas, ampliando os processos de identificação e mobilidade das identidades. Esse processo, para Hall (2005, p. 12), “produz o sujeito pós-moderno conceptualizado, como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”.

Assim, as juventudes rurais vivenciam o que Castro (2009) chamou de duplo enquadramento. Sofrem com as representações pejorativas sobre o campo, resultado de sua desvalorização frente ao espaço urbano e, por outro lado, no meio rural, são deslegitimados por possuírem um universo de referência urbano. O que coloca em pauta os aspectos conflituosos que se fazem presentes nas construções identitárias da juventude rural.

Para Dubar (2005) existem dois eixos pelos quais perpassam o entendimento das formas identitárias, um sincrônico – coadunado a um contexto de ação e a uma definição de situação em um espaço culturalmente marcado e, outro diacrônico – ligado às subjetividades, isto é, à interpretação da história pessoal, socialmente construída. Desse modo, a forma com que cada indivíduo se define, concomitantemente, como ator de um sistema determinado e produto das trajetórias individuais é observada na articulação desses dois eixos. Nessa dualidade reside a problemáticas das identificações, uma vez que entre as definições subjetivas, reivindicadas pelo indivíduo e submetidas ao reconhecimento e “validação” do outro, todas as combinações são possíveis em um dado contexto. Nota-se assim que a identidade, não é dada no nascimento ou construída na infância, ela é um produto das diversas socializações e reconstruída ao longo da vida. Ou seja, o indivíduo não se constrói sozinho “ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições” (DUBAR, 2005, p. XXVI).

Sob esse prisma, de que existem múltiplos fatores que influenciam as identidades juvenis e, sobretudo de que elas são o resultado dos processos de socialização, procura-se, a exemplo da pesquisa desenvolvida por Guimarães et.al (2015), no Rio Grande do Sul, abordar as novas formas de sociabilidade possibilitadas pelas Tecnologias de Informação e Comunicação e a possibilidade delas de influenciarem as representações dos jovens rurais, por meio da identificação com outras identidades, novas visões de mundo e outras formas de se colocar diante do outro a partir da interação com a sociedade global tendo em vista que esse novo espaço de socialização, ao deslocar tempo e espaço, como sinalizado por Giddens (1991) (ver capítulo 1), permite a conexão dos jovens rurais com o mundo globalizado, redimensionando tanto as relações sociais quanto as bases do processo identitário (GUIMARÃES et.al, 2015).

Redin et. al (2015), corroborando Guimarães (2015), baliza que a ampliação das redes de comunicação e sociabilidade entre os jovens rurais promove uma condição de liberdade no imaginário, isso porque, esses canais abrem espaço para o contato com “o novo”; novas pessoas, novos comportamentos, novos modos de vida, que, no limite, interagem com as trajetórias individuais desses jovens e refletem nos relacionamentos no cotidiano rural que pode, inclusive, causar uma revalorização do rural e seus modos de vida, pois “conhecer a realidade do outro pode cognitivamente proporcionar um sentimento de maior valor da sua realidade” (REDIN et. al, 2015, p. 178-179).

É, portanto, primordial que se reconheça que as TICs no meio rural, atuam em diversos cenários e nesse contexto, podem se tornar “instrumentos úteis para a circulação de informações sobre vários temas e causas e, ao mesmo tempo, alimentar novas bandeiras de luta” (NOVAES E VITAL, 2005, p.125), trazendo uma nova visibilidade a este segmento da população, uma vez que, com a facilidade da comunicação, a identificação entre os jovens diminui as fronteiras espaciais, favorecendo a organização de redes juvenis que conseqüentemente ampliam as possibilidades de ações coletivas, sinalizando, ainda que a passos lentos, a inclusão de novos atores no processo democrático.

3.4 O RURAL CONECTADO E A JUVENTUDE

No cenário atual, é inegável que o avanço das tecnologias, com destaque para as telecomunicações, tem causado mudanças significativas no espaço rural, entre elas, a diluição das construções do imaginário referentes ao isolamento e ao atraso. O primeiro grande avanço nesse sentido se dá com os meios de transporte e as facilidades que eles proporcionaram, no entanto, como observado no capítulo 1, as TICs, ao desvencilhar tempo e espaço, permitem que a comunicação se torne imediata e ao “encolher” as distâncias, têm impactado diretamente as relações sociais e conseqüentemente, as interações estabelecidas nesses espaços (consigo, com os outros e com o ambiente).

A vista de todas as transformações do/no campo, bem como no modo de vida das populações rurais, nas identidades e representações, nos últimos vinte ou vinte e cinco anos evidencia-se a necessidade de repensar as políticas públicas destinadas ao rural, bem como o próprio modelo de desenvolvimento rural implementado no Brasil, pautado na modernização da agricultura e no crescimento econômico (SCHNEIDER, 2004), o implica na necessidade de repensar o campo dentro de uma perspectiva global, em que as dimensões culturais, econômicas, políticas e sociais ganham novas especificidades.

Nesse contexto, Santos e Cardoso (2009) sinalizam que entre os objetivos estabelecidos pelas Nações Unidas para este milênio está o de permitir que as pessoas aproveitem os benefícios das tecnologias da informação e comunicação, com destaque para a internet e as novas configurações que ela tem imprimido na sociedade, sobretudo devido à possibilidade de comunicação irrestrita. Não obstante, Estevão et.al. (2010) sinalizam que apesar do destaque na agenda pública nacional, não é possível falar, de fato, em políticas públicas de inclusão digital no Brasil, tendo em vista que elas são ações esporádicas e descontínuas.

Ainda assim, apesar da pouca articulação entre os projetos de inclusão digital em curso no país e o desafio da convergência entre essas ações (ESTEVÃO, et. al., 2010), percebe-se nas agendas públicas a intenção de democratizar o uso das TICs, sobretudo, em face das expectativas que associam inclusão digital à geração de renda, educação, envolvimento político, desenvolvimento local e exercício da cidadania (SANTOS E CARDOSO, 2009; TAUK SANTOS, 2009).

Araújo et. al. (2014) consideram que a sociedade em rede, tal como definiu Castells (1999), tem se consolidado com a popularização da internet e conseqüentemente tem alterado a dinâmica das relações sociais e dos processos políticos, uma vez que a velocidade da informação e a praticidade proporcionada pela rede vêm ocupando cada vez mais espaço na vida cotidiana dos cidadãos (ARAÚJO et. al, 2014).

No campo, observa-se que para além do acesso à informação e novas formas de interação e sociabilidade, a internet tem funcionado também como importante ferramenta de trabalho. Uma reportagem exibida pelo Globo Rural, em novembro de 2015, aborda a praticidade proporcionada às ações cotidianas como serviços bancários, troca de mensagens entre funcionários, compras e até mesmo “consultas veterinárias” por meio de fotos ou vídeos (GLOBO RURAL, 2015).

Também em novembro de 2015, uma outra reportagem exibida pelo Canal Rural aponta que 24% dos celulares conectados a internet estão no campo, o que representa um contingente de mais de 20 milhões de pessoas. Ainda segundo a matéria publicada na internet, as TICs possibilitam o conhecimento de novas técnicas de produção, bem como informações sobre a previsão do tempo e valores de mercado (CANAL RURAL, 2015).

No entanto, é importante mencionar que ambas as reportagens evidenciam a indisponibilidade de rede nos espaços rurais e os altos custos de implantação do sistema Wi-Fi que variam entre 8 e 20 mil reais (GLOBO RURAL, 2015; CANAL RURAL, 2015). Assim, coloca-se em pauta duas questões importantes; 1) quem são os conectados e 2) a

qualidade do acesso e o letramento digital. Isso porque ao mesmo tempo em que a internet revoluciona o campo das comunicações, ela também amplia o cenário de desigualdades por meio das assimetrias de poder (CAPANHOLA E GRAZIANO, 2001; SORJ E GUEDES, 2005).

Câmara (2010) reitera que apesar de as políticas de inclusão, em diversos países, visarem a garantia do desenvolvimento sustentável, o combate a pobreza e a redução das desigualdades, o Brasil ainda mantém problemas estruturais básicos e o imperativo de se efetivar um política inclusiva nos padrões requeridos pela Sociedade da Informação ainda não foi reconhecida. Nesse contexto, Tauk Santos (2009) revela ainda que a inclusão social vai além da garantia do aporte tecnológico, pois perpassa pelo aprendizado e formação nas comunidades virtuais para a construção de uma *cyberdemocracia*, condição contemporânea de inclusão social e exercício da cidadania (TAUK SANTOS, 2009).

Dessa forma, há que se considerar que, apesar das Tecnologias da Informação e Comunicação estarem cada vez mais presentes na vida dos jovens, tanto urbanos quanto rurais, existe ainda uma abismal desvantagem quando comparados tanto o acesso ao serviço, (GUIMARÃES et. al, 2015) quanto ao letramento no campo e na cidade. Esse fato torna a juventude rural um segmento social ainda mais sensível à ausência e descontinuidade das políticas de inclusão digital, uma vez que eles se encontram em um cenário ambíguo de uma sociedade cada vez mais global e fronteiras cada vez mais tênues entre o urbano e rural, que apesar de implicar na reconstrução das identidades e readaptações dos modos de vida, também reitera as representações associadas à exclusão e à pobreza, tendo em vista a falta de estrutura que ainda assola as populações rurais e reafirmam as contradições da modernidade, pois como observado por Canclini (2004), o fato de uma tecnologia estar amplamente difundida, isto é, globalizada, não significa que ela esteja disponível a todos.

Sem embargo, assim como Froehlich (s/d), Felipe e Escosteguy (2017), afirmam, apesar de todas as limitações, a presença das novas mídias é um dos componentes da nova ruralidade contemporânea que se articula com outros elementos que compõem esse “novo rural”, como o aumento da escolaridade, a possibilidade de outras ocupações profissionais, maior mobilidade física, novos mercados de consumo, entre outros fatores que formam os universos culturais das juventudes rurais contemporâneas.

Frente a esse cenário, destaca-se a relevância de estudos que abordem as novas configurações que envolvem o campo, bem como as novas formas de inserção da juventude no rural contemporâneo, o que torna necessário, a respeito das TICs no meio rural, mais

investigações sobre as transformações nas formas de sociabilidade, nas identidades e como isso se manifesta nas representações juvenis.

CAPÍTULO 4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O CAMPO, A REDE E A JUVENTUDE RURAL

Nesse capítulo, adentra-se nas representações sobre a Rede, a internet, o campo e a juventude rural, expressas nos discursos dos jovens e gestores que compõem a Rede Jovem Rural. Antes, porém, é importante ressaltar que as representações são o resultado de uma construção coletiva que envolve além das trajetórias individuais de cada jovem, um contexto específico, uma Rede de Jovens, com espaços presenciais e online. Portanto, as representações apresentadas se situam entre esses dois espaços e, ainda que essa dissertação tenha se debruçado sobre o ambiente online, os espaços presenciais da Rede são muito presentes em referências no blog e nos documentos e na memória dos jovens e dos gestores.

Além disso, é importante referenciar que apesar do intuito da Rede de compreender a diversidade de jovens que compõe o todo da juventude rural, algumas especificidades merecem ser destacadas. A primeira delas é que o coletivo de jovens que integra a Rede é, antes de ser Rede Jovem Rural, uma instituição que desenvolve, entre outros trabalhos, ações destinadas à juventude rural, como o MOC, o SERTA, o MEPES, o CEDEJOR e a ARCAFAR- SUL, além das instituições convidadas como é o caso da AMEFA em Minas Gerais, a ADEL no Ceará, do IBELGA no Rio, entre outras. Assim, as representações aqui expostas também sofrem influências da vivência desses jovens em cada uma dessas instituições.

Outra questão importante é que todos os jovens entrevistados tinham acesso à internet, o que não indica que essa seja uma realidade de toda a juventude rural no Brasil; logo, como ressaltado na literatura, não podemos supor que todos os jovens rurais passem pelos mesmos processos de integração na sociedade em rede e nem que vivenciem a experiência de ser jovem rural da mesma forma, uma vez que múltiplos fatores influenciam tanto os contextos quanto as experiências.

Desse modo, os jovens dessa pesquisa são estimulados por diversos registros (online e off-line) onde representações são criadas, comunicadas, cristalizadas e transformadas. Sendo assim, para os objetivos dessa dissertação, interessa-nos as construções que se fazem presentes no imaginário desse grupo, e por isso, na análise, seguimos a orientação de Passavento (1998, p. 54-55) de não julgarmos as representações por sua veracidade ou emitir

juízos de valor, uma vez que “a representação construída mede sua força, pelo seu grau de aceitação, socialização e capacidade mobilizadora”.

4.1 QUE JOVENS SÃO ESSES?

Esta seção tem o intuito de traçar o perfil dos jovens participantes desta pesquisa. Para tanto, são apresentadas as características gerais desse grupo que como já apontado na metodologia, é composto por 10 jovens entre 18 e 28 anos, que participam ou participaram de alguma das ações realizadas e seguem a Rede Jovem Rural em algum de seus espaços virtuais. A escolha dos entrevistados se deu de forma aleatória e é o resultado daqueles que se dispuseram a contribuir e compartilhar experiências. Sendo assim, para melhor visualização, o perfil dos jovens entrevistados foi sintetizado no quadro abaixo:

Quadro 4. Perfil geral dos jovens entrevistados

Identificação	Sexo	Idade	Estado civil	Origem	Residência	Instituição	Escolaridade
Jovem 1	Feminino	23	Solteira	Minas Gerais	Urbana	AMEFA	Superior completo
Jovem 2	Feminino	21	Solteira	Espírito Santo	Rural	MEPES	Graduação em andamento
Jovem 3	Feminino	18	Solteira	Espírito Santo	Urbana	MEPES	Técnico
Jovem 4	Feminino	26	Solteira	Rio Grande do Sul	Rural	CEDEJOR	Superior completo
Jovem 5	Feminino	24	Solteira	Goiás	Rural	EFA - GO	Superior completo
Jovem 6	Masculino	19	Solteiro	Espírito Santo	Rural	MEPES	Ensino Médio
Jovem 7	Masculino	18	Solteiro	Santa Catarina	Urbana	ARCAFAR-SUL	Ensino médio
Jovem 8	Masculino	23	Solteiro	Ceará	Urbana	ADEL	Graduação em andamento
Jovem 9	Masculino	24	Solteiro	Bahia	Urbana	MOC	Graduação em andamento
Jovem 10	Masculino	28	Solteiro	Ceará	Rural	ADEL	Superior incompleto

Fonte: Elaborado pela autora, dados da pesquisa, 2017

Como também já sinalizado na metodologia, foram entrevistados 5 jovens do sexo masculino e 5 do sexo feminino, todos solteiros. Quanto às regiões, estão representadas Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-oeste, com entrevistados de Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Ceará, Goiás, Bahia e Rio Grande do Sul. E além do MEPS, CEDEJOR e ARCAFAR-SUL, que são integrantes da Rede, também foram entrevistados jovens de outras três instituições convidadas, AMEFA, EFA-GO e ADEL.

Sobre a residência atual, 5 se consideram urbanos e 5 rurais. É importante destacar que entre os jovens que atualmente residem em zona rural apenas a jovem 5 não pretende

“viver” do campo, e o motivo é que tem o projeto de cursar medicina; no entanto, almeja continuar residindo na propriedade rural. Já entre aqueles que residem em zona urbana, 3 saíram do campo para estudar, 1 para se alistar ao Exército e 1 sempre viveu em uma cidade pequena do interior.

Dos 3 jovens que estão na cidade para estudar (jovens 1, 8 e 9), apenas a jovem 1, não deseja voltar a residir no campo. E apesar de afirmar não saber se é uma jovem rural como na época em que morava com os pais, tem como objetivo de vida atuar junto ao movimento da Escola Família Agrícola. Como observado no relato abaixo:

Eu ainda me identifico muito com o movimento das EFA's e um dos meus objetivos de vida é atuar junto ao movimento em algum momento, dar minha retribuição, digamos assim (JOVEM 1, 23 anos).

Os jovens 8 e 9 estão fazendo graduação em cursos na área de agrárias e ambos pretendem voltar para residir e atuar no campo. Em comum, esses três jovens carregam o desejo de ajudar suas comunidades ou movimentos, como também ressaltado nos fragmentos das entrevistas que seguem:

Sim, eu pretendo, pretendo trabalhar, a minha universidade o foco dela é muito da agroecologia, então eu pretendo, sim, voltar pra zona rural e tentar ajudar os meus (JOVEM 8).

Pretendo retornar, pra aplicar o que eu aprendi aqui (JOVEM 9).

Essas falas reforçam ainda as concepções apresentadas por Paulo (2010) de que mesmo estando expostos a outras influências, outros estilos de vida e diante de percepções distintas entre voltar ou não, os vínculos não se desfazem e a identidade rural se mantém como referência.

Quanto aos outros dois jovens, a jovem 3 cresceu em uma cidade pequena do interior do Espírito Santo e se identifica como jovem rural porque a família tem uma propriedade, da qual vem parte da renda da família, e que ela deseja dar continuidade aos trabalhos do pai. Além disso, segundo a jovem, o município em que vive, apesar de ser considerado urbano, é um município rural, movimentado pela agricultura. Já o jovem 7, que saiu para se alistar ao exército, deseja seguir carreira militar e continuar na cidade. Contudo, durante toda a conversa, o jovem faz referências positivas sobre o campo e afirma que, se não der certo na cidade, é para o campo que pretende voltar.

Quanto à escolaridade, é possível perceber o alto nível de instrução dos jovens entrevistados. No momento da pesquisa oito jovens indicaram ainda estar estudando. Desses, duas jovens estão fazendo pós-graduação, sendo uma doutorado e a outra especialização. Três

estão cursando o ensino superior, um está finalizando os estudos em Escola Família Agrícola e uma jovem está terminando o curso técnico, também em Escola Família Agrícola e um terminando o ensino médio. Dos que concluíram os estudos, um jovem trancou o curso superior, voltou para o campo e não pretende retomar a graduação; uma jovem terminou a graduação; e se formou em Zootecnia.

Faz-se importante destacar ainda que dos dez entrevistados, nove manifestaram o desejo de continuar estudando e entre as expectativas, estão terminar os cursos de graduação, fazer mestrado, fazer/terminar o doutorado, ingressar no curso de graduação e especializações. Sendo assim, as perspectivas desses jovens em relação à educação apontam para mudanças em cenários cristalizados no senso comum. Entre elas, de que a população rural é pouco estudada ou como enfatizado por Menezes (2009) “não educada” e de que aqueles que estudam não querem voltar para o campo.

Por fim, foi possível perceber que 6 entre os 10 entrevistados escolheram ou almejam exercer profissões ligadas ao campo, como agronomia, técnico agrícola, educação no campo, engenharia ambiental e agroecologia. Além disso, a jovem 5, como já dito, apesar de querer cursar medicina, é formada em Zootecnia e atualmente é professora, em sua cidade natal, na Escola de formação no campo. Ressalta-se ainda que o jovem 10 interrompeu o curso superior, na área de tecnologia, para dedicar-se à profissão de agricultor. Portanto, apenas os jovens 1 e 7, não escolheram profissões que os mantenham, de alguma forma, vinculados ao campo; a jovem 1 deseja seguir carreira acadêmica – nas ciências agrárias - e o jovem 7, a carreira militar.

4.2 SER JOVEM RURAL? ASPECTOS POSITIVOS E NEGATIVOS

Propor a esses jovens que pensassem em seus papéis sociais foi um exercício interessante, revelador e prazeroso. No decorrer das entrevistas, era possível perceber nas dificuldades encontradas para a formulação de algumas respostas como elas aludiam às emoções até então não expressas, o que resultavam em falas tais como: “nunca pensei nisso” ou “que difícil essa pergunta”. Compreende-se, portanto, que o cotidiano é naturalizado, assim como as representações que permeiam esses espaços, uma vez que elas também se fazem no cotidiano. Pois, como revela Martins (2008) é no cotidiano que o conhecimento é compartilhado entre os sujeitos da relação social.

Nesse sentido, depois de Moscovici, entende-se que um estudo sobre representações, dedica-se a compreensão do conhecimento sobre o senso comum, que comporta a experiência

cotidiana, a comunicação e as práticas sociais que almejam investigar as relações entre o senso comum e a cultura, uma vez que a realidade é aquela que se encaixa nas práticas sociais do homem comum (GALLI, 2014). Na sociologia, Martins (2008) corrobora essa perspectiva ao afirmar que a reflexão sobre o senso comum se dá na compreensão do conhecimento da realidade diária, cujo significado antecede a relação social como condição, ou seja, sem significados comuns não há interação, logo o significado da ação é de certo modo, compartilhado pelos sujeitos (MARTINS, 2008).

Assim, percebe-se que cotidianamente ser jovem rural é um desafio, uma mistura de sentimentos positivos e dificuldades, que confirmam a perspectiva exposta por Castro (2009) e Carneiro (1998) de que a juventude vive um duplo enquadramento e se apresenta como o segmento mais sensível às transformações do campo e as consequências da modernidade.

Dessa forma, quando questionados sobre *o que é ser jovem rural?* As repostas apontavam para a valorização da identidade, dos costumes, da natureza, bem como os anseios por conhecimento, por conhecer o mundo e mais oportunidades para o campo. Contudo, junto a tais representações, também aparece a vergonha, o incômodo pelo rural caricato, a inferiorização, a cidade como atração e a falta de acessibilidade, como retratado nas entrevistas:

[Ser jovem rural é] buscar conhecer o mundo e o que ele tem a oferecer, conhecer pessoas, lugares (...) Por outro lado, você vai ser sempre o da “roça”, o “bicho do mato”, na visão de alguns. Às vezes vão querer te fazer sentir inferior, porque você não tem aquela roupa de marca, ou o celular da moda, ou chega com o pé sujo de lama (JOVEM 1).

Pra mim ser jovem rural é antes de tudo, valorizar nossa identidade, de onde eu vim, porque a maioria das vezes as pessoas, os jovens, são jovens que vem do campo mais não se identificam como jovem rural, porque tem vergonha de expor que é do campo, acha que ser jovem rural é ser jovem atrasado, sem acesso as tecnologias, sem acesso as redes sociais, pra mim antes de tudo, antes de dizer que é jovem, acho que eu tenho que dizer que sou jovem rural, eu tenho que valorizar o lugar de onde eu vim (JOVEM 9).

É um desafio, assim, desde quando eu vim, morar aqui, eu encontro muito desafios, que na cidade você não tem noção dessas realidades, principalmente por questões governamentais, eu vejo muita deficiência em certos, requisitos como a água o saneamento, acesso a comunicação. E também acesso as políticas públicas, eu vejo muito muita deficiência, em relação a isso são coisas que na cidade eu não percebia (JOVEM 10).

Eu acho que hoje em dia tem muito pensamento de sair do campo, né, querer muito assim, ir pra cidade e tem muito incentivo, infelizmente tem muito incentivo pra ta saindo do campo. Acho que ser jovem rural é você querer conservar essas, como posso dizer, essas características né, essa, querer dar continuidade, eu acredito, a todo esse trabalho que já foi feito (JOVEM 3).

Ao questionar ainda os aspectos positivos e negativos em ser jovem rural, as representações seguem ao encontro daquelas que circulam na sociedade mais ampla e na literatura como as imagens pejorativas cristalizadas no imaginário do matuto, caipira, sujo, pouco estudado e atrasado, que tem resultado no incômodo desses jovens que não se reconhecem em tais representações, mas precisam lidar com seus reflexos, visíveis, inúmeras vezes, nas auto-representações juvenis, que como ressaltado nas entrevistas, implicam na desvalorização do campo e das identidades rurais, uma vez que as construções do imaginário são pautadas pelos círculos de interações sociais e compartilhadas nessas relações.

Assim, os resultados obtidos corroboram a tese de Paulo (2010) de que os jovens rurais vivenciam dilemas relacionados à condição juvenil na contemporaneidade por carregarem os valores e modos de vida rurais como um elemento de honra, mas ao mesmo tempo, querem ser reconhecidos por possuírem conhecimentos e práticas modernas, principalmente, na cidade.

Além disso, os jovens destacam como dificuldades o preconceito, devido às representações sobre o campo, a falta de diálogo com os pais nos processos produtivos e sucessórios, as questões de gênero, a falta de uma renda fixa, a dificuldade de acessos as tecnologias da informação e comunicação, a sobrevalorização da cidade em detrimento do campo (e a influência da mídia), a falta de oportunidades para permanecerem no campo, lazer e educação.

Esses aspectos são também contemplados nas cartas de proposições das Jornadas (ver capítulo 2) e enfatizados como os maiores problemas enfrentados pelos jovens na atualidade que buscam no campo mais que um espaço de produção, mas um espaço de vida, onde sejam garantidos direitos básicos.

Essas percepções sinalizam ainda que mesmo diante de tantos contextos, ruralidades e regionalidades – como é o caso dos jovens da Rede – e da fragmentação do conceito de juventude, as juventudes rurais se encontram em diversos aspectos, entre eles, nas dificuldades em ser jovem rural.

Que eu vejo, em especial hoje uma das maiores dificuldades é o reconhecimento do espaço onde tu tá (...) a questão das oportunidades, assim eu ainda, eu acho que por mais que existam algumas iniciativas tipo Pronaf jovem essas coisas assim eu acho que é pouco divulgado e também a gente não tem uma formação técnica pra que eles possam vir a acessar isso né. A questão da... pra mim a principal dificuldade é a questão da formação né, que tudo leva, induz a tu pegar e conseguir um emprego, a tu conseguir uma fonte de renda que tá longe, distante do espaço onde tu vive né. Então pra

mim a maior dificuldade é tu pegar e conseguir conhecer o teu espaço sendo que tudo te leva a tu pegar e conquistar outros espaços. E aí querendo ou não o jovem rural ele acaba, ele também busca as mesmas oportunidades que tem um jovem da cidade né (...) Além do dialogo com os pais, são N questões né (...) mas de uma forma geral eu não sinto o espaço familiar como um espaço de diálogo entre as gerações né, ainda se tem, muitos pais, que incentivam também os filhos a buscarem outras oportunidades na cidade né, porque eles vieram de uma formação assim também. Aí acaba tendo um conflito que quando o jovem vem propor alguma ideia diferente a pegar e se desenvolver no campo, por exemplo, a nossa realidade aqui é o tabaco né, ai quando eles vem propor uma atividade diversificação nas propriedades isso não é aceito pelos pais né, também é compreensível porque eles não tiveram uma outra experiência referente a isso também (JOVEM 4).

Acho que as oportunidades de um jovem rural é muito diferente que um jovem da cidade, oportunidade de emprego, de escola, faculdade, de acesso a qualquer coisa né? Tudo é muito difícil pra juventude, o povo que mora da zona rural tudo é bem mais difícil (JOVEM 8).

Um jovem que tá no campo, ele não ver tanto dinheiro, igual o jovem talvez que esteja da cidade, igual na minha região aqui é indústria (...) então o jovem que vive no campo, talvez ele não consiga falar de dinheiro logo, não consegue o dinheiro que talvez o jovem que tá na cidade, que trabalha na indústria consegue (JOVEM 6).

É...Então, uma das maiores dificuldades, eu acho que é a do campesinato, da agricultura familiar, é sempre visto como um atrasado né? Quem tá na zona rural, mais pra gente assim, enquanto jovem, uma das maiores dificuldades, é a questão da sucessão rural (...) Que uma das consequências da saída do jovem pra cidade. Porque os pais, eles sempre tem o controle de tudo, que os filhos nunca pode dar palpite do que vai fazer, no que vai plantar, do que não vai plantar, (...) E ai muitas vezes quando o jovem trabalha tá lá no campo (...) quando o filho vai sair pra fazer alguma coisa, ele tem que pedir o dinheiro o pai, isso é muito constrangedor né? Principalmente pros homens (...) E aí tem a questão de gênero né? Que aí vem pra mulheres. A mulher nunca tem direito a nada (...) a filha mulher tem muito mais dificuldade, já ela é preparada desde o inicio, pra chegar uma idade casar e servir ao marido. (...) a gente tem muita especificidade, e aí o jovem na maioria das vezes, ele se esquece da sua identidade camponesa, da identidade rural, e começa a seguir a questão urbana. E aí dificulta essa permanência. Ele quer o que, estudar, terminar seu ensino médio, e ir pra cidade pra trabalhar de empregado, receber um salário mínimo, mais ai é legal porque ai ele mora na cidade né? Ele tá fazendo o que a mídia, coloca no inconsciente dele, eu acho que essas que são as desvantagens, são os desafios (JOVEM 2)

Assim, hoje eu não vejo tantas dificuldades, mais as maiores dificuldades que eu vejo são as oportunidades, as poucas oportunidades que o jovem tem pra permanecer no campo, a dificuldade da tecnologia de informação chegar até o campo, ainda é pouca! Pouca tecnologia chega até o jovem rural, pouco lazer chega até o jovem rural, tudo que tem de lazer, de infraestrutura pra jovens, fica concentrado na cidade, e o campo, a juventude rural fica um pouco esquecida, por isso que a maioria dos jovens não tem esse interesse, de ficar no campo, de permanecer no campo, porque são poucas as oportunidades de decisão, de informação que o jovem tem, e hoje a gente sabe que o que mais atrai a juventude do campo, são as tecnologia e a internet, a diversão de um final de semana com os amigos, falta espaços

culturais no campo pra jovens, se interessar em permanecer mesmo, no campo (JOVEM 10).

Ademais, esses trechos reforçam a compreensão de que, por diferentes razões, os jovens demandam incentivos e condições para permanecerem no campo e colocam em pauta diversas questões estruturais apontadas pela literatura. Dentre essas dificuldades, a falta de diálogo com os pais e a ausência de um salário fixo, que já há algum tempo vem sendo discutidas dentro das perspectivas de “ficar e sair”, pois a possibilidade de não depender financeiramente dos pais, acrescidas da incredibilidade juvenil dada às estruturas hierárquicas das famílias, historicamente se constituem como atrativos para o êxodo rural.

As questões sinalizadas pelos jovens dessa pesquisa também encontram ressonância no I Seminário Nacional Juventude Rural e Políticas Públicas, que identificou o trabalho como um eixo estratégico para garantir a permanência dos jovens no campo, perpassando por debates como a demanda pela terra, políticas de crédito e assistência técnica, que tanto nas entrevistas como nas Cartas das Jornadas fazem parte do rol dos aspectos negativos que permeiam as representações sobre o campo.

Dessa forma, é importante destacar que o trabalho “é mais que só o trabalho”, ele possui uma dimensão simbólica sob a qual os jovens se identificam, representam e são representados, sendo, portanto, um construtor da identidade do jovem rural. Não por acaso, ao serem questionados sobre o que os identifica como jovens rurais ele se destaca junto com o contato com a terra, o sentimento de pertença, a valorização da identidade e os vínculos comunitários, como observados nas falas abaixo:

Eu acredito que é querer fazer o campo acontecer, é querer ver minha terra produzindo, querer permanecer no campo e levar a identidade (JOVEM 3).

Me identifica? Então é... Nossa difícil, nunca tinha pensado nisso! Então, eu acho que é, estar no campo e entender as minhas particularidades, enquanto camponesa (...) plantar na terra, mais também, ter essa relação, o vínculo com a terra, o vínculo com a comunidade, entender o porquê é importante, plantar (JOVEM 2).

O que me identifica? Acho que meu trabalho, no campo, de preservar a natureza... De criar abelha sem ferrão, porque ela tá extinta. Pois é, essa vontade de querer fazer com que, as outras gerações conheçam aquilo que eu conheci, entendeu? (JOVEM 10)

Essa questão de associar com as pessoas, ajudar umas as outras, eu acho que isso é me torna mais jovem rural... Estar sempre presente (...) ajudar as pessoas com a colheita (...) assim as pessoas uma ajudando a outra, na escola, nessa mobilização de eventos, a gente tá sempre tentando, trazer mais gente pra esse meio (JOVEM 6)

Morando aqui na cidade, me vejo como um jovem urbano, o meu jeito de ser, o meu jeito de trabalhar aqui (...) eles falam, eles percebem quando o cara é do campo, tem mais empenho, tem mais vontade de trabalhar (...) ter que trabalhar, pegar mais firme e pesado no serviço, isso que me identifica (...) tipo, não é que eu deixei de ser, é porque só to morando na cidade agora, mais não deixei de ser jovem rural. Meu jeito de ser, tipo, meio tímido, assim sabe, não de muitas palavras, mas quieto, mais na minha, meu jeito de vestir, meu jeito de falar (JOVEM 7).

Nesse cenário, Galindo (2014), a partir da compreensão de Stropassolas (2006), acrescenta que se por um lado os jovens rurais são caracterizados pelo vínculo com a terra, por outro, as representações sociais que associam a juventude a um momento transitório de preparação para a vida adulta e, portanto, imaturo, os submetem às condições de subalternidade na inserção social das hierarquias familiares, ficando portanto, à tutela do pai. O que permite entender o incômodo dos jovens em relação à independência financeira.

Além disso, também encontram respaldo nos debates do *Seminário*, os anseios por um campo menos desigual em questões socioeconômicas, regionais, étnicas, de gênero, bem como a idealização da juventude e a homogeneização das políticas públicas presentes nos discursos encontrados nas Cartas e nas entrevistas que, assim como expresso pelas juventudes representadas no Seminário, defendem o acesso democratizado à terra, por meio de uma política de reforma agrária eficaz e o reconhecimento e valorização dos sujeitos rurais em suas diversidades e culturas, contemplando formas sustentáveis de produção, as tecnologias alternativas e o saber tradicional (GALINDO, 2014).

À vista disso, faz-se necessário recordar as inúmeras demandas estruturais que (são também, as principais construtoras das representações que relacionam o campo ao “anti-moderno”), como enfatizado nas Cartas, fazem parte do cotidiano das juventudes rurais, e os inserem em um cenário de oportunidades restritas como mencionado nas falas, influenciando as escolhas futuras e reforçando alguns estereótipos.

Contudo, ainda que sejam muitas as dificuldades em ser jovem rural, era nítido em cada entrevista que falar sobre o que tem de positivo em ser rural, além de mais fácil, era mais prazeroso e descontraído, as falas eram mais empolgadas e até os tons de vozes eram mais amenos. A forma com que os jovens se expressavam, por meio de olhares marejados, risos, suspiros e silêncios revelavam um profundo sentimento de apreço pelo campo e seus modos de vida.

Nesse contexto, as representações positivas também seguem ao encontro das que circulam na sociedade mais ampla e estão relacionadas principalmente à qualidade de vida, aos laços comunitários, à valorização da família, à liberdade, à tranquilidade e, principalmente

ao orgulho e realização com o trabalho e à identidade e sentimento de pertença – de “aqui é o meu lugar”. Assim, ao explicitarem o que mais gostam e o que vêm de vantagens ser do meio rural os jovens expressam:

Olha a gente fala muito é que o futuro depende “da gente” querer permanecer no campo então eu vejo isso como uma vantagem assim, “da gente” tipo assim, poder fazer a diferença (...), uma vantagem se ser jovem rural é saber que eu to ali ajudando a produzir, a fazer a comunidade crescer (JOVEM 3)

Acho que o espaço, a qualidade de vida que a gente tem, a oportunidade que tu tem de poder pegar e aproveitar cada cantinho né, a gente aqui tem uma propriedade de 22 hectares (...) tu poder pegar e produzir seu próprio alimento, tu poder trocar com seus próprios vizinhos que é um valor que está se perdendo também, a contribuição com os outros também. (...) tu poder gerar sua própria renda a partir do trabalho coisas que não tem igual né? (JOVEM 4)

Ah, tranquilidade, é, você ter liberdade pra poder sair na esquina sem ter medo de ser abordado, de acontecer alguma coisa com você, acho que a liberdade é parte que interessa mesmo. Acho com eu nasci na zona rural, eu não me vejo em outro local (JOVEM 8)

Eu enxergo qualidades de vida, e acho que respeito a valores humanos, eu enxergo assim, que jovem rural de modo geral tem um apego maior com a terra, com a família, então eu enxergo que essas são as maiores vantagens da juventude rural (JOVEM 5)

Talvez a união, família... É a união dos vizinhos, essa questão de associação, acho isso muito bonito (JOVEM 6)

Acreditar que a mãe terra, que é a terra onde que, que nos sustenta, é muito além de uma terra que vai produzir alimentos (...) ela significa resistência, luta, significa a vida dos nossos antepassados. Significa que vai produzir o pão, o alimento que vai alimentar muitas vezes as pessoas que não nos valoriza (...) isso que é engraçado, e que pra mim é muito bom, assim, não há o egoísmo né? Apesar de tudo, da gente saber, de toda essa questão, que a gente não tem essa valorização, mais mesmo assim a gente produz. A gente leva alimentos pra mesa. E, ser jovem rural, assim, pra mim, a vantagem também, é de não ser empregada (JOVEM 2)

O que eu mais gosto, é por causa do meu amor pelo campo mesmo, essa questão de viver, na, plantar o que eu como...É,vivendo do meu suor, vivendo do meu trabalho mesmo,é é,trabalhar a questão da agroecologia , da questão de preservação de natureza... E trabalhar, com, meio, com os animais... (JOVEM 10)

As grandes vantagens de você ser um jovem rural hoje, aqui tem uma melhor qualidade de vida, antes de tudo, eu vejo assim que hoje o jovem rural eles já tão chegando nas cidades com uma nova identidade de juventude rural, com uma nova opinião formada, do que ele ser jovem rural, ele tem muito mais, dar muito mais valorização a sua cultura local, coisa que você não vai encontrar em jovens da zona urbana, que na zona urbana você ver que a cultura é mais, uma cultura de festa, não tem aquela cultura, formada na sua

própria identidade, na sua própria local de origem, e a juventude rural ela tem muito isso, tem sua própria cultura, e hoje eu já percebo, que com a formação que a gente ta tendo, a gente já tá, mesmo que a gente saia do nosso local de origem, a gente não ta perdendo essa identidade cultura que a gente tem (JOVEM 9)

As respostas observadas expressam também vínculos afetivos que são inerentes à identificação com o espaço, às relações familiares e coletivas, reforçando mais uma vez a relação de pertencimento e as identidades, que ficam visíveis em falas tais como “você não vê isso nos jovens urbanos” (JOVEM 5) “coisa que você não vai encontrar em jovens da zona urbana” (JOVEM 9), que impõem uma condição de diferença à identidade do outro e reafirmação de seu espaço como sujeito social, que a partir das construções simbólicas procura significar o mundo e se encontrar nele (JOVCHELVTCH, 1995).

O trabalho, por sua vez, apresenta-se como uma questão ambígua nas representações, pois ao mesmo tempo em que em torno dele situam-se as principais dificuldades de permanecer no campo, encontram-se também o aspecto central de identificação dos jovens e a satisfação por “ver a terra produzindo”, “levar comida para a mesa”, “viver do próprio trabalho” e “produzir o próprio alimento”, que no limite, enaltecem o campo, os trabalhadores rurais, os modos de vida e reafirmam as identidades.

Outra questão importante diz respeito às representações dos jovens entrevistados que moram na cidade e dos que vivem no campo. Elas se aproximam tanto nos aspectos positivos quanto negativos, indicando assim que mesmo diante da fluidez das identidades modernas que, como acrescentado por Hall (2005), são permeadas por contradições, e estão constantemente sendo reconstruídas a partir de inúmeras influências e das relações cada vez mais próximas entre o campo e a cidade, principalmente pela redução das fronteiras entre tempo e espaço, os resultados reafirmam a tese de Paulo (2010) de que a cultura não desfaz seus laços com o lugar. É fruto da modernidade e suas consequências, a concepção do sujeito conceptualizado de Hall, sem identidade fixa ou permanente, isso, porém, não implica na dissolução das identidades rurais ou em sua ausência nas representações juvenis, a modificação nos processos identitários indicaram apenas que, tanto os jovens que residem em área urbana, como aqueles que residem no campo, possuem novos, amplos e mutáveis universos referências que se relacionam a seus contextos de produção, familiares, círculos de socialização, trânsito com a cidade, com o real e com o virtual em um mesmo cenário.

4.3 A INTERNET COMO UM NOVO UNIVERSO DE REFERÊNCIAS: PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÕES

Como visto no capítulo 1, TICs tiveram grande impacto no mundo nos últimos anos, aumentando o poder da comunicação em diversas esferas da vida social, influenciando cenários econômicos, políticos e culturais.

Nesse contexto, as tecnologias da informação e comunicação, ao reduzir as noções de tempo e espaço, marcam uma nova era para as interações sociais, introduzindo uma nova forma de sociabilidade pautada pela rede, tornando, como observado por Santaella (2003), os trânsitos culturais mais fluidos. Esse movimento coloca em cena o sujeito pós-moderno, envolto a mobilidades e contradições que se expressam, também, nas muitas identificações que passam a compor as identidades (HALL, 2005).

A juventude, portanto, ao estar mais próxima das questões da atualidade, como sinalizado por Mannheim (1928), está também mais próxima das transformações tecnológicas e, conseqüentemente, são mais influenciados por elas, difundindo a cada geração uma cultura cada vez mais imersa na tecnologia, com outra compreensão de tempo e espaço, notícias instantâneas e por fontes diferenciadas, acesso a uma gama de informações, circulação de conhecimento, comunicação imediata e espaços de lazer.

A juventude rural, deste modo, ao compartilhar os mesmos dilemas de sua geração, divide com as demais juventudes conflitos sociais e identitários que conforme Mannheim (1928, pág. 71) “podem ser definidos através da especificação da estrutura social na qual e através da qual os grupos estão situados na realidade histórico-social.” Evidenciadas no espaço social rural, no entanto, por meio de estruturas sociais mais hierárquicas, ocasionando conflitos geracionais, que por vezes tem como cerne, a dificuldade das gerações anteriores de compreender a rapidez dos fluxos e a apropriação e desapropriação dos elementos culturais na era da tecnologia.

Não por acaso, os jovens mencionam a internet, as tecnologias, a busca por conhecimento, a facilidade de locomoção, a possibilidade de pertencer a outros grupos e estabelecer outras redes de contatos que não são só aquelas restritas ao espaço físico, mas outras formas de diálogo e a introdução de novos assuntos como um marcador de diferenças entre as gerações.

No que tange ao interesses desses jovens na internet, muitas questões foram pontuadas como música, jogos, compras, humor, educação e política; no entanto, dois temas ganharam destaque: a comunicação, que em incontáveis momentos das entrevistas eram

ressaltadas como vantagens/facilidades da internet e a busca por assuntos relacionados ao campo, seja para na busca por conhecimento (aprender alguma técnica, buscar alguma informação, conhecer outras tecnologias, etc.), por questões ligadas à militância e movimentos sociais rurais ou a temáticas ligadas a juventude rural. Além disso, todos os jovens afirmaram ter acesso diário a internet e relacionado a essa frequência, destacam-se principalmente, os estudos e a comunicação. Nesse sentido, no que diz respeito às funções da internet e se a consideram uma tecnologia positiva, os jovens expressam:

A internet, ela expõe muita informação ao jovem, basta você saber usar internet de maneira correta, ou você usa internet pra poder captar informação, e aplicar as informação. A internet, ela facilita, é instrumento, também de transformação, também de contribuição pra sua vida (JOVEM 9)

Eu acho que assim, sabendo usar, a gente tendo bem claro assim, tendo consciência das consequências, ela é positiva. Porque, primeiro, ela possibilita essa divulgação das coisas que acontece, possibilita você saber das coisas que acontece, em outros lugares, em outras regiões, países... Possibilita acesso, a informação, a materiais (...) essas coisa mais de estudo, e possibilita também, essa questão de contato. De você conversar com diferentes tipos de pessoas de diferentes regiões, então assim, acho que tem essa função, de divulgação, de comunicação. E também o espaço de estudo né? Que a internet é muito importante pra isso também, mais a gente tem que sempre saber, ter consciência das consequências né? (JOVEM 2)

(...) eu acho que a internet tem a função de circular a formação e a informação, e aí vai de quem sabe, de quem usa ela sem entender né? É mais positiva, até porque pra mim, ela me ajuda muito, a nível de conhecimento, até de manter esse contato de pessoas tão distantes que eu conheci na jornada, seria muito difícil se não fosse a internet, então pra mim ela tem mais ponto positivo do que negativo. (JOVEM 5)

De informação, de aproximação também, de facilitar sua vida, acho que a função mais da internet é facilitar sua vida, também, sei lá, de trazer algum dano pra você, tem um lado bom e o lado ruim, mais facilitar a vida é uma das funções. Mais positiva (JOVEM 8).

Fica mais fácil manter o vínculo e o contato, e hoje em dia os jovens estão muito ligados nisso (...) Eu vejo muitos jovens curiosos, que aprendem a fazer um monte de coisas, que buscam técnicas novas para aplicar na propriedade, ou então divulgam suas experiências pra outras pessoas. Isso é super legal! Ele usa a ferramenta para melhorar suas técnicas, suas formas de trabalho, e eu acho que isso transforma positivamente a realidade dele (JOVEM 1)

A primeira coisa é a comunicação, comunicar, tinha falado sobre comunicação, comunicar com o mundo lá fora, a internet serve pra isso, pra abrir caminhos, pra ver o que tá acontecendo no mundo lá fora, tipo, na internet, você tem acesso a tudo, tipo você usa o computador, e não precisa sair de casa, pra se ter comunicação. Eu acho que ela é mais positiva. Que traz mais benefícios, mais fácil a acessibilidade e tal, não precisa sair de casa (JOVEM 7).

Essas concepções corroboram as percepções apresentadas sobre a internet no capítulo 1, principalmente no que tange à disseminação da informação, compartilhamento de sentidos e, principalmente, na expansão dos vínculos sociais. Além disso, o alcance da internet faz com que os jovens a reconheçam como um novo espaço de visibilidade do campo e ao refletirem sobre as mudanças que ela provoca, a fala “tu acaba te sentindo parte do mundo” (JOVEM 4) é bastante significativa sobre as representações apreendidas, como mostram os fragmentos que seguem:

A internet, ela aproxima pessoas, aproxima informações, aproxima tudo, e te dá visibilidade, é o que você tem pra mostrar, se um jovem rural tem pra mostrar um projeto que ele está desenvolvendo na sua comunidade, e colocando na rede, então é uma forma de visibilidade (JOVEM 8)

Com a internet a gente consegue divulgar nossas ações, o que a gente tá fazendo no meio rural, as pessoas começam enxergar a gente com outro olhar, e deixa de ver, o rural apenas como lugarzinho lá, seco, de trabalho, enxada, e passa ver o rural como local que vive o jovem desenvolvido, do jovem que pensa, do jovem que trabalha, que resolve ações... (JOVEM 9)

Você tá limitado, ali sem internet, com a internet você consegue aparecer, consegue divulgar, consegue difundir seu trabalho, consegue facilitar, mais o seu acesso, a outras pessoas (JOVEM 10).

Na verdade é uma forma de divulgação do espaço né, é uma ferramenta importante pra que tu de fato possa pegar e compreender o que acontece (...), então pra pegar e divulgar ações que de fato acontecem, a forma como acontece é muito importante (JOVEM 4).

Eu considero que o uso da rede pode propiciar a quem vive no campo um contato com o mundo de forma que ele possa conhecer mais dele e de como ele pode ir muito além, como ele pode ser interessante (JOVEM 1)

Agora tem internet no campo, o jovem fica mais completo, antes o jovem do campo, era tipo, um jeito de caipirão, sabe, agora não mais, agora o jovem do campo tá ligado, na modernidade e tal. Acho que sim, que o pessoal do interior, sabe como que tá agindo, sabe como? Eles tem acesso, né, antes não, quem tinha acesso eram eles gente da cidade, hoje o jovem do campo tem o mesmo acesso que o jovem do urbano, a acessibilidade, da internet, os mesmos direitos (JOVEM 7).

Vale dizer ainda que os dez jovens entrevistados consideram a internet como uma tecnologia positiva e seis deles afirmaram que a forma com que veem o campo também foi influenciada pela visibilidade que alcançam, pela possibilidade de continuar no campo e usufruir de benefícios que só se tinha na cidade, por conseguir enxergar e compreender outras culturas e por possuírem mais informações e conhecimento para aplicar nas propriedades.

Entretanto, existe uma ambiguidade evidente nessas representações, pois ainda que todos os jovens considerem mais aspectos positivos que negativos na internet, é nítida a

consciência que possuem sobre a reprodução de hierarquias e preconceitos, exclusão, anonimato e exibicionismo, como abordado nas seguintes falas:

Ao mesmo tempo [em que é positiva], a gente vê muito jovem que projeta, vendo isso pela rede, uma forma de vida e uma cultura que ele talvez nunca tenha acesso, e isso acaba deixando ele frustrado, se sentindo “diminuído”, de determinada forma (JOVEM1).

Sabendo usar, a gente tendo bem claro assim, tendo consciência das consequências né? Ela é positiva. (JOVEM 2)

[A internet] leva conhecimento pra quem quer conhecimento, ajuda na maldade de quem quer ser mal. [Sobre as desvantagens] Vejo, várias, eu vejo falta de privacidade, vejo, distanciamento de pessoas, vejo informações erradas, e vejo assim, principalmente quando eu olho pra juventude mais nova, de 15, 16 anos eu vejo um vício muito grande na internet, a ponto se você tiver um livro na frente, que tá aberto na parte que você precisa, você ainda vai no Google e procura, buscando um informação errada (JOVEM 5)

[A internet] no nosso município também não é uma realidade presente em todo o território (JOVEM 4).

Depende de cada um saber usar a internet por que ela pode ser um meio de dispersão de mentiras ou de calúnias (JOVEM 3)

Também é importante dizer que todos os jovens pontuaram alguma desvantagem da internet, reafirmando o estudo apresentado por Dias, Doula e Cardoso (2017) de que a juventude enxerga na internet um espaço de divulgação de interesses e demandas, creditando aos espaços presenciais maior confiabilidade e efetividade. Assim, ao perguntar a que tipo de contato eles conferem mais importância, os online ou presenciais, nove jovens disseram preferir os espaços e encontros físicos e um afirmou que eles, atualmente, têm a mesma importância.

Nossa, com certeza presencial é outra vida (JOVEM 5)

Olha, eu prefiro pessoalmente mesmo porque eu acho que é mais fácil de falar e mais fácil de entender que a pessoa quer falar. Às vezes online tem muitas controvérsias muita assim que presencial não tem como né você tá ali, conversa, debate e propõe o que você quer. (JOVEM 3)

A gente olhando no carço do olho é mais bonito né? Eu acho que é por isso, a gente conversar com a pessoa, olhar no olho da pessoa, acho que sentir mais confiança, sei lá (JOVEM 6).

É... Eu prefiro os presenciais, até porque, assim, eu não vejo efetividade nesses encontros que vejo na rede (JOVEM 10).

Mais quando a gente tá cara a cara né? Pra discutir, e de sentir também né? Porque tem muito isso (...) porque acredito que é muito mais válido, quando a gente tá junto com as pessoas, no mesmo local, no mesmo espaço (JOVEM 2).

Essas representações sinalizam que apesar de a internet possibilitar a aproximação com pessoas de distintas partes do globo, expandir os laços de sociabilidade e facilitar a comunicação (CASTELLS, 1999), as relações estabelecidas no ciberespaço ainda são de natureza frágil e despertam desconfiança, impedindo muitas vezes, a efetividade da ação (GAJANIGO E SOUZA, 2014).

Vale lembrar, que as representações observadas nos discursos juvenis levam à compreensão de que a desconfiança e receio em relação à internet não se apresentam como uma exclusividade de jovens rurais, assim como os interesses e funções que atribuem à internet e as noções de tempo e espaço, que estão além da divisão entre rural e urbano, pois se caracterizam como situação/condição geracional compartilhada no mesmo momento histórico (MANNHEIM, 1928), fazendo com que essas gerações dividam uma experiência juvenil sem precedentes (NOVAES E VITAL, 2005).

Por fim, foi possível perceber que a rede, o contato com o mundo, os reafirmam como jovens rurais e reforçam seus processos identitários, ainda que diversas outras identificações façam parte da composição desses sujeitos. Como identificado em diversos momentos das entrevistas, em que os jovens além enfatizarem o orgulho “de suas raízes”, sinalizaram também diversos tipos de interação com o mundo moderno e globalizado. Esse processo reflete então no não reconhecimento dos jovens rurais como atrasados, não tecnológicos, “bichos do mato” e não educados o que impõem ao cenário das representações um momento, ainda inicial, de transição devido à ausência de sentido para os grupos representados e de uma influência midiática, mas que ainda precisa passar por uma desconstrução no imaginário social já cristalizado. Esse caminho perpassa assim, pelo entendimento de que não são apropriações de um modo de vida urbano no campo (FROELICH, s/d), mas a construção de novas ruralidades, adaptadas por diferentes contextos, com características e contradições que são próprias da individualidade de cada cultura.

4.4 ENCONTROS E DESENCONTROS: O JOVEM, A REDE E OS GESTORES

A Rede Jovem Rural, como um coletivo atuante em dimensão nacional e com participantes de praticamente todos os Estados da Federação possui grandes demandas de comunicação mediada por computador, tendo, portanto, seus objetivos facilitados pela capacidade de aproximação da internet e rápida assimilação tecnológica da juventude.

Partindo então da compreensão de que um dos principais objetivos da Rede Jovem Rural é o de identificação (consigo e com os outros) e reconhecimento dos jovens,

entendemos que esses processos perpassam também pelo entendimento das influências tecnológicas que mantêm, após os encontros presenciais, jovens de regiões distintas, com aspectos culturais diversos e ruralidades específicas como um grupo cujos valores, crenças, representações e identidades compartilhadas atribuem a esse coletivo o sentimento de pertença, conectando-os por objetivos comuns.

No blog, assim como nos documentos e nas falas dos gestores é salientada a importância de aproximar os jovens do campo; para tanto a Rede se utiliza das ações presenciais (Jornada e Intercâmbio) e dos ambientes virtuais (blog e Facebook) que funcionam como murais de divulgação, circulação de notícias/informações, comunicação e manutenção de vínculos. Destarte, percebe-se nas falas que, efetivamente, os espaços virtuais da Rede não são locais de apropriação juvenil, ainda que cumpram o papel de “manter a Rede viva”.

Dentre os entrevistados, um jovem disse não conhecer o blog e outro afirmou acessar com pouca frequência – a cada dois meses em média, os demais jovens disseram ter acessado apenas na época em que participaram de um dos eventos presenciais da Rede para se informar ou ver alguma notícia ou vídeo do evento. Vale ressaltar ainda que entre os jovens que acessaram o blog em algum momento, que ele não tem uma representação unívoca, pois se por um lado as falas destacaram sua importância para a valorização juvenil, a divulgação dos eventos e a aproximação com algumas realidades juvenis, por outro, ele se distancia de outras tantas experiências de estar no campo e, além disso, a falta de periodicidade das publicações o tornou pouco atrativo.

Além disso, o blog contraria o que vem sendo discutido sobre a WEB 2.0, não por acaso, chamada também de WEB relacional, que tem como premissa as interações e a capacidade que elas possuem de gerar identificações a partir de uma cultura própria estabelecida nas conexões em rede. Ao dispor na internet um grande volume de informações e proibir os comentários, o blog retoma o paradigma informacional que é caracterizado a passividade dos sujeitos, tirando a fala dos jovens da centralidade do discurso também no ambiente online. Nesse sentido, o blog da Rede vinha atuando na contramão do avanço tecnológico e comunicacional, que possibilita aos usuários papéis simultâneos de ator e espectador.

O blog, como analisado no capítulo 2, aborda temáticas importantes que poderiam ser mais discutidas entre os jovens por meio de um espaço virtual onde os jovens fossem estimulados a participar com publicações periódicas, mais chamativas e dinâmicas. Sobre esse aspecto, os gestores da Rede sinalizam que a falta de dinamicidade do blog é atribuída à falta de pessoas que se dediquem ao espaço virtual, pois os esforços são concentrados anualmente

nos encontros presenciais e o ambiente virtual fica em segundo plano. Com isso, a Rede passa por um momento de *stand-by* com a finalização dos eventos, como demonstra a fala do gestor 2.

Não há, não houve por parte da Rede um planejamento, pra se oferecer, se dispor de conteúdos periodicamente, e aí as instituições acabam se concentram nas suas próprias ações, e acabam não pensando enquanto Rede o ano todo, porque que tem mais posts, mais publicações em anos de jornada, de intercambio, pois se produz conteúdo, pois se ta produzindo conteúdos naquele período e se socializando, quando se deve ir nesses eventos, ta produzindo conteúdos, e se socializa, eu reconheço isso como uma falha, uma falha nossa (GESTOR 2).

Ainda segundo o gestor 1, quando o blog foi criado a internet ainda não era tão popular e ainda não se tinha a facilidade das conexões móveis, “então apesar do blog ser para o jovem, para falar com o jovem, ele acabava sendo um espaço institucional da rede”. Acrescido a tal colocação, o gestor pondera ainda que a participação dos jovens nas redes é estatisticamente baixa, a exceção dos temas polêmicos, mas apesar disso haviam no blog alguns poucos comentários, porém devido ao ataque de hackers, foi preciso fechá-los. “Mas nessa época o Facebook já estava bombando, então a gente achou que não ia fazer falta” (GESTOR 1).

De fato, todos os jovens disseram acompanhar a comunidade no Facebook e a interação, nesse caso, acontece por meio das curtidas e comentários. Vale, contudo, dizer que ainda que o Facebook ganhe espaço tanto na fala dos jovens como dos gestores como um espaço de interação, socialização, comunicação e manutenção do “convívio” entre os participantes, ao observar as interações estabelecidas, nota-se um ambiente pouco dinâmico, que apesar de ter um número de curtidas razoável nas publicações, encontram-se poucos comentários e, no tempo observado, nenhuma discussão que merecesse destaque e gerasse debates importantes entre os membros da comunidade. Raros também são os assuntos compartilhados por algum jovem participante. Desse modo, ele funciona como uma reprodução do blog, mas que devido à maior popularidade, teve maior repercussão e aceitação.

Destarte, é importante ressaltar que mesmo diante de uma comunidade online pouco participativa o ciberespaço é, tanto para os jovens como para os gestores, representado como de construção e manutenção de vínculos.

Eu vejo uma evolução muito positiva (...) efetivamente, acho que o jovem se apropria da rede num ambiente online quando a gente vê esse aumento no número de acessos a internet no país e com a popularização do Facebook,

com a popularização Youtube, do WhatsApp e aí sim, de dois anos pra cá eu vejo o jovem efetivamente se apropriando disso e estando presente e participando através das redes sociais. O Boom das redes sociais foi o que propiciou que essa rede online fosse algo viva, a própria Rede Jovem Rural (GESTOR 1).

A internet ela é fundamental, ela acaba se tornando a principal ferramenta, que é constante no processo, porque os eventos acontecem uma vez por ano, mais através das redes sociais, os canais de comunicação, a gente interage diretamente depois do evento, antes do evento e eternamente, essas pessoas passam a dialogar (...) Não se faz a Rede com dois eventos anuais, um evento anual, então a comunicação, as redes sociais é o que permite, e isso já extrapolou os limites, começou com o Facebook, talvez a mais popular, só que hoje a gente tem o número pessoal, tem o número da casa da pessoa (...)A gente vai criando nossos, é rede de fato tem um pontinho da rede aí, que simplesmente me acolhe, ou eu acolho aqui, porque nós defendemos o mesmo ideal de mundo, isso é sagrado, é laço que sei lá, é inexplicável né? As vezes a pessoa é completamente estranha, não sabe nada sobre ela, em tempo de pessoal, pessoalmente falando, da vida pessoal, mais não importa, o ideal de mundo, ele une com um vínculo sanguíneo, isso é muito louco, mais é muito bonito também (GESTOR 2)

Além da internet, também tem o Facebook né, então tu acaba mantendo contato com as pessoas que vieram participar né (JOVEM 4).

Eu acredito que assim como eu que as pessoas que estão ali [nos espaços virtuais], elas se sente dentro da Rede como se fizesse parte da Rede de alguma forma, tá ali contribuindo de alguma forma pra Rede. Eu creio que a internet é uma ferramenta assim, que são inúmeras os espaços de debate da juventude, dentro da internet (JOVEM 9).

Nesse cenário, ganham relevância ainda a compreensão dos jovens 2 e 10, de que apesar de ser um espaço de possibilidades para a construção efetiva de debates e laços entre os sujeitos, a Rede, assim como os jovens, não têm se apropriado desse canal de modo eficaz.

É o Facebook seria uma ferramenta importante pra permanecer esse vínculo mais ele não, não acontece né? (...) porque os gestores não estão né? (...) Porque fica pra eles é só aquele momento. E é interessante ter esse vínculo. O Facebook, ele tem a página da rede jovem, ele tem essa função, de divulgação, porque não há debate, porque quando há uma matéria lá que alguém começa um debate (...) ninguém continua. Fica aquela coisa morta. As pessoas só sabem elogiar, a que bacana, que legal, não que isso não seja, interessante, não seja legal, mais vai além disso, a gente tem que conversar sobre algo... (JOVEM 2)

Eu vejo que assim, a rede em si, ela não trabalha em rede, porque ela não liga as pessoas, trabalha mais com o canal de divulgação, não de, de socialização né?! Os encontros tudo bem, mas os espaços virtuais deles, eu não vejo como socialização não, é como você disse as postagens são espaçadas, e as postagens não envolve muito as pessoas, eles têm alguns temas, interessantes pro meio rural, mas não faz a ligação entre pessoas, não gera, sei lá, uma enquete, alguma coisa, um debate, nada disso acontece (JOVEM 10)

O gestor 2 corrobora essas percepções quando por meio do seu discurso assinala que a Rede Jovem Rural poderia aproveitar melhor o ambiente online

Nenhuma das instituições parou pra usar o espaço da internet com espaço mesmo de debate, acaba que lá a gente discute muito nossos temas, nossas pautas, não é como alguns, por exemplo, grupos de Whatsapp, tem grupo que debate a atual conjuntura política do país (...) Lá nos espaços da rede eles não debate muito assim, a gente discute muito nossa pauta, nosso conteúdo, e isso é pouco, daria pra se promover outro debate, daria pra se colocar inquérito, daria pra se ouvir mais ideia, então isso eu me enxergo como perspectiva, como algo que ainda dá pra se fazer, algo que ainda dá pra se aproveitar, algo que ainda dá pra se avançar, entendeu? Eu encaro como perspectiva, não é o suficiente ainda... (GESTOR 2).

Desse modo, um aspecto contraditório sobre o ambiente virtual da Rede é que ao mesmo tempo em que ele é identificado tanto pelos gestores como pelos jovens como propício à manutenção de laços fracos e frutífero para construção de debates, os gestores, não demandam atenção necessária à construção de um ambiente interativo e os jovens, por sua vez, não se sentem estimulados a tal participação, resultando no baixo acesso ao blog e na pouca interação entre os membros da comunidade no Facebook. Nesse contexto, o gestor 1 salienta como uma das dificuldades enfrentadas pela Rede a sensibilização e mobilização dos jovens, que fica restrita às ações presenciais

A gente tem picos quando essas ações acontecem, mas, por exemplo, agora (...), a gente não tem nenhuma ação em vista essas discussões, essa rede que se forma entre os jovens ela não fica tão aquecida. Então acho que tornar as discussões, tornar o diálogo sempre aquecido é uma dificuldade que a gente tem (GESTOR 1).

Isso poderia ser minimizado por meio do ambiente virtual da Rede devido à capacidade da internet de circular informações e alcançar e mobilizar pessoas com rapidez. Por outro lado, os encontros presenciais são o principal ponto de encontro entre as representações expressas no blog, nos documentos, nas falas dos jovens e dos gestores que veem a Rede como um sinônimo de oportunidades, reconhecimento de direitos, identidade e valorização do jovem e do campo.

Os encontros presenciais são o que de fato definem a Rede no imaginário dos Jovens e dos gestores e de onde surgem as demandas por novos temas a serem discutidos, bem como as proposições expressas nos documentos e as temáticas a serem abordadas no blog, que tem como finalidade contribuir com o processo de identificação desses jovens com o campo e com outras juventudes rurais, seja por meio das experiências divulgadas no blog e das possibilidades que ele apresenta para a agricultura abordando temas como agricultura

orgânica, sustentabilidade, agricultura familiar e tecnologias alternativas, ou ainda no reconhecimento da juventude como ator do desenvolvimento rural contemporâneo como evidenciado nos documentos, que são resultados desses encontros, fazendo com que os jovens se reconheçam como parte de uma mesma realidade, ainda que com especificidades distintas. Assim, na visão do gestor 1, a principal contribuição da Rede é:

Eu acho que a principal contribuição da Rede eu acho que é no sentido de formação de identidade desse jovem. Muitos jovens, o Brasil é um país imenso, com realidades muito variadas e, muitas vezes isoladas. Muitos desse jovem quando percebem que existem milhares de jovens, milhões de jovens espalhados pelo Brasil, às vezes com dificuldades similares, as vezes com realidade próxima ou realidades completamente diferentes, acho que a gente, através da Rede dá um sentido de identidade a esse jovem rural, ele se percebe como jovem rural, entendeu? (GESTOR 1)

Ainda para o Gestor 2, a Rede cumpriu seu propósito que era o de aproximar juventudes distantes, despertar uma identificação entre elas

É inicialmente é quebrar o isolacionismo, era aproximar gente diferente, em prol de um projeto maior, eu acho que ela conseguiu isso, ela hoje, o legado tá vivo, independente de qualquer coisa, aproximou gente diferente, aproximou as instituições distintas, em prol do jovem rural, entendeu, e o que ela queria era isso, e ela conseguiu, então essa semente que foi plantada, vai muito mais, vai muito além dos eventos da rede, virou parte da missão de mais de duas mil pessoas espalhadas pelo país, todas que viveram a experiência, acho que são comprometidas com o ideal de um mundo diferente, então a rede ela cumpriu o seu papel, cabe a cada um de nós não desistir... (GESTOR 2)

E esse é mais um ponto de concordância entre jovens e gestores, uma vez que, em algum momento das entrevistas todos dos jovens evidenciaram a troca de experiências e o contato com o outro como contribuição fundamental da Rede, o que será melhor explicado no tópico seguinte. Nesse contexto, foi possível perceber ainda que o que mantém a Rede como uma comunidade no ciberespaço, é de fato o legado que ela deixa na memória desses jovens, construídos exclusivamente nos momentos de interação presencial; assim, os laços mantidos no ambiente online se perpetuam pelas concepções de mundo em comum, resultado de seus contextos individuais e da experiência compartilhada na Rede Jovem Rural que permite identificações como um mesmo universo de referências.

4.5 A REDE JOVEM RURAL NA PERSPECTIVA JUVENIL

Para os jovens, falar das experiências compartilhadas em Rede foi o momento mais fácil e descontraído das entrevistas. As respostas fluíam com certa emoção e os relatos

deixavam nítida a importância daquele momento na vida dos participantes. Assim as repostas à pergunta “*gosta de participar da Rede? Pretende continuar?*” vinham, quase sempre, precedidas de um sorriso e um sonoro “*com certeza!*”. Assim mais uma vez, é importante mencionar que todas as referências se voltam aos espaços e experiências presenciais nos quais os jovens destacam o contato com outras realidades e culturas, a oportunidade de conhecer outras regiões, outras formas de produção e manejo e a realidade de outros jovens, como verificado nos relatos que seguem:

Com certeza! Pretendo sim porque a oportunidade que eu tive de tá indo lá, de tá conhecendo outras regiões outras culturas, outra forma, outra realidade, com certeza tipo assim se eu pudesse ter mais oportunidade de tá convivendo de tá participando mesmo com certeza eu gostaria sim (JOVEM 3)

Sim, sim. Porque é um contato com outra realidade né, até então a gente conhecia, a gente teve contato com os jovens que participavam do programa que eu fazia a formação né, mas que eram do sul do estado do Brasil, e, até então. Tanto a jornada quanto o intercambio ele te abre um espaço pra tu pegar e conseguir tentar enxergar o mundo de outra forma, porque até então eu experiência própria né o sul tem muito assim nordeste, sol, ate muito porque assim o que a mídia transmite né, a historia do pré-conceito né, quando tu pega e acaba criando rótulos assim sobre alguns espaços assim né, aí tuter o contato, tu vivenciar cada uma das etapas e tu perceber que nem tudo é como tu julga né, então foi muito bacana a oportunidade fez com que eu tivesse contato com outras pessoas e eu pudesse pegar e rever meus conceitos de algumas coisas que eu julgava e eu não sabia de fato a realidade (JOVEM 4)

Com certeza, a jornada foi uma experiência incrível, participar do evento, foi uma experiência que eu levei pra minha vida, com certeza estarei presente de novo no intercambio, na jornada (JOVEM 8).

A oportunidade de trocar experiências, tanto políticas, quanto culturais com outros jovens, de outros movimentos foi algo que empolgou a todos. Em espaços como o da Jornada você conhece gente do Brasil inteiro, é um momento de troca incrível (...) Conhecer as experiências de outros jovens que deram certo, saber da atuação de outros movimentos, são coisas que motivam a gente a querer fazer alguma coisa no nosso movimento (JOVEM 1).

Foi uma das melhores da minha vida... Com certeza, gostaria de ir em vários, então já imaginava que seria bom, e foi muito bom, nunca pensei que eu ia pra lá conhecer o Rio de Janeiro, conhecer novas pessoas, tipo, ver o costume de outras pessoas sabe (JOVEM 7)

Além disso, a Rede por meio do contato com outros jovens rurais, permite o reconhecimento de uma mesma condição juvenil e conseqüentemente, o fortalecimento das identidades

[A Rede] tenta mostrar mesmo, essa valorização do campo, passar pra gente a mensagem que cada vez mais a gente deve valorizar o lugar de onde a gente veio (JOVEM 9)

Eu acho que assim, por mais que sejam diferentes, localizações, diferentes condições, diferentes tipos, de cultivos, ou trabalhos... Todo rural é igual. Ele, ele é diferente, mais, eu não sei te dizer como que é diferente e igual. Eles, todo mundo do campo, tem a essência, tem a simplicidade do campo, é isso, que todas as juventudes são iguais (...) Até hoje, assim, o que eu mais valorizei na juventude rural foi a vontade (JOVEM 10).

E ao despertar essa percepção no jovem, a Rede criou em torno de si uma imagem de valorização e defesa da juventude, bem como de aproximação e diluição das fronteiras entre os jovens rurais desse país continental, cumprindo um dos principais objetivos expostos no blog, nos documentos e como verificado na fala dos gestores

É contribuir pro protagonismo da juventude, isso cabe em tudo que eu pudesse dizer pra você, isso ai cabe a ressignificação do espaço do campo, o desenvolvimento e reavaliação das identidades, do isolacionismo, a reflexão sobre projeto de vida, sobre empreendedorismo rural agrícola, tudo passa a conceber a juventude como parte da solução, e não como parte do problema, conceber o jovem como sujeito de direito portadores de capacidade, capazes de transformar a sua vida, a sua comunidade, seu município, seu estado, e seu país...O protagonismo da juventude é respeitar o jovem, respeitar o jovem como sujeito de mudança, sujeito de transformação, isso a rede sempre fez, isso a rede sempre vai colocar em primeiro plano, entender que co o jovem pode vim a solução, isso nem o governo conseguiu pensar assim... (GESTOR 2)

[A Rede] é uma oportunidade única de encontro de outras realidades desse nosso imenso Brasil que se não fosse a Rede jamais esses jovens poderiam se expressar (GESTOR 3)

E nas representações juvenis

Eu acho que um espaço de oportunidades pro jovem assim né, justamente pela questão da troca principalmente (...) tu pegar e conhecer uma realidade rural de outro estado é muito bacana (JOVEM 4)

Pra mim a rede jovem significa... Ai como eu te explico, é como se fosse alguma coisa que ainda acredita no jovem rural e tá tentando de alguma forma contribuir, resgatar o que ainda resta (...) simboliza tudo isso de resgate e essa valorização do jovem rural, eu enxergo como isso, como um resgate, como uma mão que tá sendo estendida, assim que eu enxergo a rede (JOVEM 5).

A rede serve pra unir as pessoas (JOVEM 7)

[A Rede] Significa espaços de oportunidades, transformação de vida... Formação, e acima de tudo um local onde o jovem pode mostrar o seu potencial de protagonista (JOVEM 9).

Nesse cenário, destaca-se que as representações em torno da principal contribuição da Rede para os jovens são: o incentivo à permanência no campo, o estímulo ao

empreendedorismo, representação juvenil, aproximação entre jovens, protagonismo, formação e valorização. E essas representações, por sua vez, sinalizam duas questões relevantes: a primeira diz respeito ao diálogo estabelecido com a literatura recente sobre juventude rural de que o campo deve ser enxergado para além da unidade produtiva, como um espaço de vida permeado por construções simbólicas, onde os sujeitos rurais se sintam bem e tenham acesso a infraestrutura (AMORIM, 2014); a segunda está relacionada ao feedback dos jovens que nas entrevistas evidenciaram mais questões positivas que negativas em relação a sua atuação.

Percebe-se assim que a Rede é um espaço de ampliação de horizontes, que proporciona aos jovens, como eles mesmos disseram, experiências únicas. Desse modo, é oportuno destacar a ação da Rede no contexto da Extensão Rural, que reconhecidamente, inclusive por órgãos internacionais, cumpre um papel fundamental nos processos de valorização, reconhecimento, visibilidade, aproximação e pertencimentos juvenis em âmbito nacional. Para mais, faz-se necessário dizer que ainda que seja visível nos documentos e no próprio blog a orientação de um discurso que, no limite, é marketing empresarial, como abordado no capítulo 2, a Rede tem ao longo dos seus 15 anos de história, feito parte do processo de construção dos jovens rurais participantes e, não por acaso, 8 dos 10 entrevistados afirmaram se sentir parte dela, mesmo tendo participado de apenas um evento.

Essa afirmação repercute ainda na capacidade que as conexões em rede e as comunidades online têm de aproximar os fisicamente distantes e manter um universo de referências por meio dos conteúdos simbólicos compartilhados nas interações, uma vez que, após os encontros, o único contato entre esses jovens passa a ser virtual, devido à abrangência das ações Rede. Esse contato, como observado nas entrevistas, tem acontecido principalmente por meio das redes sociais, que como observado por Souza (2011) fazem parte de uma realidade irreversível na vida juvenil contemporânea.

Desse modo, ainda que as discussões no ciberespaço ainda não tenham alcançado o mesmo patamar dos encontros presenciais, que hajam inúmeras desconfianças e formas exclusão, as TICs proporcionaram a essas “gerações tecnológicas” um experiência diferente, onde tempo e espaço não são condições limitantes, as fronteiras são mais tênues e os espaços sociais são também virtuais; com isso os discursos ganham novos interlocutores, o que por si só, já presta um grande serviço ao que Marques (2006) chamou de conversação civil.

As representações encontradas nos sinalizaram ainda que, para além das intenções do discurso institucional relacionadas à imagem de uma empresa, aquilo que sua superficialidade busca alcançar (a ideia de valorização do campo e das juventudes) encontram respaldo nas compreensões juvenis e, como observado nas falas, compõe o universo de representações dos

participantes, o que reafirma a capacidade da ação discursiva de agir sobre o outro e a sua efetividade em orientar as construções do imaginário (MAINGUENEAU, 2004).

Para mais, vale dizer que as representações corroboram também a tese de Paulo (2011) de que o campo, muito além do espaço produtivo, é um “lugar de vida” a partir do qual são construídas as referências identitárias e valorativas, que fazem com que os jovens se reconheçam e se reafirmem diante do contato com o outro.

Também, como foi abordado no capítulo 3, é inegável a influência das tecnologias da informação e comunicação sobre as representações juvenis, uma vez que eles são familiarizados com uma nova forma de ser na sociedade, pautados por outras regras e dotados de uma cultura específica; no entanto, como baliza Redin (2015), o contato como mundo globalizado é também uma possibilidade de reafirmação da identidade social.

Por fim, retomando a necessidade de se interpretar as representações sociais de acordo com os contextos em que elas se ambientam (PESAVENTO, 1998), percebe-se o imaginário deste grupo de jovens muito vinculado ao ambiente que se inserem. Os sentimentos enaltecidos sobre o campo bem como a construção das identidades não são fruto apenas dos encontros anuais da Rede e dos laços fracos estabelecidos nos espaços virtuais, eles perpassam antes pelo papel que as instituições associadas têm na formação desse grupo.

5 ALGUMAS REFLEXÕES...

Essas reflexões apesar de representarem o fim de um ciclo, não pretendem ser limitantes à compreensão do leitor, haja vista que o mais instigante e desafiador da produção acadêmica é justamente a possibilidade de estabelecer debates e os diálogos a alcançar, por isso, não são considerações finais, são na verdade, algumas reflexões.

Ao dar início a essa investigação ao certo não tinha em mente os caminhos percorridos até aqui, que além da pesquisa perpassaram por construções pessoais e profissionais. E, como dito em algum momento desse texto, ao mesmo tempo em que a dissertação se construía, ela construía junto uma pesquisadora. E assim, esse processo se apresentou de forma árdua e prazerosa, com dificuldades e descobertas incríveis.

Deste modo essa pesquisa começou a ser gestada desde as primeiras discussões oportunizadas pelo Observatório da Juventude Rural – UFV na qual a pesquisadora se debruçou sobre tal temática e a partir da literatura surgiram alguns incômodos. Entre eles a descoberta de uma lacuna sobre as relações estabelecidas entre as juventudes rurais e as tecnologias da informação e comunicação, instigando o trabalho apresentado.

Buscou-se então, com esta dissertação mapear além da influência das TICs nas representações dos jovens participantes da Rede Jovem Rural, as representações vigentes sobre o campo e a juventude rural. No entanto, há de se considerar que a Rede, como uma comunidade mista, com espaços presenciais e online, possuem, nas representações juvenis universos distintos. Para tanto, foi primeiro necessário compreender o discurso da Rede no ambiente online (representações e intencionalidades) que se deu principalmente a partir da análise do blog e dos documentos dispostos na internet, como os relatórios da Souza Cruz e as Cartas das Jornadas para, então, compreender nos discursos juvenis as influências da Rede e da internet como canal de aproximação e diálogo com outros universos referenciais. E, a partir dos atores discursivos (a Rede e os jovens), o exercício é, de forma sucinta, trazer ao debate algumas considerações, ainda que seja quase impossível reduzir as representações de grupo às últimas reflexões de um trabalho.

A literatura nos últimos anos tem sido, de maneira geral, otimista as perspectivas da internet, devido a introdução de novos atores sociais, a redução das distâncias e encolhimento do tempo, a possibilidade de multipertencimentos e expansão dos diálogos em escalas globais. Nesse sentido, a internet estabelece de maneira muito natural uma proximidade com o universo juvenil a partir da rápida absorção das novas formas de sociabilidade, hábitos e costumes que são adaptáveis as distintas experiências e estilos de vida juvenis.

E é fundamentado nessa premissa que a Rede Jovem Rural se lança no ciberespaço, buscando estabelecer um diálogo próximo com as juventudes rurais. No entanto, como demonstrado no primeiro capítulo as tecnologias de informação e comunicação ao alterar as dinâmicas sociais e os fluxos culturais, coloca também em cena um novo sujeito, integrado ao ambiente tecnológico, receptor e produtor de conteúdos e informações, no qual a partir do axioma de que a internet permite a criação de uma inteligência coletiva (LEVY, 1999) permite-se também a ampliação da capacidade de reflexão do indivíduo, por meio de um espaço cada vez mais interativo e comunitário.

Contudo, como contemplado no capítulo 2, o Blog da Rede apesar do intuito de “falar para e com o jovem” se tornou basicamente uma página institucional, onde estão expostas as atividades e a história da Rede, além de possuir um mural, em que a principal finalidade é divulgar suas ações presenciais. Além disso, o blog é usado como estratégia para que a Rede possa enfatizar sua importância na “defesa da causa da juventude rural e do protagonismo juvenil”, discurso esse também encontrado nos documentos analisados.

Nesse contexto, a forma com que o blog se apresenta, no limite, sinaliza o fortalecimento do discurso empresarial no qual chama atenção o marketing. Não por acaso, as temáticas escolhidas para o blog são relacionadas à sustentabilidade, produção orgânica e agroecológica, agricultura familiar e valorização dos mercados e feiras regionais em que a orientação do discurso final está mais para a ideia de responsabilidade empresarial e menos para promoção de uma juventude rural autônoma. Como essa opção, a Rede afasta os jovens do ambiente online que segue na contramão do desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação, uma vez que as possibilidades e dinâmicas da internet oferecem uma mídia cada vez mais colaborativa promovendo ambientes cada vez mais propícios a interação e ao diálogo e um blog que só funciona com mural de informações fica obsoleto.

Além disso, o Facebook, que pela própria dinamicidade de uma rede social poderia cumprir o papel de dialogar a Rede e os jovens, tornou-se uma reprodução do que é encontrado no blog, com poucos comentários, baixa participação e nenhum debate considerável no tempo observado. Contudo, ainda que os jovens pouco acessem o blog e mantenham a comunidade no Facebook apenas para se atualizarem sobre o que vinha acontecendo na Rede, as representações sobre a internet são, em maioria, positivas.

Há entre os jovens o consenso de que a internet é um espaço de divulgação e visibilidade para o campo, que amplia horizontes, facilita a comunicação e a manutenção dos vínculos (com destaque para o WhatsApp que tem sido um facilitador da comunicação instantânea), além proporcionar outras formas de conhecimento e fontes de informação. No

entanto, ainda que ela seja um universo de possibilidades, foi possível perceber também que as tecnologias comunicacionais estão longe de uma representação unívoca entre os jovens, pois mesmo que os aspectos positivos prevaleçam, também foram associadas à internet a reprodução de desigualdades, falta de acesso, falta de privacidade, distanciamento das relações mais próximas, comodismo e manipulação de notícias, a falta de efetividade das ações no ciberespaço, bem como a prevalência de laços fracos e, embora as conexões em rede sejam altamente importantes para a visibilidade de novos atores em um debate rápido e ampliado, a percepção dos jovens dessa pesquisa é a de as reivindicações e atos de mudança ainda são característicos dos espaços públicos tradicionais e dos contatos “face a face”.

Ainda sobre as relações estabelecidas com o ambiente virtual, fica nítido que o contato com outros universos de referências, a possibilidade de contato com o mundo globalizado, de conhecer outras culturas e uma infinidade de pessoas, propicia a essa geração de jovens a experiência do multipertencimento, com identidades não acabadas e constante renegociação dos papéis sociais, porém com os jovens dessa pesquisa, entende-se que esse é também um processo de reafirmação identitária, valorização da cultura e de seus modos de vida o que foi percebido na afetuosidade com que, ao longo das entrevistas, ele se referiam ao campo.

Nesse cenário, o campo é visto como um espaço de vida, no qual os jovens se reconhecem por meio de suas identificações com a terra, o trabalho, a natureza, a família e ainda projetam o futuro. Desse modo, mesmo envoltos as inúmeras dificuldades que fazem parte do cotidiano desses jovens como as representações pejorativas que incomodam as populações rurais, a incredibilidade recorrentemente associada à juventude que dificulta o acesso ao crédito e a terra, a falta de oportunidades para permanecerem no campo, as hierarquias familiares e a falta de opções de lazer e educação, há um universo simbólico que aproxima os jovens do campo e os diferenciam de outras juventudes, fortalecendo os vínculos de pertencimento com espaço rural, inclusive entre aqueles que atualmente residem na cidade. Nesse contexto, ainda que ser jovem rural seja também lidar com desafios e contradições evidencia-se nas representações o sentimento de orgulho e valorização que estiveram presentes durante as entrevistas, bem como as emoções que marcaram alguns momentos dessa pesquisa.

Também é importante destacar que as instituições associadas à Rede têm grandes influências nas representações expostas pelos jovens uma vez que elas têm um histórico de atuação e valorização das juventudes rurais, além disso, percebe-se nos gestores (que representam essas instituições) um envolvimento que não perpassa pelo discurso empresarial

que se entrecruza ao da Rede, mas que são diretamente relacionados ao trabalho desenvolvido em cada uma das instituições e levam para a Rede Jovem Rural um projeto bem definido em seus campos de atuação, contudo, como a gestão da Rede está submetida a uma lógica empresarial, ao mudar a diretoria do Instituto Souza Cruz, mudam-se também as prioridades desse projeto.

Além disso, é importante sinalizar que dois gestores, no decorrer das entrevistas sinalizaram alguns problemas financeiros na manutenção de Rede o que impediu a organização dos eventos previstos para esse ano (2017), o que não influenciaram o andamento da pesquisa tendo em vista as observações foram feitas pela internet, no entanto, na fase de finalização da redação da dissertação tanto o blog quanto a comunidade no Facebook, foram “retirados do ar” não sendo possível saber se é o fim do projeto, ou apenas um momento de reestruturação.

Mas, apesar dessas adversidades, nota-se que a Rede tem, na visão dos jovens e gestores, cumprido com seus principais objetivos que são: aproximar as juventudes rurais, proporcionar trocas de experiências e atuar na formação identitária fazendo com que jovens de regiões distintas se reconheçam como jovens rurais mesmo em meio a tantas diferenças. Fazendo com que ela se torne uma experiência única na memória desses jovens, o que reflete nas representações positivas expressas nas entrevistas.

Porém não se pode deixar de dizer, que nesse universo de contradições, onde se destacam dificuldades diárias e ainda assim, mais representações positivas que negativas, as necessidades juvenis se expandem em busca de melhores condições de permanência no campo e, esse, talvez seja o maior cenário de atuação da Rede, que a partir de uma compreensão sobre o protagonismo juvenil e cidadania características do terceiro setor, vê no vínculo que esses jovens possuem com seus contextos, identidades, comunidades e instituições de origem, uma estratégia discursiva que faz emergir em seus documentos, encontros e espaços virtuais, uma juventude que é protagonista da mudança, cada vez mais reivindicativa e cujas demandas transcendem a infraestrutura básica, a terra e a produção e incluem cada vez mais perspectivas para a educação, lazer, esporte, cultura e tecnologias de informação e comunicação, fazendo surgir assim, o “sujeito de direitos” que a Rede assume como propósito colocar em evidência por meio de um discurso questionável que esvazia o significado do protagonismo juvenil. Dessa forma, foi possível perceber que o jovem da Rede é “um novo ator social” não porque é, de fato, protagonista de suas falas e ações, mas porque passou a ser objeto de projetos que entendem cidadania e protagonismo como parte dos conteúdos educacionais.

Por fim, é importante dizer que toda escolha metodológica encontra no decorrer de sua execução limites e pontualidades, ao optar por uma imersão netnográfica em uma Rede cujos investimentos são captados por um Instituto que leva o nome de uma grande empresa fumageira e que busca a melhor imagem de mercado tínhamos a consciência de que ainda que os materiais estivessem dispostos na internet, só nos seria permitido investigar a superficialidades dos discursos, assim como nas imersões etnográfica em grupos presenciais que nunca são inteiramente dados ao conhecimento do pesquisador.

Ademais, aqui estão as representações de um grupo específico, que além de estarem em uma rede de jovens estão também assistidos por suas instituições que são também construtoras de suas representações. E, principalmente, por se tratar de um estudo de caso, precisamos ser cautelosos quanto a algumas generalizações que podem ser mais teóricas que empíricas. Ainda sobre as limitações vale dizer que as representações sociais não são facilmente apreendidas e não se valem de determinações, portanto encontram-se aqui as interpretações dos conteúdos da internet e dos diálogos estabelecidos ao logo dessa construção.

Nessa perspectiva, abrem-se os horizontes para novos debates que busquem entender as influências das tecnologias da informação e comunicação, em especial a internet, entre jovens rurais, ainda tão pouco discutidos na literatura. Pois entende-se que elas podem inferir em diversos cenários que não só os da interação e sociabilidade, mas que na mesma proporção alcancem seus contextos e relações cotidianas. À vista disso vale dizer que este é um campo de pesquisa em aberto e permanece a necessidade de compreender outros grupos e contextos com históricos políticos, sociais e culturais distintos e como isso reflete nas representações.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Nº 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997.

ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do Capitalismo Agrário em questão. São Paulo. Anpocs, Unicamp, Hucitec, 1992. “Uma nova extensão para a agricultura familiar”. In: **Seminário Nacional De Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília, DF, Anais, 1997, p. 29

AMORIM, R. Mesa de abertura. In. **I Seminário Juventude e Políticas Pública. Juventude rural e políticas públicas no Brasil /** Marilda Aparecida de Menezes, Valmir Luiz Stropasolas, Sergio Botton Barcellos, organizadores. – Brasília : Presidência da República, 2014. 268 p. : il. – (Coleção juventude. Série estudos ; n. 1) Co-edição com o NEAD/MDA e IICA.

ANJOS, F. S. dos; CALDAS, N. V. De la medida de lo rural a lo rural bajo medida: un estudio sobre representaciones sociales. **Cuadernos del Cendes**, año 31, n. 86, may.-ago. 2014.

ARAÚJO, R. de P. A.; PENTEADO, C. L. C.; SANTOS, M. B. P. dos. Sociedade Civil e a eParticipação em Políticas Públicas: o Índice de Participação Política e Influência (IPPI) do Instituto Pólise do Portal Mobilize Brasil. **38º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, outubro de 2014. Disponível em : <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1272%3A-anais-do-encontro-gt-e-spg-&catid=1214%3A38-encontro-anual-da-anpocs&Itemid=456> Acesso em: jun, 2016.

ARIES, Philippe. **A história social da criança e da família**. LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, Rio de Janeiro, RJ—1981.

ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, Nov. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100742002000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 Oct. 2016.

BASTOS, F. de O. S.; LIMA, F. P.; NEIVA, R. C. S. A perspectiva relacional das redes sociais no contexto da comunicação organizacional. In: **Congresso brasileiro científico de comunicação organizacional e relações públicas – V ABRAPCORP 2011**, 5., 2011, São Paulo. Anais... São Paulo: Abrapcorp, 2011. 14 p. Disponível em: Acesso: 27 fev. 2017

BUAINAIN, A. M.; ROMEIRO, ADEMAR, R. GUANZIROLI, C. Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 5, nº 10, jul/dez 2003, p. 312-347

BAUER, M. W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas** / Zygmund Bauman; tradução José Gradel. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Trad. Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BRAGA, A. Novos ambientes, velhas questões: gênero e classe na cibercultura feminina. **35º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, outubro de 2011. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=438%3Anais-do-encontro-mrs-gps-sps&catid=62%3A35o-encontro&Itemid=353>

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília: MDA, 2004.

BORDENAVE, J. E. D. **O que é comunicação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. 1 ed. São Paulo: Martins Editora, 2009. 112 pp. ISBN 978-85-6163-511-4

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CANAL RURAL. <http://www.canalrural.com.br/noticias/rural-noticias/aceso-internet-por-meio-celular-cresce-campo-59853>.

CÂMARA, M. A. TIC's para o desenvolvimento na zona rural: uma política necessária. **Anais da IV Conferência ACORN-REDECOM**, Brasília, D.F., May 14-15th, 2010. Disponível em: <<http://www.acorn-redecom.org/papers/camaraacornredecom2010.pdf>> Acesso em 09 de out 2017.

CAMPANHOLA, C.; GRAZIANO DA SILVA, J. Desenvolvimento local e a democratização dos espaços rurais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, v. 17, n. 1, p. 11-40, 2000. Sorj e Guedes (2005).

CANCLINI, Néstor García. Diferentes, desiguales o desconectados. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, núm. 66-67, p. 113-133. Ano 6, Número 15, mayo-agosto de 2004.

CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena S. **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: Edusp, 1995.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, M. J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 11, outubro 1998: 53-75. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/135/131>> Acesso em 11 de out. 2016

CARMO, M. S. do. A produção familiar como Locus ideal da Agricultura Sustentável. **Agricultura em São Paulo**, v. 45, n. 1, p. 1-15, 1998.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Palestra proferida por Manuel Castells como lição inaugural do doutorado sobre a sociedade da informação na Universidade Aberta da Catalunha.** Disponível em: <<http://blogacritica.blogspot.com.br/2014/12/manuel-castells-internet-e-sociedad-rede.html>> Acesso em: mar, 2017

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. A sociedade em rede: do conhecimento à ação política. **Conferência promovida pelo Presidente da República no Centro Cultural de Belém.** Belém, mar. 2005.

CASTRO, E. G. de; Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Rev.latinoam.cienc.soc.niñez juv** 7(1): 179-208, 2009. Disponível em<<http://www.umanizales.edu.co/revistacinde/index.html>> Acesso em: 02 de ago. 2016.

_____. **Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural.** 2005 380 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PPGAS/UFRJ, 2005.

_____. Juventude rural no Brasil: Processos de exclusão e a construção de um ator político. **Rev. Latinoam.Cienc.Soc.Niñezjuv.** n. 7,v. 1, p.179-208, 2009.

_____. Juventude Rural "Mais Que Uma Palavra" - uma problematização da construção de categorias sociais. In: MOREIRA, J. R. ; BRUNO, R. (Org.). **Interpretações, Estudos Rurais e Política.** Rio De Janeiro: EDURMAUAD, 2010.

_____. Juventud, generación y prácticas políticas: procesos de construcción de la categoría juventud rural como actor político. **Revista Argentina de sociología** AÑO 6 N°11- ISSN 1667-9261(2008), pp.237-256.

CASTRO, E. G. de; et al.. **Os jovens estão indo embora? : Juventude rural e a construção de um ator político.** Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

COGO, D. M. **Latino-americanos em diáspora: usos de mídias e cidadania das migrações transnacionais/ Denise Cogo.** – Rio de Janeiro: Tróbia, 2012.

CORADINI, L; PANDOLFO, G. Os jovens agricultores familiares e a reprodução geracional na agricultura familiar: estudo de caso dos jovens residentes no município de Faxinal do Soturno/RS. **XVI Congresso Brasileiro de Sociologia** 10 a 13 de setembro de 2013, Salvador (BA). Disponível em <http://www.automacaodeeventos.com.br/sigeventos/sbs2013/inscricao/resumos/0001/PDF_rab-aceito-2358-1.pdf> Acesso em 16 de mar. 2016

COUTINHO, C. P. & BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. Blog e Wiki: os futuros professores e as ferramentas da Web 2.0. In M. J. Marcelino & M. J. Silva (org.), **Actas do IX Simpósio Internacional de Informática Educativa (SIIE 2007)**, pp. 199-204. Porto: ESE-IPP.

CORRÊA, C. H. W. Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede. **Ciberlegenda**, n. 13 (2004). Disponível em <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/issue/view/14/showToc>>

_____. A Escola —Faz as Juventudes? Reflexões em Torno da Socialização Juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>> Acesso em 20 de mar. 2015
Departamento de Economia Rural. http://www.posextensaorural.ufv.br/?page_id=53

DIAS, D.; DOULA, S. M.; CARDOSO, P. O. Participação política nas redes sociais: um estudo entre jovens universitários. **Revista sociais & humanas** - vol. 30 / Nº 1 – 2017, (124-143).

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Tradução: André Stahel M. da Silva – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ESTEVAO, P.; SOUSA, D. N; DIAS, M. M.; LEITE, C. A. M. Inclusão digital e políticas públicas no meio rural: um estudo sobre os territórios digitais. **48º Congresso Sober**. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Campo Grande, julho de 2010.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo: Iglu, Fapesp, 2007.

FEIXA, C. Antropología de las edades. En: PRAT, Joan y MARTÍNEZ, Ángel (eds.). **Ensayos de Antropología Cultural**. Barcelona: s/d.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude, **Revista Sociedade e Estado** - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010.

FELIPPI, A. C. T.; ESCOSTEGUY, A. C. D. Juventude rural e novas formas de sociabilidade: um estudo do uso do celular no sul do Brasil. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, v. 14, n. 26 (2017). Disponível em: <<http://www.alaic.org/revistaalaic/index.php/alaic/article/view/906/481>> Acesso em: 15 maio 2017

FARR, R. M. Representações Sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI, P.A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**. São Paulo, Iglu, FAPESP, 2007.

FRANÇA, V. V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/314/195>> Acesso em: mar, 2017.

FERRÃO, J. Relações entre mundo rural e mundo urbano: Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 33, p. 45- 54, 2000.

FERREIRA, D. E. S. Inovações democráticas digitais e aumento na qualidade da democracia deliberativa no Brasil: experiências de orçamentos participativos digitais e semidigitais em Belo Horizonte e Recife. **38º Encontro Anual da Anpocs**. Caxambu, outubro de 2014.

GLOBO RURAL. <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2015/11/internet-e-celulares-no-campo-facilitam-comunicacao-e-productividade.html>

GONÇALVES, E. M. O Folclore na mídia de massa: Globo rural e aspectos folclóricos do homem do campo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Agosto de 2005

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

GUIMARÃES, G. M.; REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C.; BRANDÃO J. B. De sujeito ocultos (off-line) a sujeitos visíveis (on-line): protagonismo da juventude rural a partir de novas sociabilidades no rural contemporâneo. In: **O rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades/ organização Gisela Martins Guimarães ... [et. al.]**. – Ijuí, 2015. 400p. – Coleção Ciências agrárias.

GUISORDI, P. C.; BORIN, M. do E. S.. Ciberespaço e mobilização política: a campanha da ficha limpa. **Ponto-e-vírgula** nº16, pp. 237-252, 2014.

GOFFMAN, Eving. **Ritual de interação: ensaio sobre o comportamento face a face/ Eving Goffman; Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva**. – Petrópolis, RJ: Vozes. – (Coleção Sociologia), 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: dp&a; 2005.

JODELET, D. As representações sociais. In: JODELET, D (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-41

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representação Social. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia [recurso eletrônico]: realizando pesquisa etnográfica online** / Robert V. Kozinets ; tradução: Daniel Bueno ; revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Penso, 2014.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

LIMA, F. P. As contribuições do paradigma relacional para o estudo da comunicação no contexto organizacional. **II Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**. II Abrapcorp 2008, PUC Minas. Belo Horizonte, 28 a 30 de abril de 2008. Disponível em: http://www.abrapcorp.org.br/anais2008/gt1_pereira.pdf Acesso em: mar. 2017

LIMA, F.; BASTOS, F. Comunicação no contexto organizacional: afinal, o que é mesmo que estudamos? **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**: Natal, RN, 02 a 06 de setembro de 2008. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2054-1.pdf>> Acesso em: mar. 2017

LOPES, K; DOULA, S. M. Juventude rural na sociedade da informação: a internet e seus usos no Brasil. *Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, v. 24, n.2, p. 113-132, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/oikos/index.php/httpwwwseerufvbrseeroikos/article/view/130/175>> Acesso em 10 de set. 2016

MAFRA, R. L. Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 11, p. 105-118, 2010.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. **Sociologia da Juventude, I**: da Europa de Marx à América Latina de Hoje. Zahar Editores, 1968

MAINGUENEAU, Dominique. **Análises de texto em comunicação**. Tradução Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha – 3 ed. – São Paulo, Cortez: 2004.

MARGULIS M.; URRESTI, M. **La juventud es más que una palabra**; Error! Marcador no definido. Disponível em: <http://perio.unlp.edu.ar/teorias/index_archivos/margulis_la_juventud.pdf> Acesso em 23 de abr 2017

MARTINS, J. de S. **Linchamentos: a justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015

_____. **A sociabilidade do homem simples**. 2ª Ed. Editora Contexto, 2008.

_____. A crise do imaginário rural brasileiro: da roça à tapera. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 3, n. 1, p. 7-23, 2014.

_____. O desprezo pelo rural e pelas profissões relacionadas a ele empobrece a compreensão do que é o Brasil. Entrevista. **Jornal da UFV**, Viçosa, p.7, nº 1.453, jun./jul. 2013.

_____. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, Brasil, 1986.

MARSCHNER, W. R. As representações do espaço rural na literatura modernista, à exemplo do personagem jeca tatu. **Estudos de Sociologia**, Recife, 2015, Vol. 2 n. 21. Disponível em <<http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/500/390>> Acesso em: 09 de set 2017

MARQUES, F. P. J. A. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, pp, 164-187, 2006.

MALINI, F.; ANTOUN, H. O devir mundo do ocupar. *In: A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais/ Fábio Malini e Henrique Antoun. – Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.; (Coleção Cibercultura).*

MENEZES, I. G. de. Enxada versus caneta: Educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 3, n. 1 mai. 2009.

MENEZES, M. A. de; STROPASOLAS V. L.; BARCELLOS S. B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil** / Marilda Aparecida de Menezes, Valmir Luiz Stropasolas, Sergio Botton Barcellos, organizadores. – Brasília : Presidência da República, 2014. 268 p. : il. – (Coleção juventude. Série estudos ; n. 1) Co-edição com o NEAD/MDA e IICA.

MILHOMENS, L. **Entendendo o Ciberativismo Sem-Terra e a Nova Esfera Pública Interconectada**. 35º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, outubro de 2011. Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=438%3Anais-do-encontro-mrs-gps-sps&catid=62%3A35o-encontro&Itemid=353>

MITOZO, I. B. E-Participação e mecanismos de interferência civil: o Portal e-Democracia e a discussão das Leis do Orçamento Nacional. **38º Encontro Anual da Anpocs** Caxambu, outubro de 2014 Disponível em: <http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1272%3Aanais-do-encontro-gt-e-spg-&catid=1214%3A38-encontro-anual-da-anpocs&Itemid=456>.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais – investigações em Psicologia Social**. 5 ed. São Paulo: Editora Vozes, 2007.

MOREIRA, R. J. Pensando o rural da modernidade e dos nossos tempos. Disponível em <r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/download/354/350> Acesso em 25 de ago. 2017

MURILHO, E. O cotidiano dos Jovens em Juiz de Fora, seus enfrentamentos, expectativas e visões de sua própria juventude. **Projeto de Pesquisa**. FAPEMIG, 2013.

NOVAES, R.; VITAL, C. **A juventude de hoje: (re)invenções da participação social**. In: Associando-se à juventude para construir o futuro / [organizador Andrés A. Thompson... [et. al.]; revisão e tradução do espanhol Fernando Legoni]. – São Paulo: Peirópolis, 2005.

NOVELI, M. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? **Organizações em contexto**, Ano 6, n. 12, julho-dezembro 2010.

OLIVEIRA, J. A. de; ALMEIDA, R. de O. Juventude e novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo redes de significados. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 2, p. 70-89, 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 mar. 2017.

OLIVEIRA, E. B. de; DUTRA, M. L. Um levantamento sobre do uso de ferramentas da Web 2.0 entre os estudantes da Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. **Revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 39, p. 153-182, jan./abr., 2014. ISSN 1518-2924. DOI: 10.5007/1518-2924.2014v19n39p153. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p153>> Acesso em: mar, 2017

O'REILLY, T. **Web 2.0: compact definition?** Disponível em: <http://radar.oreilly.com/archives/2005/10/web_20_compact_definition.html> Acesso em: mar, 2017.

_____. **WHAT IS WEB 2.0: Design patterns and business models for the next generation of software.** Disponível em: <<http://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html?page=1>> Acesso em: mar, 2017.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PARENTE, R. G. de A; LIRA, A. F. Responsabilidade Social: o caso da empresa Souza Cruz. **XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste** – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014.

PARNAIBA, C. dos S; GOBBI, M. C. Os Jovens e as Tecnologias da Informação e da Comunicação: aprendizado na prática. Revista Anagrama: **Revista Científica Interdisciplinar da Graduação.** Ano 3 - Edição 4 – Junho-Agosto de 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewFile/7025/6431>> Acesso em: mar, 2017

PAULO, M. de A. L. de. **Juventude Rural: Suas construções identitárias.** 1. ed. Recife, Editora Universitária: UFPE, 2011. 324p.

_____. Entre a vergonha e o orgulho: o dilema dos jovens rurais em relação a profissão de agricultor. **Reunião Equatorial de Antropologia**, Fortaleza. IV REA ABANNE, 2013.

_____. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município.** Tese de doutorado em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010

PESAVENTO, S. J. Em Busca de uma outra História: Imaginando o Imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, N ° 5, Mai/Jun/Jul/Ago 1997. Disponível em: <http://anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf> Acesso em 25 de abr. 2015

PEREIRA, E. G.; OLIVEIRA, L. R. TIC na educação: desafios, conflitos e potencialidades pedagógicas com a web 2.0. **Anais do x colóquio sobre questões curriculares & vi colóquio luso brasileiro de currículo.** Desafios contemporâneos no campo do currículo I Belo Horizonte-MG 1 Setembro de 2012. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/24382/1/TIC%20na%20Educacao_desafiosconflitos%20e%20potencialidades%20pedagogicas%20com%20a%20WEB%202.0_brasil_eiro.pdf> Acesso em: mar, 2017

PECHULA, M. R. A ciência nos meios de comunicação de massa: divulgação de conhecimento ou reforço do imaginário social?. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru , v. 13, n. 2, p.

211-222, Aug. 2007. Disponível em
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132007000200005&lng=en&nrm=iso>. access on 02 Mar. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-73132007000200005>.

PIZZANI, L.; SILVA, R. C. da; BELLO, S. F.; HAYASHI, M. C. P. I. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. *ev. Dig. Bibl. Ci. Inf.*, Campinas, v.10, n.1, p.53-66, jul./dez. 2012 – ISSN 1678-765X.

PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E-Compós** (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007

PRIMO, A. F. T. A emergência das comunidades virtuais. In: **Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em:<http://www.pesquisando.atravesda.net/comunidades_virtuais.pdf>.

PRITCHARD, Evans. **Os Nuer**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993, 1-21.

RECUERO, R. da C. Comunidades Virtuais: Uma Abordagem Teórica. Artigo apresentado no **V seminário Internacional de Comunicação**, GT de Tecnologia das Mídias. (outubro de 2002). Disponível em: <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.htm>>

REDE JOVEM RURAL. <http://www.jovemrural.com.br/>

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. da; GUIMARÃES, G. M.; SANTOS, V. F. dos. **Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas tics**. *Signos do Consumo*, São Paulo – v.5, n.2, 2013. p. 225-244, dez. 2013

REDIN, E.; SANTOS, V. F. SILVEIRA, P. R. C. da. A juventude rural em ação. In: **O rural contemporâneo em debate: temas emergentes e novas institucionalidades/ organização Gisela Martins Guimarães ... [et. al.]**. – Ijuí, 2015. 400p. – Coleção Ciências agrárias.

RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Revista de Geografia Agrária, Uberlândia**, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Ano I - Número I - Julho de 2009.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável** / organização: Paula YoneStroh.- Rio de Janeiro, Garamond, 2008, 3ª ed.

_____. Estratégias de Transição para o século XXI. In: BURZTYN, M. **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. Editora brasiliense, 1994, 2ª ed.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003

SANTOS, C. Q.; CARDOSO, A. M. P. Inclusão digital e desenvolvimento local. **TransInformação**, Campinas, 21(1): 7-22, jan./abr., 2009.

SANTOS, F. M.; GOMES, S. H. A. Etnografia virtual na prática: análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. **7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura**, 2013. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_1_Educacao_e_Processos_de_Aprendizagem_e_Cognicao/26054arq02297746105.pdf> Acesso em: 12 out. 2016

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, 2004, 15(3), 11-28.

SCHNEIDER, C. P.. **Agricultura familiar e empreendedorismo um estudo sobre as trajetórias de jovens egressos do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR) no Vale do Rio Pardo RS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2008.

SCHNEIDER, S. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan/jun 2004, p. 88-125

SEGATA, Jean. A Etnografia como Promessa e o “Efeito Latour” no Campo da Cibercultura. **ILHA** v. 16, n. 2, p. 69-87, ago./dez. 2014.

SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado, Brasília**. Vol. 21, nº.1, pp, 109-130, jan./abr, 2006. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100007 Acesso em 16 jun de 2016

SILVA, F.P. **A sociologia brasileira e os primeiros estudos sobre a juventude e o universo estudantil**. S/L, 2010. Disponível em www.cchla.ufpb.br/caos/n16/artigo-6-fabiano.doc. Acesso em: 28 de abr. 2016.

SILVA, J. G. da. Velhos e novos mitos do rural brasileiro. **Estud. av.**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 37-50, Dec. 2001. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300005&lng=en&nrm=iso>. access on 17 Nov. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300005>.

SILVA, V. C; COUTO E. S. Convergência Cultural-midiática: as tecnologias e a fluidez da juventude na cibercultura. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador – Bahia – Brasil. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14165.pdf>> Acesso em: mar, 2017

SILVA, V. G. “Nos bastidores da pesquisa de campo”. **Cadernos de campo**, São Paulo, ano 8, n. 7, 1997-8, p. 239-42.

_____. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**, São Paulo, Edusp, 2000.

SILVA, S. Blog como recurso educacional na web 2.0. **Revista Iluminart do IFSP**. São Paulo, v. 1, n. 3, p. 27-35, dez, 2009. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/blogs/4.pdf> acesso em: mar, 2017.

SIQUEIRA, D. C. A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo. São Paulo: Annablume, 1999.

SCHONS, C. H. O volume de informações na Internet e sua desorganização. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 12, n. 1, jan./jun. 2007

SPINK, M. J. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. p. 117-145.

SPOSITO, M. P. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. spe, abr. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000400008&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 02 abr. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022010000400008>.

_____. **Considerações em torno do conhecimento sobre juventude e escolarização (1980-1998)**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/juventude_escolarizacao_n7_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.

_____. **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual_0.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.

SOUSA, J. F. De; GOBBI, M. C. Geração Digital: uma reflexão sobre as relações da “juventude digital” e os campos da comunicação e da cultura. **Revista GEMInIS**, ano 5 - n. 1 - v. 2, p. 129-145, s/d. Disponível em: <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/193>> Acesso em: mar, 2017.

SOUSA, C. A. M. Novas linguagens e sociabilidades: como uma juventude vê novas tecnologias. **Interacções**, Brasília, vol. 7, n. 17, pp.170-188, 2011. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/452>>. Acesso em 05 jun de 2016.

SOUZA, R. M. de. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese de doutorado em sociologia, da faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo, 2006.

_____. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 1(1): 1-28, 2009.

SORJ, B.; GUEDES, L. E. Exclusão digital: problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 72, p. 101-117, July 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-

33002005000200006&lng=en&nrm=iso>. access on 02 dez. 2012.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002005000200006>.

SOUZA _____ CRUZ.
http://www.souzacruz.com.br/group/sites/SOU_AG6LVH.nsf/vwPagesWebLive/DOAGFLH6?opendocument

SPANEVELLO, R. M. Jovens rurais, identidade social e reprodução geracional. **XLIII congresso da sober** - Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural. Ribeirão Preto, 24 a 27 de Julho de 2005.

SPINDOLA, M. C. P.; VILLARDI, Raquel Marques. Essa tal geração internet. **Semioses**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 105 - 110, jul. / dez. 2015. Disponível em:<<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/1981996X.2015v9n2p105>> Acesso em: mar, 2017

STROPASOLAS, V. L.. **O mundo rural no horizonte dos jovens**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. **A dimensão da diversidade social na abordagem das crianças e jovens rurais**. Sociologia da Infância e da Juventude, 2013. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/biblioteca/gt/GT22/GT22_Stropasolas.pdf>. Acesso em: 12.11.2016.

STROPASOLAS, V. L. **I Seminário Juventude e Políticas Pública. Juventude rural e políticas públicas no Brasil** / Marilda Aparecida de Menezes, Valmir Luiz Stropasolas, Sergio Botton Barcellos, organizadores. – Brasília : Presidência da República, 2014. 268 p. : il. – (Coleção juventude. Série estudos ; n. 1) Co-edição com o NEAD/MDA e IICA.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAUK SANTOS, M. S. **Inclusão digital, Inclusão Social?** Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares. Recife: Edições Bagaço, 2009.

TECHIO, E. M.; GONCALVES, J. P.; COSTA, P. N. Representação social da sustentabilidade na construção civil: a visão de estudantes universitários. **Ambient. soc.** [online]. 2016, vol.19, n.2 [cited 2017-09-21], pp.187-204. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2016000200187&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1414-753X.
<http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422ASOC130991V1922016>.

TERRA, D. C. Juventude e escolarização (1980-1998). **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 196-197, Dec. 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 jul. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300016>.

